



**Coser o tecido fragmentado**  
**Projeto de desenho e requalificação urbana ao**  
**longo do eixo Bairro das Nogueiras e Teixoso**

**Versão final após defesa**

**Hannah Figliolino Mendes**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(mestrado integrado)

Orientador: Professor Doutor João Paulo Fialho de Almeida Pereira Delgado

Coorientadora: Professora Doutora Rita Martins Ochoa

**fevereiro de 2024**

Coser o tecido fragmentado.

Coser o tecido fragmentado.

## **Declaração de Integridade**

Eu, Hannah Figliolino Mendes que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 38708 de Arquitetura da Faculdade de Engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 19 / 02 / 2024

*Hannah Figliolino Mendes*

Coser o tecido fragmentado.

## **Dedicatória**

À memória de Nildes Fernandes Mendes, minha querida avó.

Coser o tecido fragmentado.

## Agradecimentos

Agradeço à minha família, principalmente aos meus pais, mesmo distantes, me possibilitaram chegar ao fim de mais uma etapa da minha vida e que depositaram sempre muito apoio e confiança. À minha mãe, pelo amor único, pelas ajudas durante várias ligações e pela paciência. A meu pai, por sempre me encorajar, apoiar as minhas decisões e pelo carinho absoluto. A meu irmão, pelas conversas e brincadeiras que deixaram esse processo mais leve. A meus tios, tias, primos e primas, apesar de estarem no Brasil ou em outro canto do mundo, me deram suporte durante essa etapa. Aos meus avós, em particular, à minha avó Nildes, apesar de sua partida em 2022, as lembranças das conversas corriqueiras e o amor incondicional me deram força para continuar.

Ao professor João Paulo Delgado, pelo tempo, pelas conversas boas e precisas, pela paciência e pela compreensão que teve durante os momentos de maiores dúvidas nesta orientação. Ainda ressalto, para além do papel de orientador, a importância como diretor do curso, pelo saber escutar os alunos, em particular, a esse grupo que orientou e coorientou, e pelas oportunidades e os projetos que nos possibilitou. À professora Rita Ochoa, pelo começo e pelo findar dessa etapa acadêmica, pelas oportunidades dadas, por ter acreditado no potencial de cada um e pela paciência durante todo o percurso e coorientação. A todos os professores que tive o privilégio de assistir às aulas e que fizeram crescer meu amor pela arquitetura e as suas infinitas possibilidades.

Aos colegas que conheci durante esses anos de curso. A todos os meus amigos que nunca hesitaram em estar e ajudar nos bons e nos maus momentos. Especialmente, à Flávia, ao Leonardo e à Sofia, pelo projeto em Boidobra e pelas aventuras na Trienal. E aos meus amigos Patrícia e Joel pelo apoio durante a etapa final dessa dissertação.

*Tenho amigos para saber quem eu sou.*

Coser o tecido fragmentado.

Coser o tecido fragmentado.

**Nota**

A presente dissertação está escrita em português Brasil com o novo Acordo Ortográfico de 2009.  
A formatação utilizada para a bibliografia é a Norma APA (American Psychological Association) 6ª edição.

Coser o tecido fragmentado.

## **Resumo**

Devido a um planeamento caótico e desigual de várias áreas urbanas, provocou-se em seu tecido, o distanciamento e a exclusão de uma população. A presente dissertação destina-se à realização de um projeto de desenho urbano como solução para o isolamento socioespacial e o desenvolvimento da pluralidade do espaço urbano no bairro municipal, no interior de Portugal. Focando no tema de requalificação urbana de uma parte do tecido urbano, relativo ao eixo de ligação TCT – Torto sendo, Covilhã e Teixoso, na freguesia de Teixoso e no Bairro das Nogueiras.

Esta dissertação terá como a consequência de uma investigação em torno da concepção de um projeto de desenho urbano, sendo ele, composto em duas vertentes, uma ligada a escala urbana Covilhã - Teixoso, com aplicação prática do redesenho da uma das vias de ligação entre o bairro e a freguesia. Como também, o projeto de ambiências e a criação de um percurso mais confortável e seguro.

A segunda consiste no enfoque em um manifesto, arquitetónico e urbano, para o bairro das Nogueiras, do qual propõe-se a crítica e o pensar no redesenho das estruturas presentes no bairro e a criação de novos espaços públicos, seguindo-se do detalhamento das diferentes partes idealizadas para o bairro. A concepção de arquitetura, será assim, a forma de representação gráfica das questões abordadas ao longo da dissertação.

## **Palavras-chave**

Requalificação urbana | Desenho urbano | Arquitetura | Coesão territorial | Direito à cidade | Fragmentação | Bairro das Nogueiras | Covilhã.

Coser o tecido fragmentado.

## **Abstract**

Due to chaotic and unequal planning of various urban areas, a population has become isolated and excluded from their community. This dissertation aims to develop an urban design project as a solution to socio-spatial isolation and to promote the plurality of urban space in the municipal district, located in the interior of Portugal. Focusing on the theme of urban revitalization of a part of the urban fabric related to the TCT-Tortosendo, Covilhã, and Teixoso in the district of Teixoso and in the Nogueiras neighborhood.

This dissertation will result from an investigation into the conception of an urban design project composed of two parts. The first is related to the urban scale of Covilhã-Teixoso and includes the practical application of the redesign of one of the connecting roads between the neighbourhood and the parish. The project also includes the design and creation of a comfortable and safe route.

The second part focuses on an architectural and urban manifesto for the Bairro Nogueiras, which proposes a critical review of the redesign of the existing structures and the creation of new public spaces, followed by a detailing of the distinct parts idealized for the neighbourhood. The architectural design will thus serve as a graphic representation of the issues addressed throughout the dissertation.

## **Keywords**

Urban requalification | Urban design | Architecture | Territorial cohesion | The right to the city | Fragmentation.

Coser o tecido fragmentado.

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
Objetivos e questões	2
Metodologia de trabalho	8
Estrutura da dissertação	11
<b>01. Conceitos urbanos e sociais</b>	<b>12</b>
1.1 “Monumentalizar a periferia” - Ressignificação arquitetônica e urbana	12
1.2 A rua na constituição do espaço	23
1.3 A esfera da vida pública e cotidiana	33
<b>02. O Bairro das Nogueiras e suas dissonâncias</b>	<b>45</b>
2.1 O desdobramento do Bairro no contexto da Cidade	45
2.2 Reflexões nas inflexões de Teixeira e Nogueiras	50
2.3 A Identidade sociocultural na construção arquitetônica e urbana	65
<b>03. Caracterização urbana</b>	<b>75</b>
3.1 O espaço público e suas ambiências	75
3.2 Eixos estruturadores – Eixo TCT	92
3.3 Espacialidades urbanas - Formas e usos no Eixo	96
<b>04. O coser do espaço</b>	<b>105</b>
4.1 A escala como experiência	105
4.2 O manifesto para Nogueiras	112
4.3 Do novo Eixo ao Bairro	123
<b>05. Considerações Finais</b>	<b>139</b>
<b>06. Bibliografia</b>	<b>141</b>

Coser o tecido fragmentado.

# Lista de Figuras

<b>01. Acompanhamento do projeto Pátio dos 80. Boidobra, Covilhã</b>	<b>02</b>
(Fonte: Fotografia feita por Leonardo Ramires. Croqui feito pela autora)	
<b>02. Painéis da Trienal de Arquitetura de Lisboa</b>	<b>04</b>
Painéis elaborados por Flávia Pinto, Hannah Figliolino, João Paulo Delgado, Leonardo Ramires, Ricardo Tereso, Rita Ochoa e Sofia Silva (Fonte: <a href="https://www.circodeideias.pt/produto/emerging-voices-on-new-architectural-ecologies/">https://www.circodeideias.pt/produto/emerging-voices-on-new-architectural-ecologies/</a> )	
<b>03. A Rua da Estrada</b>	<b>06</b>
(Fonte: Imagem retirada do livro, A Rua da Estrada, 2009, de Álvaro Domingues)	
<b>04. Fotografias do percurso</b>	<b>09</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>05. A Cidade Antítese</b>	<b>13</b>
Imagem feita por Flávia Pinto, Hannah Figliolino e Sofia Silva (Fonte: Cidade Criativa. (2022). Universidade da Beira Interior, p. 33)	
<b>06. O espaço do devir. A dobra entre a Covilhã e Teixoso</b>	<b>15</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://www.google.com/maps/place/Teixoso/">https://www.google.com/maps/place/Teixoso/</a> )	
<b>07. O coser e o monumentalizar o espaço</b>	<b>17</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>08. A arquitetura da cidade. Cidade análoga de Rossi, 1966</b>	<b>19</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>09. A busca à resignificação</b>	<b>21</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>10. A constituição da rua. <i>Brin-criar</i> no Bairro das Nogueiras</b>	<b>24</b>
Acompanhamento da atividade <i>Brin-Criar no Bairro</i> elaborada pela aluna Sofia Silva durante o mês de abril no ano de 2022 (Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>11. Ruas pelo mundo e suas diversidades</b>	<b>26</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>12. Jane Jacobs. Manifestação contra o elevador em Manhattan, 1960</b>	<b>28</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	

<b>13. Estudo preliminar de Artigas para o projeto do Anhangabaú, 1974</b>	<b>30</b>
Imagens editadas pela autora (Fonte: Bucci, A. (1998). Anhangabaú, o Chá e a Metrópole [Dissertação de Mestre em Arquitetura]. Universidade de São Paulo)	
<b>14. Eixo Teixoso - Nogueiras</b>	<b>32</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://www.google.com/maps/place/Teixoso">https://www.google.com/maps/place/Teixoso</a> )	
<b>15. A compleição da esfera pública</b>	<b>34</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>16 e 17. A dialética do interior e exterior. Bairro das Nogueiras</b>	<b>36</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>18. MuBE. Paulo Mendes da Rocha, 1986</b>	<b>36</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="http://www.leonardofinotti.com/projects/mube">http://www.leonardofinotti.com/projects/mube</a> )	
<b>19. O esgotamento do espaço público. Bairro das Nogueiras</b>	<b>40</b>
(Fonte: Fotografia feita pela autora)	
<b>20. <i>Le fils de l'homme</i>. René Magritte, 1964</b>	<b>42</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://magritte.com/fr/rene-magritte">https://magritte.com/fr/rene-magritte</a> )	
<b>21. Balneário de Bellinzona. Aurélio Galfetti, 1970</b>	<b>44</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://www.atlasofplaces.com/architecture/il-bagno-di-bellinzona/">https://www.atlasofplaces.com/architecture/il-bagno-di-bellinzona/</a> )	
<b>22. Extensão Covilhã – Teixoso</b>	<b>46</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>23. Gráficos estatísticos sobre o Bairro das Nogueiras de 2021</b>	<b>48</b>
Dados fornecidos pela Beira Serra (Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>24. Planta de Teixoso</b>	<b>50</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>25. A vivenciar o início de um percurso</b>	<b>52</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>26. Uma casa logo ali. A desavir realidades distintas</b>	<b>54</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>27. O mundo urbano e rural</b>	<b>56</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	

<b>28. Percurso, <i>road movies</i> e memórias</b>	<b>58</b>
Fotografias feitas pela autora e imagens editadas pela autora (Fonte: Fellini, F. (Diretor). (1954). <i>La strada</i> , Radford, M. (Diretor). (1994). <i>Il postinho</i> )	
<b>29. Ao imaginário rural. E ao devir</b>	<b>60</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>30. Finalmente a chega ao Bairro</b>	<b>62</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>31. Vista do Bairro</b>	<b>64</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>32. Bairro das Nogueiras, Teixoso</b>	<b>66</b>
(Fonte: Fotografia feita pela autora)	
<b>33. Mapa Teixoso. Nogueiras e suas necessidades</b>	<b>68</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>34. <i>La ciudad imposible</i>. Jorge Peligro, Valladolid, 2022</b>	<b>70</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://jorgepeligro.es/">https://jorgepeligro.es/</a> )	
<b>35. Vivência do espaço construído. Bairro das Nogueiras</b>	<b>72</b>
(Fonte: Fotografia feita pela autora)	
<b>36. Bairro da Malagueira. Álvaro Siza, SAAL, 1977</b>	<b>74</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: Fernando Guerra - <a href="https://www.archdaily.com.br/br/883218/quinta-da-malagueira-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra">https://www.archdaily.com.br/br/883218/quinta-da-malagueira-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra</a> )	
<b>37. Bairro da Bouça. Álvaro Siza, SAAL, 1970</b>	<b>76</b>
(Fonte: Fotografia feita pela autora)	
<b>38. Weissenhofsiedlung. Stuttgart, 1927</b>	<b>78</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://thecharnelhouse.org/">https://thecharnelhouse.org/</a> )	
<b>39. Documentário sobre o SAAL</b>	<b>80</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://www.filmin.pt/filme/as-operacoes-saal">https://www.filmin.pt/filme/as-operacoes-saal</a> )	
<b>40. The social life of small urban spaces. William Whyte, 1980</b>	<b>82</b>
Imagem editada pela autora (Fonte: <a href="https://storymaps.arcgis.com/stories/">https://storymaps.arcgis.com/stories/</a> )	
<b>41 e 42. Diluição do espaço público. Bairro das Nogueiras</b>	<b>84</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	

<b>43 e 44. O improviso no espaço. Bairro das Nogueiras</b>	<b>86</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>45 e 46. Espaços moldados. Bairro das Nogueiras</b>	<b>88</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>47. O estudo do espaço</b>	<b>90</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>48. A função do bairro para as pessoas</b>	<b>92</b>
(Fonte: Fotografias feitas pela autora)	
<b>49. Estruturação do eixo TCT</b>	<b>94</b>
(Fonte: Fotografia e imagem feitas pela autora)	
<b>50. Relação do Eixo com o tecido urbano</b>	<b>96</b>
(Fonte: Fotografia e imagem feitas pela autora)	
<b>51. Espaços públicos no concelho da Covilhã e suas relações</b>	<b>98</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>52. Relação entre estruturas viárias, hidrografia e vias rurais na composição do território</b>	
(Fonte: Imagem feita pela autora)	<b>100</b>
<b>53. Espacialidades urbanas - Formas e usos</b>	<b>102</b>
(Fonte: Fotografia e imagem feitas pela autora)	
<b>54. Formas e usos ao longo do Eixo</b>	<b>104</b>
(Fonte: Fotografia e imagem feitas pela autora)	
<b>55. Articulação entre o centro da Covilhã e Teixoso</b>	<b>106</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>56. Articulação entre o parque do Ibirapuera (1950) e Teixoso</b>	<b>108</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>57. Articulação entre high line, NY (2003) e Teixoso</b>	<b>110</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>58. Articulação entre parque de Chengtoushan (2016) e Teixoso</b>	<b>112</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	

<b>59. Articulação entre Sesc Pompéia (1986) e Teixoso</b>	<b>114</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>60. A inexistência do Eixo</b>	<b>116</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>61. Paul Citroën, Metrópolis, 1923</b>	<b>118</b>
Imagem editada pela autora	
(Fonte: <a href="https://www.moma.org/interactives/objectphoto/objects/83984.html">https://www.moma.org/interactives/objectphoto/objects/83984.html</a> )	
<b>62. Formalização da urbe</b>	<b>120</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>63. Um manifesto</b>	<b>122</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>64. Reinventar e organizar os espaços ao redor</b>	<b>124</b>
(Fonte: Imagem e croquis feitos pela autora)	
<b>65. Eixo Canhoso - Teixoso</b>	<b>126</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>66. Malha no território</b>	<b>128</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>67. A Estrutura</b>	<b>130</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>68. A Estrutura no quinto troço</b>	<b>131</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>69. A Estrutura no Bairro</b>	<b>133</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>70. A Estrutura em Nogueiras. Hortas</b>	<b>134</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>71. A Estrutura. Pilares habitáveis</b>	<b>136</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>72. A Estrutura da Cidade</b>	<b>137</b>
(Fonte: Imagem feita pela autora)	
<b>73. Maquete síntese. Eixo TCT .Território da Covilhã ao Bairro</b>	<b>138</b>
(Fonte: Imagem e maquete feitas pela autora)	

Coser o tecido fragmentado.

## **Lista de Acrónimos**

**BS.** Bairros Saudáveis

**IS.** Internacional Situacionista

**PDM.** Plano Diretor Municipal

**PNPOT.** Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território

**PP.** Plano de Pormenor

**PROT.** Planos Regionais de Ordenamento do Território

**PUGC.** Plano de Urbanização da Grande Covilhã

**PU.** Plano de Urbanização

**REOT.** Relatório do Estado do Ordenamento do Território

**SAAL.** Serviço Ambulatório de Apoio Local

**SESC.** Serviço Social do Comércio

**TCT.** Tortosendo, Covilhã, Teixoso

**UBI.** Universidade da Beira Interior

Coser o tecido fragmentado.



## Introdução

A presente dissertação é desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira do Interior (MIA-UBI). A finalidade desta investigação surge da contradição nas formalizações dos conjuntos urbanos e nas infraestruturas, às quais, geram barreiras e interrupções na malha urbana, que dificultam a mobilidade e criam descontinuidade nas cidades. Ao longo do percurso académico, foram proporcionados acontecimentos, os quais, estreitaram a ligação entre alunos, a arquitetura, as práticas arquitetónicas sociais e a participação efetiva nas transformações em territórios periféricos.

A ligação com o território de Teixoso, em específico, o bairro das Nogueiras se inicia após a incitação da professora Rita Ochoa e o professor João Paulo Delgado, coorientadora e orientador respectivamente desta dissertação, à participação concreta na elaboração de dois projetos nos territórios da Covilhã. Foi posto a quatro estudantes de arquitetura, nomeadamente, Flávia Pinto, Leonardo Ramires, Sofia Silva e a autora desta dissertação, a concretização de projetos de carácter urbano e ambos ligados ao programa Bairros Saudáveis (BS)<sup>1</sup>. Em primeira instância, foi designado e concluído, em de novembro de 2021, um projeto de requalificação de um vazio urbano na freguesia de Boidobra (*Pátio dos 80*)<sup>2</sup> (Figura 1).

Após a realização de tal projeto foi apresentado o segundo local e a segunda proposta feita pela Beira Serra Associação de Desenvolvimento<sup>3</sup> (*Projeto Pontes*)<sup>4</sup>. Um projeto requalificação dos espaços públicos do Bairro da Nogueira, no Teixoso, Covilhã, O Bairro foi candidato ao Programa Nacional Bairro Saudáveis, no ano de 2021, também submetido pela associação. Entretanto, decidiu-se não realizar o projeto devido à inviabilidade do grupo de alunos.

---

<sup>1</sup> O programa Bairros Saudáveis é um programa público participativo que visa melhorar o estado de saúde, o bem-estar e a qualidade de vida das comunidades vulneráveis. Saúde não é apenas ausência de doença. Trata-se de um programa de intervenção de pequena escala para apoiar projetos apresentados por associações, autoridades locais, organizações não governamentais, movimentos civis e organizações de moradores em cooperação com autoridades locais, autoridades de saúde e outras autoridades públicas. O principal objetivo é dar algum poder às pessoas e organizações que trabalham nas comunidades locais e áreas vulneráveis, no sentido de que possam fazê-lo. Foi lançado pela Resolução do Conselho de Ministros 52-A/2020 de 1 de julho. Este regulamento de investigação foi aprovado por despacho ministerial conjunto e entrou em vigor em 16 de outubro de 2020 (Bairros Saudáveis, 2022).

<sup>2</sup> Pátio dos 80 possuiu como entidade promotora Beira Serra – Associação de Desenvolvimento e como entidades parceiras: Junta de Freguesia de Boidobra, Município da Covilhã, ACES (Agrupamento de Centros de Saúde) Cova da Beira, Universidade da Beira Interior. Para mais informações sobre a candidatura aceder : <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/00000015/index.htm>.

<sup>3</sup> Beira Serra Associação de Desenvolvimento é uma organização sem fins lucrativos que atua na região da Cova da Beira (Desenvolvimento B. S.-A., 2022).

<sup>4</sup> Candidatura do projeto Pontes. Programa Bairros Saudáveis. Aceder : [www.bairrossaudaveis.gov.pt](http://www.bairrossaudaveis.gov.pt).

Coser o tecido fragmentado.



0 1. Acompanhamento do projeto Pátio dos 80. Boidobra, Covilhã (Ramires, 2021).

No entanto, tal relação e a experiência de trabalhos, como estes, foram desencadeadores para a participação e seleção do projeto *Achitatures of (inter) action*, na Trienal de Arquitetura de Lisboa de 2022 (Figura 2), elaborado com o mesmo grupo de alunos e professores, e selecionado para publicação no livro *Emerging voices on new architectural ecologies* (Veríssimo & Burnay, 2022). Assim como, suscitou o desenvolver de quatro dissertações<sup>5</sup> com o bairro e o programa Bairros saudáveis como tema a explorar<sup>6</sup>.

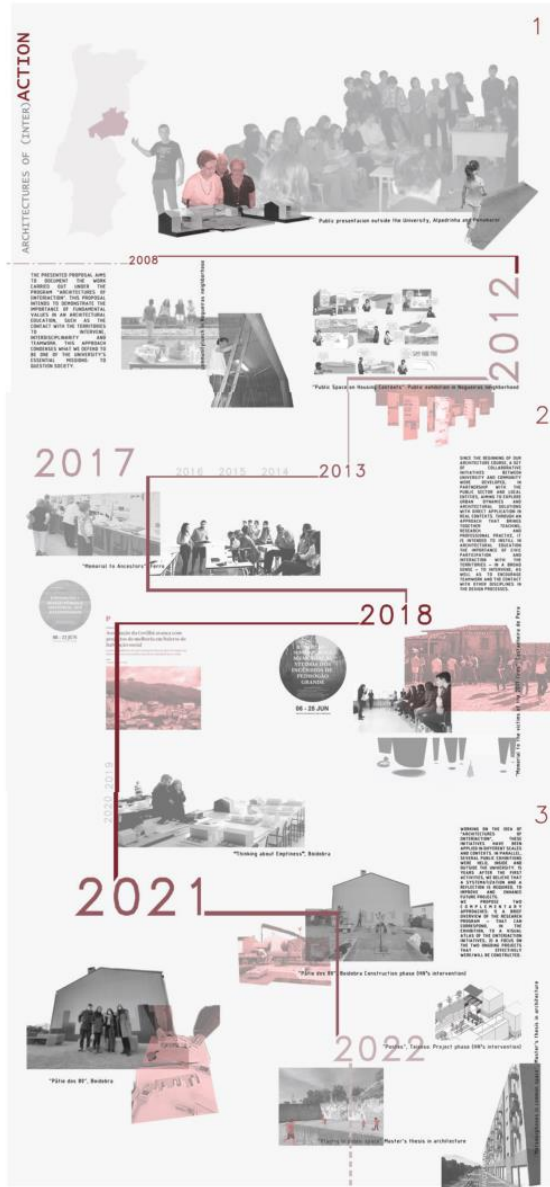
Com isso, o anseio pelo tema e pela continuação da exploração do território de Teixoso e o bairro, o trabalho divide-se em focar nas análises da dicotomia entre os obstáculos físicos à expansão do território e as ligações urbanas que se estabelecem nas cidades. A última parte corresponde à resposta prática do projeto aos temas lançados e a elaboração de um manifesto procurando questionar e resolver a debilitação do território ao longo do eixo existente, Tortosendo -Covilhã - Teixoso (TCT), e ao Bairro, transformando-o num ensejo de ligação e coesão.

---

<sup>5</sup> Metamorfoses no espaço comum. Espaço público como elemento revitalizador do bairro das Nogueiras. (Dissertação de mestrado realizada por Flávia Pinto); Coser o tecido fragmentado. Projeto de desenho e requalificação urbana ao longo do eixo Bairro das Nogueiras e Teixoso. (Dissertação de mestrado realizada por Hannah Figliolino); Intervenções Espaciais em Territórios Vulneráveis Programa Bairros Saudáveis. (Dissertação de mestrado realizada por Leonardo Ramires); Brincar no espaço público. (Re) qualificação do Bairro das Nogueiras, Teixoso. (Dissertação de mestrado realizada por Sofia )

<sup>6</sup> Para mais informações sobre o projeto; aceder : <https://www.circodeideias.pt/en/produto/emerging-voices-on-new-architectural-ecologies/>.

Coser o tecido fragmentado.



Architectures of (inter)Action in the Healthy Neighbourhoods Program, Chronology of interventions  
Courtesy: Hannah Figliolino and Rita Ochoa

o 2. Painéis da Trienal de Arquitetura de Lisboa (Veríssimo & Burnay, 2022).

## Objetivos e questões

O processo de afastamento urbano surgiu como consequência do planejamento caótico e desigual de várias áreas urbanas. Por meio do estudo e da reflexão, pode-se perceber como a intervenção arquitetônica ajuda na requalificação de um bairro em todas as suas esferas. Tendo em vista as inquietações observadas no território, a priori, foi lançada uma questão de partida para o desenvolver da dissertação:

- Como o redesenho, a requalificação, o desenho e a criação de novos espaços públicos e urbanos podem contribuir para a inclusão, a ressignificação e o desenvolvimento de um território, para assim, garantir a sua identidade e valorização?

Perante esta questão, a investigação tem como objetivo central compreender o território urbano onde o bairro das Nogueiras está inserido, perceber sua morfologia, sua história, sua composição social, seus eixos estruturadores e suas articulações. Assim, em um primeiro momento, objetiva-se:

- Analisar as estruturas e eixos articuladores do território da Covilhã e suas implicações à formação de Teixoso e, conseqüentemente, o Bairro das Nogueiras.
- Verificar as diferenças existentes nos espaços urbanos presentes, sendo ao longo do eixo e no Bairro. Como consequência, comparar suas caracterizações e seus usos.
- Sistematizar e qualificar os percursos e tipos de acessos existentes e suas variedades físicas e visuais.
- Compreender a relação e a dicotomia entre o espaço rural, do campo e o urbano presentes no território de Teixoso e ao longo do eixo.

A dissertação circunda em torno da busca de encontrar a resposta mais coerente ao território de Teixoso e aos espaços adjacentes ao Bairro e às dificuldades apresentadas.

No segundo momento,

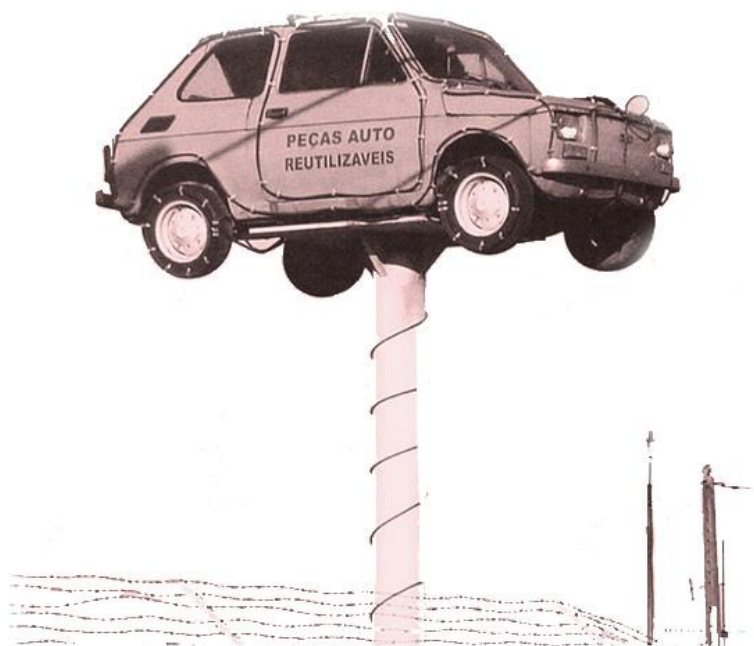
- Por meio de um manifesto, apresentar as inquietações e problemáticas vigentes e propor da maneira descritiva e gráfica às soluções.
- A realização de uma estrutura integrada ao eixo estrutural a servir de base para as deslocamentos. O projeto e o programa apresentam como consequência do lugar e vem fundamentar o desenho das novas ligações e espaços de permanência que funcionam, num todo, como o novo passeio público para o território ao todo.

Coser o tecido fragmentado.

Álvaro Domingues

*A Rua da Estrada*

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA  
DAFNE EDITORA



**03.** A Rua da Estrada (Domingues, 2009).

A justificativa do tema está e sua relevância estão mencionadas na introdução. Com isso, o ambição pelo tema sobre as cidades e suas formalizações, e pela continuação da exploração do território, sua dicotomia entre os obstáculos físicos à expansão do território e as ligações urbanas que se estabelecem nas cidades. Quando analisamos o ambiente urbano extensivo nos dias de hoje, percebemos uma aparência de descontinuidade, onde diferentes partes são adicionadas, incluindo uma ligação interna que muitas vezes interrompe a continuidade das malhas urbanas como um todo. Mangin descreve essa situação como uma cidade composta pela justaposição de espaços protegidos, pelos quais não se pode transitar diretamente e que precisam ser contornados.(Portas et al., 2012).

## Metodologia de trabalho

A fim de compreender e estudar o território urbano da freguesia de Teixoso, onde se localiza o bairro das Nogueiras, e a sua relação entre a cidade da Covilhã e a composição de sua paisagem urbana, em primeiro momento, foram aplicadas perspectivas de cunho teórico, cujas temáticas extrapolam o meio da arquitetura.

Áreas do conhecimento como a Filosofia, a buscar reflexões entre o indivíduo e a cidade, ou seja, os fenômenos e que definem os espaços urbanos, a dualidade da realidade e o processo de realização do espaço, assim como, aspectos políticos; A Sociologia e a Geografia Humana, para compreensão dos espaços urbanos e as vivências e usos. Assim como o uso e análise peças artísticas, para uma contextualização e reflexões entre a composição e a Cidade, assim como, a interdisciplinaridade com a investigação.

Para além, os estudos (por meio de desenhos, fotomontagens) e análises de arquitetos e suas respectivas obras. Projetos e arquitetos a destacar como Vilanova Artigas com o seu projeto para curso de requalificação do *vale do Anhagabaú*, 1974, possuinte de um eixo viário vital à cidade; o Paulo Mendes da Rocha com o *MuBE*, 1986, uma interseção entre cultura, artes, arquitetura, espaço público e Cidade, o Galfetti com *Balneário Bellinzona*, 1986, uma estrutura geradora de e espaços e articuladora na cidade, assim como, o ateliê Diller Scofidio, com *High Line NY*, 2003; o Álvaro Siza com o *Bairro da Malagueira*, 1977, e Lina Bo Bardi com o *Sesc Pompéia*, 1986, a pluralidade e a complexidade em sua arquitetura a promover sua obra a uma escala da cidade.

Ao transcorrer do trabalho de investigação, com a finalidade de perceber melhor as espacialidades de Teixoso e o eixo estrutural (TCT) foi necessário a busca de elementos cartográficos de Teixoso e do bairro das Nogueiras e análises históricas e urbanas, a metodologia foi se moldando ao longo do processo e os objetivos iniciais. É de se aludir que o pesquisar o material histórico e urbano do bairro e Teixoso, tornou-se uma das maiores dificuldades, visto que não há ou há insuficiente material, com isso, ponderou-se esta dificuldade como uma provocação e, assim, o modo de investigar foi adaptado.

A ida o local, sendo ela, sistematizada, tornou-se indispensável para o processo de investigação para a dissertação. Optou-se então por realizar um trabalho de observação direta no território, consistindo em deslocamentos contínuas aos espaços, assim como, a formalização do processo por meio de registros fotográficos e desenhos esquemáticos.

Coser o tecido fragmentado.



**04 .** Fotografias do percurso (Autora, 2022).

Esta abordagem de observação direta do espaço com sistematização gráfica (presentes ao longo da dissertação) foram baseadas em métodos adotados em (Ochoa, 2011)<sup>7</sup>, tese de doutorado da coorientadora desta dissertação, também, já abordados por outros arquitetos e urbanistas. O método de Whyte (2001)<sup>8</sup> e de Gehl (2018)<sup>9</sup>, que consistia no estudo de observação das atividades sociais em pequenos espaços públicos, usando a fotografia com lapso de tempo. Outro fator influenciador para a materialização do processo e da configuração das cenas fotográficas, ao realizar um percurso e a composição de maneira serial <sup>10</sup>, foi a leitura do livro, A paisagem Urbana, de Gordon Cullen (Figura 3). Após a conclusão houve a síntese e a interpretação do processo.

---

<sup>7</sup> Cidade e frente de água. Papel articulador do espaço público (Ochoa, 2011).

<sup>8</sup> The Social life of small Urban Space, 1980 (Whyte, 2001).

<sup>9</sup> Estudo de atividade e motivos para estar no espaço público, 1965-1966 (Gehl & Svarre, 2018).

<sup>10</sup> Para Cullen a definição de visão serial é uma realização de um percurso de um extremo ao outro com uma uniformidade em seu movimento. Conforme o andamento os contrastes e os impactos visuais vão se revelando (Cullen, 2008, p.19).

## **Estrutura da dissertação**

A partir das conjecturas e processos de trabalhos já referidos, a dissertação estrutura-se de forma detalhada, em duas partes compostas em 5 capítulos, com as seguintes temáticas. A iniciar com a introdução, proporciona-se a exposição geral da investigação, incluindo a apresentação do tema e o seu contributo assim como, os objetivos e questões da investigação, os referentes as metodologias adotadas para o seu desenvolvimento, tal qual sua estruturação.

O **capítulo 1**, (*Conceitos urbanos e sociais*), pretende-se realizar uma abordagem teórica à definição de um projeto de desenho urbano, o que se deseja, num primeiro momento, é fornecer um quadro de conceitos e exemplos elementares sobre a temática urbana, a explorar questões sobre a cidade e sua composição, do espaço público e o seu processo de reformulação e suas relevâncias. Com tais temas definidos, aborda-se no conceito de monumentalizar, para a ressignificação na malha urbana e social. O qual se revelará importante na abordagem prática da dissertação.

O **capítulo 2**, (*O Bairro das Nogueiras e suas dissonâncias*), ambiciona-se realizar uma abordagem histórica, social e urbana da freguesia do Teixoso e o bairro das Nogueiras, o que se deseja, numa inicial abordagem, é fornecida uma noção do contexto urbano do bairro com a freguesia de Teixoso, sua disposição no tecido urbano, assim como, o explorar do percurso principal (eixo TCT) e sua articulação, em seguida, a relação à cidade da Covilhã.

O **capítulo 3**, (*Caracterização urbana*), pretende-se realizar uma análise urbana do bairro das Nogueiras, o que se explora, num primeiro momento, é proporcionar uma abordagem teórica sobre o espaço público, uma noção do contexto urbano do bairro e a relação com Teixoso e sua disposição no tecido urbano, explorar a metodologia de análise, em seguida, caracterizar os espaços.

O **capítulo 4**, (*O coser do espaço*), almeja-se realizar experiência urbana no espaço urbano do Bairro das Nogueiras, o que se deseja, previamente, é fornecer um ensaio sobre a forma do conjunto, em seguida, a elaboração de um manifesto urbano e arquitetônico ao coser no tecido do bairro com a malha de Teixoso e ao final explicar algumas experiências projetuais.

O **capítulo 5**. (*Considerações finais*), a síntese da dissertação, as traduções das inquietudes teóricas face às táticas na concepção de projetual. O fecho, a assimilação dos conhecimentos e as experiências ao longo da evolução deste trabalho. Desenvolve-se o resumo dos resultados e análises.

## 01. Conceitos urbanos e sociais

Neste capítulo, pretende-se realizar uma abordagem teórica à definição de um projeto de requalificação e desenho urbano, o que se deseja, num primeiro momento, é fornecer um quadro de conceitos fundamentais sobre a temática do tecido urbano e do espaço público e o seu processo de reestruturação e suas importâncias para a consolidação de um ressignificado na malha urbana e social.

### 1.1 “Monumentalizar a periferia” - Ressignificação arquitetônica e urbana

*Finalmente, la presencia acusadora del suburbio y de las áreas marginales —las periferias sin urbanidad— removi6 las conciencias. Estas inmensas piezas de ciudad —o de «no ciudad» — se presentan sin ning6n signo de identidad, sin nada que las haga integrables en la colectividad urbana. Hay que adquirir estos signos mediante elementos claramente legibles, lo que 6nicamente parece posible incorporando a ellos los que tienen un fundamento hist6rico y los que todo el mundo entiende como configuradores tradicionales de la centralidad urbana (Bohigas, 1986, p.25).*

O fil6sofo franc6s Gilles Deleuze em seu livro, *A Dobra. Leibniz E O Barroco*, 1991, por meio de influ6ncias de pensadores como, Nietzsche, Foucault e Freud, discorre sobre o conceito de *dobra*, cuja sua signific6ncia 6 associada por seus efeitos, a *dobra* permanentemente inacabada, a mesma, n6o 6 f6sica, n6o s6o coisas ou seus estados, mas sim, devires <sup>11</sup>. O estado crucial da *dobra* est6 no ponto de inflex6o, segundo o autor, 6 onde a dobra torna-se redobra, em que o incerto, a complexidade se encontram (Deleuze, 1991).

No campo representativo e arquitet6nico, as cidades e os espaç6s urbanos s6o as express6es das *dobras infinitas* <sup>12</sup>, ou seja, nelas os modos e possibilidades de *dobras* e *redobras* chegam a ser vari6veis incalcul6veis pela raz6o. Deleuze (1991) tamb6m os descreve como um territ6rio de acontecimentos e caos, possuinte de um per6metro, sendo ele uma obra do Estado, no qual sua borda vai de uma *dobra* a outra. Assim como as ondas s6o conformadas pelo vento e sua forç6, as *dobras* das cidades s6o realizadas por algu6m ou por algo.

---

<sup>11</sup> Em sua obra, *A l6gica do Sentido* (Deleuze, 1969) 6 enunciada a primeira definiç6o para o conceito de *devenir*. Seu sentido 6 de inconst6ncia e mudanç6a em fluxo. 6 n6o se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira. “A totalidade 6 reiterada de um car6ter diverso. Tal e a simultaneidade de um *devenir* cuja propriedade e furtar-se ao presente. (...) o *devenir* n6o suporta a separaç6o nem a distinç6o do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence a ess6ncia do *devenir* avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo” (Deleuze, 1969,p.1).

<sup>12</sup> Advindo das apreciaç6es de Leibniz sobre dobras barrocas e a *m6noda* (Leibniz, 2017), uma mol6cula indivis6vel, essencial. Ela seria a *dobra infinita*, por vezes inst6vel possuinte de um traço que vai ao infinito, uma linha infinita que dobra e desdobra (Almeida, 2012).

Coser o tecido fragmentado.



05. A Cidade Antítese (Cidade Criativa, 2022).

No âmbito acadêmico, na unidade curricular de projeto V/II, fora intencionado à reflexão crítica sobre as cidades, tendo como cenário a cidade da Covilhã. Na qual cada equipe realizou uma peça gráfica as quais foram posteriormente publicadas no catálogo Cidade Criativa (*Cidade Criativa*, 2022). Como referido acima, tal elemento elaborado foi feito por meio dos conceitos de Deleuze com o intuito de reforçar a intenção à peça (Figura 5). *A cidade antítese*<sup>13</sup>, cujo nome e a imagem refletem uma visão de contrastes, limitações e contradições presentes na Covilhã e em suas freguesias, principalmente, encontradas em seus espaços urbanos, ou sua falta, e vivenciadas por quem os habitam.

Deleuze (1991), com base crítica ao pensamento freudiano à superação do Édipo<sup>14</sup>, explica que o indivíduo se dá por meio da cidade, ou seja, os fenômenos e acontecimentos que definem os espaços urbanos, fora dos limites estabelecidos, são também construção dos indivíduos e seus desejos, são os meios pelos quais o ser se materializa na realidade e ele é o processo de realização do próprio sujeito, ele é composto pelo espaço. O “Eu” é parte do espaço, assim como, o espaço faz parte do “Eu” (Deleuze, 1991).

Portanto, a *dobra* é o espaço do devir, de *redobras* e *desdobras* e de múltiplas ressignificações. E, enquanto espaço do devir e das pluralidades de significações e ações, gera a reflexão (Figura 5). O espaço público é uma circunstância da *dobra* e *redobra* pela cidade, mas também é uma ação de juízo dos seus atos, no qual o território urbano também é um lugar de poder (Deleuze, 1991). A ressignificação do espaço está sujeita a materialização do ser em um determinado ambiente, e para que seja feita, ela estará sob o juízo dos agentes que transmutam e delimitam esses espaços urbanos e quem os são.

A urbe é dialética e, antes de tudo, ela é e se transforma em um lugar de desejos e impossibilidades. É, sobretudo, uma forma, é um encontro de significados, de pessoas, de lugares (Lefebvre, 2011). A forma do espaço social, segundo Lefebvre, é o encontro, a reunião, a simultaneidade<sup>15</sup>.

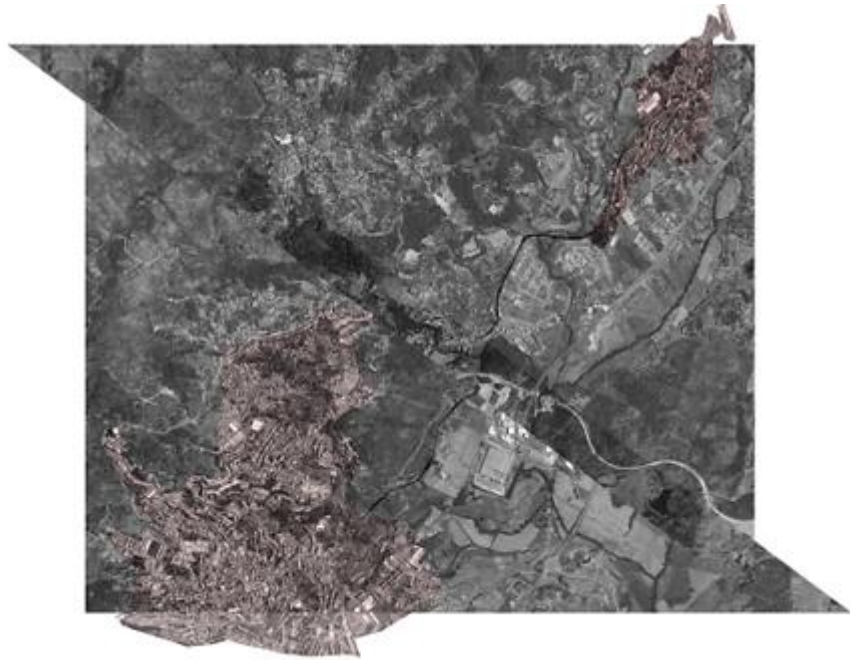
---

<sup>13</sup> *A Cidade Antítese expressa uma reflexão em torno das diferentes percepções que surgem das vivências da cidade da Covilhã. (...) A dobra enfatiza a antítese entre estas duas dimensões da cidade (Cidade Criativa, 2022, p.31).*

<sup>14</sup> Deleuze explica sua crítica no excerto, “O campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado. Há tão somente o desejo e o social, e nada mais” (Deleuze & Guattari, 2010, p.46). Os filósofos elaboram outro conceito sobre o desejo, como produção e a única forma de garantir a liberdade das singularidades, e a realidade, se diferenciando, do mesmo, na psicanálise de Freud.

<sup>15</sup> Isto é exemplificado no trecho apresentado por Lefebvre sobre a cidade e sua relação com que a habita, “Desta forma, a cidade é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. (...) As condições, que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce delas, nelas, através delas” (Lefebvre, 2011, p.52).

Coser o tecido fragmentado.



**06.** O espaço do devir. A *dobra* entre a Covilhã e Teixoso (Autora, 2022).

Assim como expresso anteriormente por Deleuze (1991), Lefebvre, (2011) em sua obra, *O Direito à cidade*, 1968, delibera que a cidade é o projetar da sociedade sobre um determinado lugar, com isso, o exercer do direito à cidade significa uma súplica, um anseio, uma política e a procura pela ética, para o não alheamento do cidadão com o meio urbano no qual o habita.

Em alusão às apreciações referidas anteriormente, aos agentes e ao território como geradores e manifestantes de poder. Em Portugal, em sua constituição, consagrada em 1976, é de salientar dois artigos, sendo eles, referente a habitação e urbanismo (art.65<sup>a</sup>) e o ambiente e qualidade de vida (art. 66<sup>o</sup>). No artigo 65<sup>o</sup>, afirma que ao cidadão e sua família é garantido o direito de ter uma habitação que possibilite viver em condições de higiene, que mantenha a saúde e a segurança, dando privacidade a quem a habita (Constituição da República Portuguesa, 1976).

E para que isso se efetive é necessária uma política habitacional onde seja inserida a construção de habitações sociais, de forma que ofereça área urbanizada, acessibilidade aos meios de transporte e tudo que promova a assistência de quem a utiliza. É dever do Estado incentivar e apoiar iniciativas que resolvam problemas habitacionais inserindo a população, por meio de cooperativas, a autoconstrução, e para isso, é obrigação do Estado, pelo meio de políticas econômicas, garantir uma renda compatível ao cidadão para que, assim, tenha acesso à habitação. Ademais, o desenho e o planejamento urbano atuam como um papel importante na elaboração de um projeto para a cidade coeso e com a participação dos cidadãos.

No entanto, de acordo com a arquiteta e ex-deputada e geradora do programa BS Helena Roseta (Figura 7), autora Lei 83/2019, de 3 de setembro - Lei de Bases da Habitação<sup>16</sup>, com o passar do tempo foram caindo os apoios à habitação cooperativa e os apoios à autoconstrução (Roseta, 2019). Atualmente é notória a implementação de políticas de segregação, de realojamento e deslocalização, como consequência a fragmentação de comunidades nas zonas periféricas da cidade, não conseguindo "coser" as modificações na cidade e com a totalidade do território. Para Lefebvre (2011), a segregação e descontinuidades nas cidades são reflexos da falta de integração socioespacial e a efetivação da apropriação do espaço coletivo<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> "A lei reafirma a universalidade do direito à habitação e prevê uma série de instrumentos para que as políticas públicas permitam tornar efectivo um direito humano que é também um direito constitucional consagrado desde 1976 em Portugal."(Lei de bases da habitação, 03 de setembro)

<sup>17</sup> Exemplificado, "A segregação deve ser focalizada, com seus três aspectos, ora simultâneos, ora sucessivos: espontâneo (proveniente das rendas e das ideologias) – voluntário (estabelecendo espaços separados) – programado (sob o pretexto de arrumação e de plano)"(Lefebvre, 2011, p.97)

Coser o tecido fragmentado.



07. O coser e o monumentalizar o espaço (Autora, 2022).

Como Lefebvre (2011, p.99), salienta que: “(...) as segregações que destroem morfologicamente a cidade e que ameaçam a vida urbana não podem ser tomadas por efeito nem de acasos, nem de conjunturas locais”. Em outra perspectiva, segundo o arquiteto espanhol Oriol Bohigas (Figura 7), os bairros novos, os espaços públicos e a arquitetura que os rodeiam não possuem de fato um caráter urbano consolidado<sup>18</sup>. É indispensável, portanto, “*monumentalizá-los*”, ou seja, recompor, urbanizar, requalificá-los.

*Monumentalizar a periferia*<sup>19</sup> significava para Bohigas atribuir qualidade arquitetônica às margens das cidades, por meio intervenções pontuais e a colocação e edificação de peças, para acrescer a qualidade do espaço, e com isso, a qualidade de vida de quem a vivência (Bohigas, 1986). Uma concepção do espaço construído que revelava consciência do seu impacto no espaço social e da resignificação, a qual, se adentrava no contexto social e nas vidas dos seus cidadãos mais desfavorecidos (Bohigas, 1986).

O conceito de *monumentalização* não se aludia somente à colocação de peças artísticas, mas a dar aos espaços uma qualidade urbana, que antes, nunca tiveram. No entanto, Bohigas (1986) alertava que, por um lado, a requalificação urbana, o impulsionar público para melhorar os bairros, por vezes e quando não comedido possui riscos, como o processo gentrificação<sup>20</sup>. Por isso, perseverou que quaisquer as ações no âmbito urbano devem ser efetivadas sempre a respeitar os habitantes nos quais residem na ocasião (Bohigas, 1986).

Um dos conceitos presente na obra, *Arquitetura da cidade*, 1966, de Aldo Rossi (2001), influenciado, por vezes, pela visão de Palladio, é o estudo da cidade por meio da história, dos fatos urbanos, sendo que, individualidade é condicionada, do *locus*, da memória e do desenho da cidade. Os fatos urbanos, assim como uma obra de arte, são uma construção na matéria, isto é, seu significado reside além das questões físicas. Um fato urbano, pode ser uma rua, um palácio, um bairro (Rossi, 2001).

---

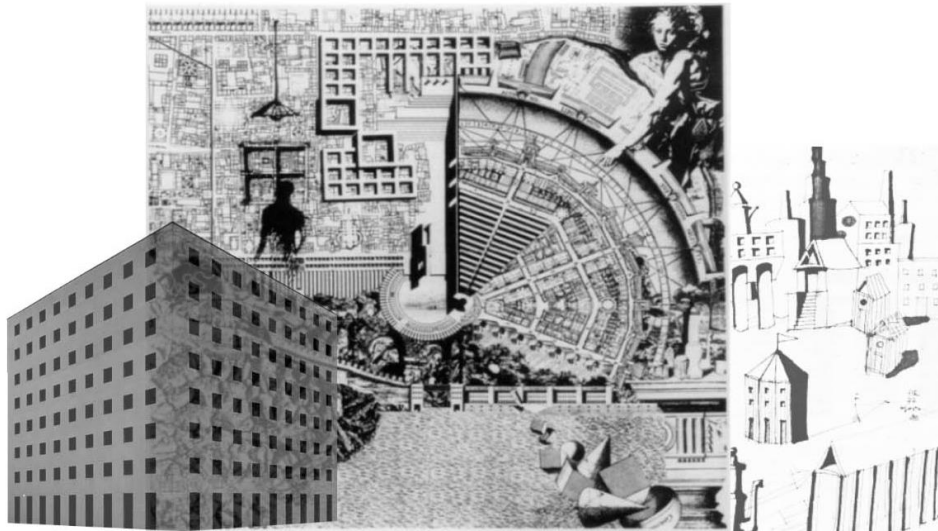
<sup>18</sup> É válido analisar a citação do arquiteto, “*Hay dos formas de entender la ciudad. Como “un gran sistema coherente y racional, donde domina una especie de metafísica de la totalidad o entenderla desde aquella pieza relativamente autónoma que es el barrio” (Caballero, 2021).*

<sup>19</sup> Monumentalizar a periferia foi um “slogan”, um conceito apropriado durante o primeiro dos mandatos de Narcís Serra e Pasqual Maragall.

“*La afirmación según la cual es preciso higienizar el centro y monumentalizar la periferia no es sino una aproximación didáctica que he utilizado para expener los criterios generales de rehabilitación y reconstrucción*”(Bohigas, 1986, p.47).

<sup>20</sup>A gentrificação é um fenômeno urbano que consiste na renovação e valorização de áreas centrais, geralmente periféricas, gerando um processo de exclusão social, pois na maioria das vezes a população de baixa renda não tem condições de manter-se nesses locais. O conceito é exposto pela primeira vez na década de 60 do século XX (Tarcyla, 2018).

Coser o tecido fragmentado.



**08.** A arquitetura da cidade. *Città Analoga* de Rossi, 1966 (Autora, 2022).

Segundo Rossi (2001), *locus* é percebido como um espaço onde se encontram acontecimentos e que ele mesmo é um acontecimento. E com isso, é único, e identificado por meio de signos que marcam o evento de acontecimentos (Figura 8). O *locus* pode ser considerado o local onde a forma e a arquitetura podem transmitir. A ideia urbana para Rossi, assim com Deleuze, enfim, é o estado vivido e arquitetado pelo Homem.

Em contraponto à Bohigas, monumento e sua ação é para Rossi (2001) a manifestação da aspiração coletiva explanados pela arquitetura. Tais são consideradas como elementos primários, e de referência da dinâmica urbana. Pode ser considerado como um fato urbano, o qual, sintetiza as questões relativas à cidade. Compondo um valor que é mais forte que o ambiente e mais forte do que a memória. Segundo a teoria da permanência tudo que foi realizado no passado continua a ser experimentado e vivenciado agora, porém por meio de contextos e necessidades diferentes do tempo atual (Rossi, 2001).

A permanência <sup>21</sup> se refere a algo realizado antes, porém sua constituição física permanece só que oferecendo uma outra função. Por meio das hipóteses econômicas relativas à evolução das cidades que está relacionada a teoria histórica o conceito da permanência é vivenciado pelos sinais físicos da constituição das cidades onde em seus traçados e planos mantém sua posição original, ao longo dos anos, porém seu entorno é reformulado, não havendo deslocamentos (Rossi, 2001).

Os elementos que permanecem mostram duas possibilidades, ou permanecem como "um problema" ou são gatilhos para uma evolução <sup>22</sup>. Assim, perceber como uma forma física de uma edificação que foi constituída no passado, pode assumir uma função e ser funcional em um momento atual é de suma importância para manter o contexto histórico de uma cidade (Rossi, 2001). Adverso à Palladio <sup>23</sup>, a cidade realizada a partir de monumentos, cujo pensamento era formado por uma sociedade voltada a exuberância, ao colosso, remetendo aos dias atuais, esse raciocínio da construção de cidade é decadente e pode ser produtor de erros (da Rocha, 2018).

---

<sup>21</sup> Rossi influenciado pela teoria de Poète e Levedan (Rossi, 2001).

<sup>22</sup> Na citação, "*Ou nos servimos destes factos para procurar compreender a cidade na sua totalidade ou acabamos por ficar ligados a uma série de factos que não poderemos relacionar ulteriormente com um sistema urbano*" (Rossi, 2001, p. 76). Revela a problemática diante das permanências.

<sup>23</sup> Salienta o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, na obra, *Paulo Mendes da Rocha. Projetos de 1957 a 1999*, "*Convocado para hoje, esse raciocínio, da cidade produzida com monumentos é anacrônico, é uma ideia degenerada, é sintoma de uma decadência que produz verdadeiros horrores do ponto de vista técnico. A arquitetura contemporânea é essencialmente o desenho da cidade, e não sua decoração(...).É preciso desatar o nó da divisão esquizofrênica entre arquitetura e urbanismo, entre arte e técnica, arte e ciência*" (Artigas, 2002, p.60).

Coser o tecido fragmentado.



09. A busca à ressignificação (Autora, 2022).

A procura de uma arquitetura monumental, não busca exemplares de cidades inteiras possuintes de conjuntos fáusticos, uma arquitetura colossal, mas a vontade na transformação de um determinado lugar, voltados a interesses sociais comuns, voltados para o futuro (Artigas, 2002). Destarte, a arquitetura é um dos agentes modificadores e geradores dos espaços, em um constante anseio pelos desejos e necessidades.

A busca pela cidade ideal e pela utopia por uma cidade para todos, sem segregações sempre encaixará. Paulo Mendes da Rocha proferiu que todo o projeto, toda arquitetura, são como em um poema, conta-se as histórias, e elas, são manifestação e concretização de suas culturas (Figura 9) (da Rocha, 2018). Como referido Bohigas, monumentalizar é a busca pela ressignificação arquitetônica e urbana de um determinado lugar. Talvez essa seja a raiz da arquitetura, a razão do devir, uma poética sobre a forma, na qual excede na sua extensão humana, uma arquitetura que não almeja ser apenas funcional, mas sim, oportuna (da Rocha, 2018).

A cidade é a manifestação da formalidade com o emprego de técnicas e conhecimentos. Quando há um desenho, uma modificação, uma reurbanização, uma requalificação, ou seja, quaisquer alterações na cidade, quando não considerada a história, tais feitos erram. Tal como Deleuze e Lefebvre o conceito de poder e política translada a visão limitada de uma gestão unidimensional, produtora de espaços arquitetônicos e urbanos voltados à preponderância e controle pelo poder <sup>24</sup>, mas sim, a consonância entre a arquitetura e a política transcende o âmbito de uma política tradicional, acercar-se a finalidade em promover a importância da ação cidadã nos processos de mutação e organização dos espaços (Muxí & Montaner).

Fernando Távora, em sua obra, *Da organização do Espaço*, salienta que o ato de projetar, planejar e desenhar é a manifestação do encontro da forma eficaz, bela e justa, tendo como precaução a conjuntura que ela construirá <sup>25</sup>. Tais formas devem derivar de um equilíbrio entre a visão individual de quem a projeta e as conjunturas que as rodeiam, e para que tal fato se concretize, é preciso conhecê-las intensamente (Távora, 2015). A arquitetura é indignação, indagação. Como, refere Mendes da Rocha (2018, p. 30) Indagação pelo futuro em construção: “a gênese do futuro andando nas ruas, nos espaços da cidade, com características também locais e que vêm se configurando no tempo, tecendo a história”, tornando-o monumental.

---

<sup>24</sup> Segundo Foucault, a cidade, além da sua relação de poder, é pensada à priori, não pelo todo, por seu território, mas pelo menor de sua constituição, a partir de uma figura geométrica, um módulo arquitetônico (Foucault, 2008, p. 21).

<sup>25</sup> Para ele, a ação de projetar, desenhar um espaço, planejar devem precisamente encontrar uma maneira justa e correta. Um equilíbrio entre a visão pessoal e as circunstâncias que se envolve (Távora, 2015, p.74).

## 1.2 A rua na constituição do espaço

*As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a partes das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades. A calçada por si só não é nada. É uma abstração. (...) Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são os seus órgãos mais vitais (Jacobs, 2011, p. 29).*

A rua é o epítome da cidade, é a cerne do ato de convivência. A rua unifica pessoas e funções urbanas é a interface entre a cidade e o cidadão, entre o público e o privado, entre os diferentes agentes e atividades da urbanidade. Não é apenas uma ligação, mas um meio que torna possível a vida urbana (Jacobs, 2011).

Para Jacobs, as ruas servem a muitos propósitos além de conduzir veículos e pedestres. Estes propósitos são indissociáveis da circulação, mas não são idênticos a ela e são pelo menos tão básicos quanto está para o funcionamento adequado das cidades. A rua é também um lugar (Figura 10). Este é definido como um tecido obtido por relacionamentos e experiências, por isso, pode ser abominado e amado. Um espaço. Enquanto os espaços são simplesmente medidos (Jacobs, 2011).

Em geral, as ruas não são construídas a partir de uma vontade em mente, mas a partir de guias de projeto e medidas regulatórias. A cidade é uma invenção humana e é para o Homem que ela deve ser pensada e dimensionada (Gehl, 2018). A rua sintetiza as leis urbanísticas de uso reocupação do solo, os códigos culturais e sociais locais.

Jane enfatiza o papel das ruas como os principais locais públicos de uma cidade. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parece interessante, se as ruas parecerem maneira isolada, elas constituem um sistema de espaços públicos livres, do qual toda cidade é dotada. Estes espaços são fruto do processo de urbanização e formação da cidade.(Jacobs, 2011)

Coser o tecido fragmentado.



**10.** A constituição da rua. *Brin-Criar* no Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

É o esqueleto da cidade e sua imagem. Ruas, eixos, linhas potenciais de deslocamento, por meio das tramas urbanas, constituem-se como significativas formas, onde tudo o todo pode ser organizado. Kevin Lynch em seu livro, *A imagem da Cidade*, 1960, explora as características e composições presentes nas ruas e a legibilidade ante a cidade.

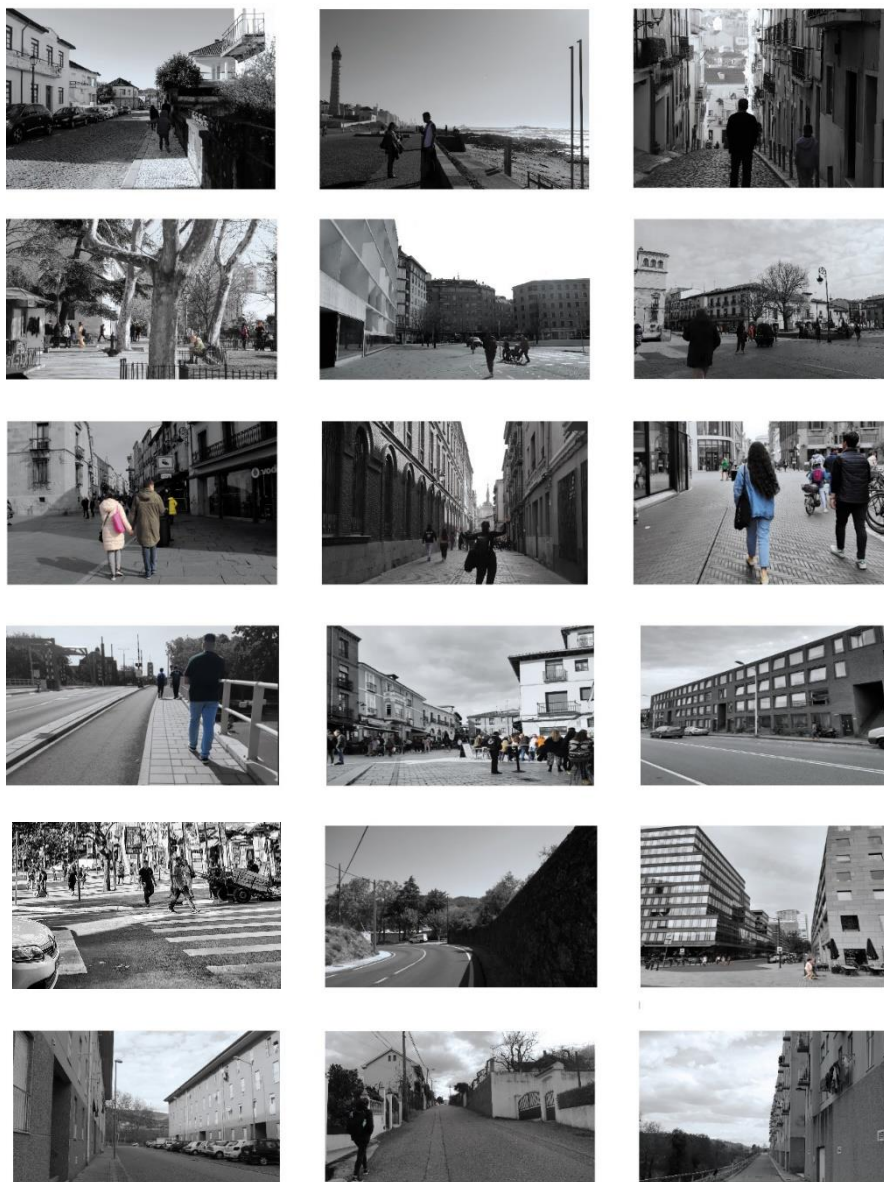
As vias principais precisariam ter um atributo particular capaz de as demarcar dos canais circundantes, a concentração de qualquer costume ou atividade ao longo das suas margens, uma qualidade espacial característica, uma textura do pavimento ou fachadas, uma estrutura particularmente clarificada, um conjunto de cheiros ou sons (Figura 11). Estes aspectos deveriam aplicar-se de tal modo que desse continuidade a uma via (Lynch, 1999).

Quando está cheio de elementos descritos, um percurso por tal eixo ou rua, adota de uma significância maior e se transforma em uma enriquecedora experiência. Essa reforça, de uma imagem contínua, é capaz de levar a uma hierarquia visual das vias, uma hierarquia funcional, seja uma distinção sensorial ou uma unificação com elementos contínuos (Lynch, 1999).

Quando se pensa em modificar o desenho de uma via, pensa-se em trazer uma alteração no modo de vida de uma comunidade, oferecendo um novo olhar para um deslocamento com maior segurança, uma maior interação entre as pessoas e circulação entre lugares de lazer, comércio, auxiliando em uma mobilidade urbana mais eficiente. Um veículo não apenas exclui os demais usuários desse espaço, como não tem qualquer relação com seu entorno, enquanto um pedestre consegue observar o cenário que se apresenta durante seu caminho, com sua experiência sendo drasticamente influenciada por ele, o carro atravessa essa rua sem qualquer interação mais profunda ou mesmo necessidade de se ter um espaço qualificado ao redor.

O movimento moderno foi responsável por uma profunda transformação na forma como as cidades eram projetadas e construídas. O seu objetivo era criar cidades mais eficientes, modernas e funcionais, com o uso de novas tecnologias e materiais. No entanto, o movimento moderno também foi responsável por uma mudança na forma como o espaço público era visto (Jacobs, 2011). O espaço público foi visto como um meio para a realização de funções específicas, como o transporte, a circulação de pessoas e a realização de eventos (Bohigas, 1986).

Coser o tecido fragmentado.



11. Ruas pelo mundo e suas diversidades (Autora, 2022).

O espaço e sua constituição foram vistos como um meio para a efetivação de funções específicas, como o transporte, a circulação de pessoas. A rua foi vista como um meio para a realização destas funções, e não como um espaço para a interação social e a criação de identidade <sup>26</sup>. Como resultado, as ruas foram projetadas como espaços lineares, com pouca ou nenhuma interferência entre os usos. Esta abordagem limitou a capacidade das ruas de serem usadas como espaços de interação social e de criação de identidade (Bohigas, 1986).

Esta afirmação de Bohigas destaca a importância da rua para a qualidade urbana e urbanidade, afirmando que a *rua corredor*, teve um impacto negativo na qualidade urbana e na urbanidade (Figura 12). Ele também enfatiza a capacidade da rua de fundar e traçar novos assentamentos e absorver novas funções de informação e acessibilidade (Bohigas, 1986, p.91-96). A rua é, portanto, o elo entre o espaço físico, a organização do território e a vida social. A via é o palco dos principais eventos históricos. Por isso, a rua é o lugar onde ocorrem as mudanças mais profundas e significativas na história da cidade (Bohigas, 1986, p.93-96).

Quando é imaginado o significado de uma rua, logo é remetido, para uma certa parcela, um espaço, onde se deslocam para um sentido proposto. É levado à tona a lógica de transporte, circulação para um certo lugar. Ao analisar a etimologia da palavra espaço, do latim *spatium*, a qual sua significância é dada pela área com um limite estabelecido, ou uma distância entre dois objetos. Já a palavra rua, do latim *ruga*, designa um sulco, ou mesmo, um caminho de passagem. No entanto, ao explorar seu significado na língua inglesa, com as palavras *street* e *road*, é encontrado um ponto de vista díspar. *Street*, do latim *sternere*, significa espalhar sobre o chão, pavimentar, ou até mesmo, referir a edificação e construção, enquanto *road* sugere movimentação, ligação a um destino (Bohigas, 1986).

A rua é um conceito e pode obter diversas significâncias. A rua é um elemento essencial para nos ajudar a compreender as diversas formas de organização social. Ela é mais do que um conjunto de ruas que formam o espaço urbano, é o lugar onde ocorre a vida cotidiana das pessoas, onde ocorrem o contato e o convívio social (Bohigas, 1986,p.91). A rua é, portanto, um elemento essencial para

---

<sup>26</sup> Bohigas acentua a metamorfose da rua no seguinte excerto, “La calle, además desempeña un importante papel en la transformación de la ciudad. A medida que la ciudad se ve obligada a absorber más funciones (...) la calle es la pauta para leer y para entender una ciudad porque es la principal base de los recorridos” (Bohigas, 1986, p.92-95). Acerca-se com o discurso de Lynch sobre a legibilidade da rua à cidade.

Coser o tecido fragmentado.



12. Jane Jacobs. Manifestação contra o elevado em Manhattan, 1960 (Autora, 2022).

entender a formação das cidades. Ela requer uma relação híbrida com o espaço, uma continuidade espacial em relação ao seu entorno.

Em busca desse conceito e como forma ilustrativa, o arquiteto brasileiro Vilanova Artigas, em sua idealização para o projeto do Anhangabaú, 1974<sup>27</sup>, numa relação entre o público e privado, atribuía na arquitetura uma ideia de continuidade espacial (Bucci, 1998). Reivindicava uma condição de liberdade, cuja em sua obra era capaz de constituir uma nova realidade, quase sendo uma ânsia à utopia arquitetônica gerada entre sua constituição política e como cidadão. Uma noção de um espaço e cidade ideal (Buzzar, 2011).

O Anhangabaú, uma região central da cidade de São Paulo, composta por eixos essenciais e secundários. Constituinte por duas dimensões territoriais, a do espaço que o envolve, a local e a metrópole. Artigas almejava uma reordenação da via. A procura de resolver o problema mal arquitetado existente entre pedestre e automóvel. Logo, a via arterial para Artigas, ao invés de fechá-la à cidade, optou-se na abertura, para assim, ser um ponto de acolhimento e chegada (Bucci, 1998).

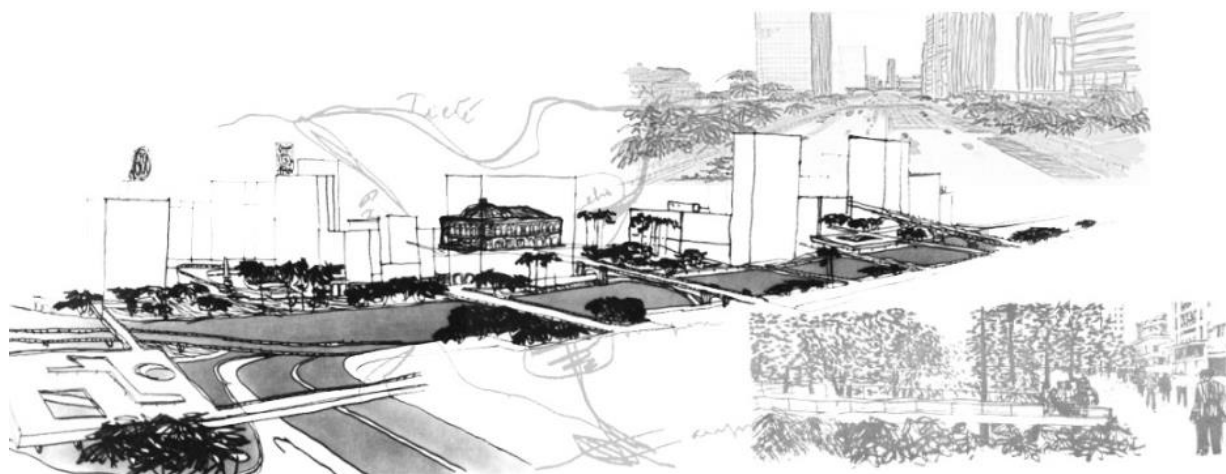
A priori, a sua intervenção era composta por três aspectos urbanos (Figura 13). Para os veículos, fora pensado o redesenho de uma via, a qual cruzaria por toda a cidade e a estabelecer os limites entre os pedestres. Já para os ônibus, um novo sistema, com novas estações ligantes norte – sul. Para os pedestres, um circuito exclusivo, a reconquistar as vias laterais presentes nas encostas do vale, concebendo passadiços, alargando os passeios, para além, de novo calçamento e projeto paisagístico feito por Burle Marx (Bucci, 1998).

Na dicotomia entre monumento e monumentalidade, a compreensão da escala da cidade, Artigas em sua intervenção buscou a leitura por inteiro do conjunto da urbe, por meio do eixo, reconheceu ao longo dele seus pontos de maior interesse e os exaltaram, promovendo uma monumentalidade urbanística e arquitetônica ao espaço.

---

<sup>27</sup> Artigas explica o seu projeto no trecho. *"O estudo em questão pretende reorganizar o vale até poder reivindicar para ele a imagem de Parque do Anhangabaú que já teve no passado. O povo paulistano frequenta o centro da cidade conforme comprovam estudos de tráfego de passageiros fartamente conhecidos. (...) A fim de poder instituir no espaço urbano estes objetivos fundamentais pareceu-nos necessário reconquistar para o pedestre, e só para ele, as vias laterais de tráfego que estão nas encostas do vale e organizar dois largos passeios interligados por passarelas e associados a mobiliário de lazer a programar. (...) A possibilidade de desviar as correntes de tráfego do automóvel para a rótula faz-nos prever que estas duas grandes calçadas poderão servir de arquibancadas naturais para festas cívicas e populares"* (...) *"A felicidade de um povo se mede pela beleza de suas cidades"* (Fundação Vilanova Artigas).

Coser o tecido fragmentado.



**13.** Estudo preliminar de Artigas para o projeto do Anhangabaú, 1974 (Bucci, 1998).

Álvaro Domingues, geógrafo português, contextualiza a ideia e dinâmicas das ruas em Portugal, baseada no conceito da “*Rua da Estrada*”<sup>28</sup>, observa-se a falta de representação entre o espaço urbano e o espaço rural e, fundamenta-se em um processo de movimento da sociedade com a exigência de adaptação às mudanças (Domingues, 2009).

Uma via, que a princípio, teria uma função meramente de transportar pessoas e mercadorias, aditou muito mais do que isso. Em seu percurso, o agrícola, anteriormente já estabelecido, metamorfoseou-se dando espaço, ao que no momento, era demandado, sobrando em sua memória a cultura agrícola. Assim, surgiram muitas construções improvisadas e sem significados, erguidas em desalinhos, sem escalas e com os fios pendurados nos postes (Domingues, 2009).

Para atravessar de um lado ao outro da via foram erguidas passarelas. Com a falta de esclarecimento entre o Estado, foram feitas edificações e vias do jeito que lhe convinham mais, iniciando e terminando onde eram mais convenientes. Com o aumento do comércio surgiu o campo de propagandas congestionando, com o único objetivo de chamar a atenção do automóvel. Não se respeitaram padrões, “estética” e nem a ética.

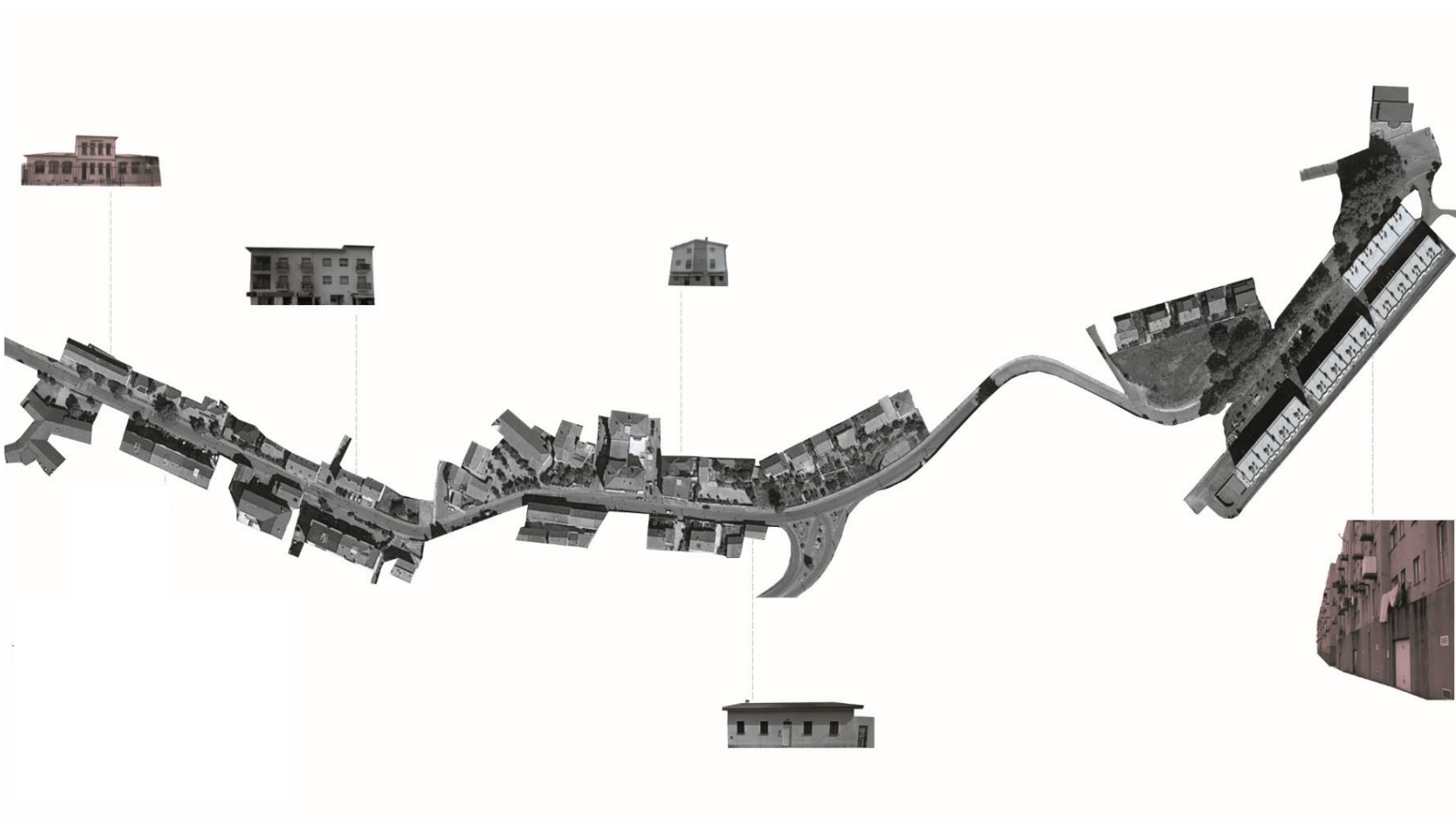
Com isso, ocorreu a interligação do modo de vida rural e urbano, a memória da vida agrícola desapareceu-se para o comércio. Agora a *rua da estrada* preserva culturalmente o que foi vivido anteriormente, como as quintas, impossibilitadas de expansão, mas guardando as origens e histórias que foram vivenciadas em sua passagem e memórias que ficarão para sempre como vemos nos *road movies* (Domingues, 2009).

Se passaram muitas histórias nas estradas, muitas edificações erguidas e abandonadas pelo caminho. Trechos só com paisagens nos dão a sensação de ser uma rota deserta. Essa via se constituiu com um forte eixo, que vai e se chega em vários destinos por meio dela, mas sempre de uma maneira peculiar, a despertar o inesperado em sua travessia. A *rua da estrada* não é apenas uma passagem de veículos, de acessos, mas de memórias (Figura 14).

---

<sup>28</sup> Para Domingues, a Rua da Estrada advém da perda do “campo” e da “cidade”. (...) “num território densamente construído e com limites definidos, um “interior” confinado, rodeado pelos espaços ditos naturais, da floresta ou da agricultura. Do lado da fora, guarda-se a imagem de um espaço rural, habitado por visões de mundo fechadas sobre si sobre poderosas identidades (...) A Rua da Estrada é a imagem perfeita da metamorfose. Mais do que um lugar, ela emerge como resultado da relação, do movimento” (Domingues, 2009, p. 260).

Coser o tecido fragmentado.



**14.** Eixo Teixoso - Nogueiras (Autora, 2022).

### 1.3 A esfera da vida pública e cotidiana

*Nós, arquitetos, não deveríamos pensar em espaços privados e espaços públicos. O único espaço privado é a mente humana e o grande desejo do homem é que sua mente se faça pública, que consiga se comunicar. Sem os outros não somos nada e a arquitetura deveria refletir isso* (da Rocha, 2018, p. 192).

A esfera pública e sua constituição extrapola as relações de intimidade dos Homens e chega ao campo ideal político e social. Gaston Bachelard e Hannah Arendt, cujo tema do espaço público, a composição do espaço arquitetônico, o conceito da dialética de interno e externo e a perda de tais ambientes é abordado nos livros, *A poética do espaço, 1957*,<sup>29</sup> e *A Condição Humana, 1958*.

Para Hannah Arendt (2001), a esfera pública ou a esfera do comum é referida pelo conceito grego<sup>30</sup> da *Pólis*, a qual, é composta entre as faces da liberdade e da necessidade. Sendo que os espaços privados são a manutenção das necessidades humanas, já a esfera pública é o local de encontro da pluralidade existente entre os Homens (Figura 15). Tal espaço estaria, então, ligado aos conceitos de liberdade, variedade de pensamentos e ações e o estar físico compartilhando de ideias semelhantes ou não, faz parte da condição humana de habitante do espaço público, sendo um meio onde a liberdade se constrói por meio da ação (*práxis*) e da palavra (*léxis*) (Arendt, 2001, p.64-65).

A esfera doméstica, privada, era considerada um microcosmo, esfera de autonomia e liberdade que se opunha ao macrocosmo, ou seja, a esfera pública. Os gregos pensavam que a liberdade do ser não era apenas liberdade de opção, mas a liberdade era dada na manifestação por meio do espaço. Eles dividiam o em duas essências distintas, a essência pública e a privada (Arendt, 2001, p. 38-51). A essência pública é aquela que pertence ao Estado, à sociedade, é aquela que é regulada pelas leis e que pode ser apreendida pelo entendimento, é aquela que se manifesta por meio da razão. A essência privada é aquela que pertence àquilo que há de mais íntimo nos indivíduos (Arendt, 2001, p.64-73).

---

<sup>29</sup> Niemeyer é cirúrgico ao descrever a significância da obra de Bachelard e apresenta o valor da relação entre a arquitetura e o espaço. “Mas o espaço arquitetural tem sugerido as páginas mais apaixonantes. Vale a pena, por exemplo, ler a *Poética do Espaço*, para sentir como todos, poetas escritores, nele se detiveram, emocionados. É o espaço em que vivemos; a velha casa familiar que nos ficou na memória, como suas salas e quartos, com suas varandas e jardins, ou então, a velha rua, ainda com árvores, ainda tranquila a lembrar um tempo perdido para sempre” (Niemeyer, 2010, p. 28).

<sup>30</sup> Para os gregos, a liberdade era o exercício dos direitos políticos e o acesso ao espaço político. A polis era o espaço político por excelência, onde as pessoas se reuniam para tomar decisões coletivas e exercer a liberdade. A esfera da vida privada, por outro lado, era um espaço pré-político que era responsável pelas necessidades básicas das pessoas (Arendt, 2001, p. 64).

Coser o tecido fragmentado.



15. A compleição da Esfera pública (Autora, 2022).

As noções de interior e exterior e público e privado, o filósofo Gaston Bachelard, afirma que a dialética dos espaços internos e externos possui uma relação de interdependência. Para Bachelard (2008), as dimensões interna e externa se complementam, pois o espaço interior é o lugar de repouso e reflexão para o indivíduo, enquanto o espaço externo é o lugar de interação e ação.

Quando há uma supervalorização de um dos espaços em detrimento ao outro, a dialética se desequilibra, criando uma espécie de vazio, pois não há como ter um sem o outro. Por isso, defende que devemos buscar o equilíbrio entre os espaços interno e externo para que possamos usufruir plenamente das vantagens de ambos. (Bachelard, 2008).

No capítulo, A dialética do interior e exterior, Bachelard (2008) explica que, ao contrário das relações entre o interior e o exterior, a dialética entre o espaço interno e o espaço externo é baseada na dualidade. Na medida em que o indivíduo se aproxima do espaço externo, ele também se afasta do que é interno. Assim, a consciência é construída por meio da interação entre esses dois espaços e a passagem entre eles. Por outro lado, a consciência é também formada a partir da experiência com o limite entre o interior e o exterior. Em suma, Bachelard (2008) argumenta que a articulação entre o espaço interno e o espaço externo é essencial para a construção da consciência humana. Esta dialética envolve a experiência de limites entre o interior e o exterior, a casa e o espaço público (Bachelard, 2008).

A casa ou o abrigo, segundo Bachelard (2008), é também um lugar de memórias. É nele que as pessoas armazenam memórias afetivas e emocionais como lembranças de momentos felizes ou tristes, ou momentos especiais. Essas memórias são guardadas como tesouros preciosos, que ajudam a construir e a reforçar nossa identidade. A casa também é um lugar de refúgio, onde podemos nos abrigar dos perigos e dificuldades externas (Figura 16 e 17). A imaginação nos permite criar limites flexíveis, que nos ajudam a nos sentiremos seguros e confortáveis mesmo em meio ao caos da cidade. Ela nos oferece segurança e conforto, e nos protege dos elementos externos <sup>31</sup> (Bachelard, 2008). O abrigo é, então, um lugar que permite ao ser mergulhar no seu passado e se conectar com ele. Não é necessariamente um lugar físico, mas pode ser qualquer lugar que traga segurança e conforto para o ser. Portanto, o abrigo é algo que varia de acordo com as

---

<sup>31</sup> Em seu livro é interessante a análise no trecho, " *O exterior é riscado com um traço; tudo é novidade, tudo é surpresa, tudo é desconhecido. O exterior já nada significa. E até supremo paradoxo, as dimensões do volume não têm mais sentido porque uma nova dimensão acaba de se abrir: a dimensão da intimidade*" *Tudo é valor humano; o espaço não pode ser unicamente exterior pois é vivido, imaginado, recordado interiormente*" (Bachelard, 2008, p. 335). Mostra a tensão existente entre espaços e como é moldado a partir da ação humana.

Coser o tecido fragmentado.



**16 e 17.** A dialética do interior e exterior. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

necessidades e desejos do ser. É algo mais do que um lugar físico, é onde o ser se sente seguro e protegido. Por isso, é possível encontrar abrigo na cidade, seja numa praça, num parque ou num café, desde que o ser consiga se conectar com o lugar e se sentir seguro e confortável ali. (Bachelard, 2008).

As intervenções nos espaços urbanos de uma cidade são fundamentais para a valorização dela, da vida cotidiana e para a manutenção de esferas públicas. Essas propostas arquitetônicas e políticas públicas de uso dos espaços urbanos contribuem para a preservação da cidade, para a democratização dos espaços culturais. As reflexões de Arendt (2001) e Bachelard (2008) convergem às aspirações dos projetos de Paulo Mendes da Rocha, MuBE - Museu Brasileiro de Escultura, 1988, (Figura 18) e o projeto de Aurélio Galfetti, *Balneário de Bellinzona*, 1970, o interessante dos trabalhos realizados pelos arquitetos é o cosido onde exterior e interior se encontram.

O MuBE, 1988, foi concebido para ser um espaço de interseção entre a cultura e as artes, a arquitetura e a cidade <sup>32</sup>, diálogo com o tecido urbano, uma utopia, um gesto simbólico, “uma pedra no céu”, por sua vez, considerado utópico capaz de gerar uma sensação de abrigo e segurança em que ao mesmo tempo proporciona e renasce um espaço de manifestação essencialmente coletiva (da Rocha, 2018). No entanto, sem esquecer da relação entre ambos os espaços, assim, promove o cosido do encontro do interior com o externo (da Rocha, 2018).

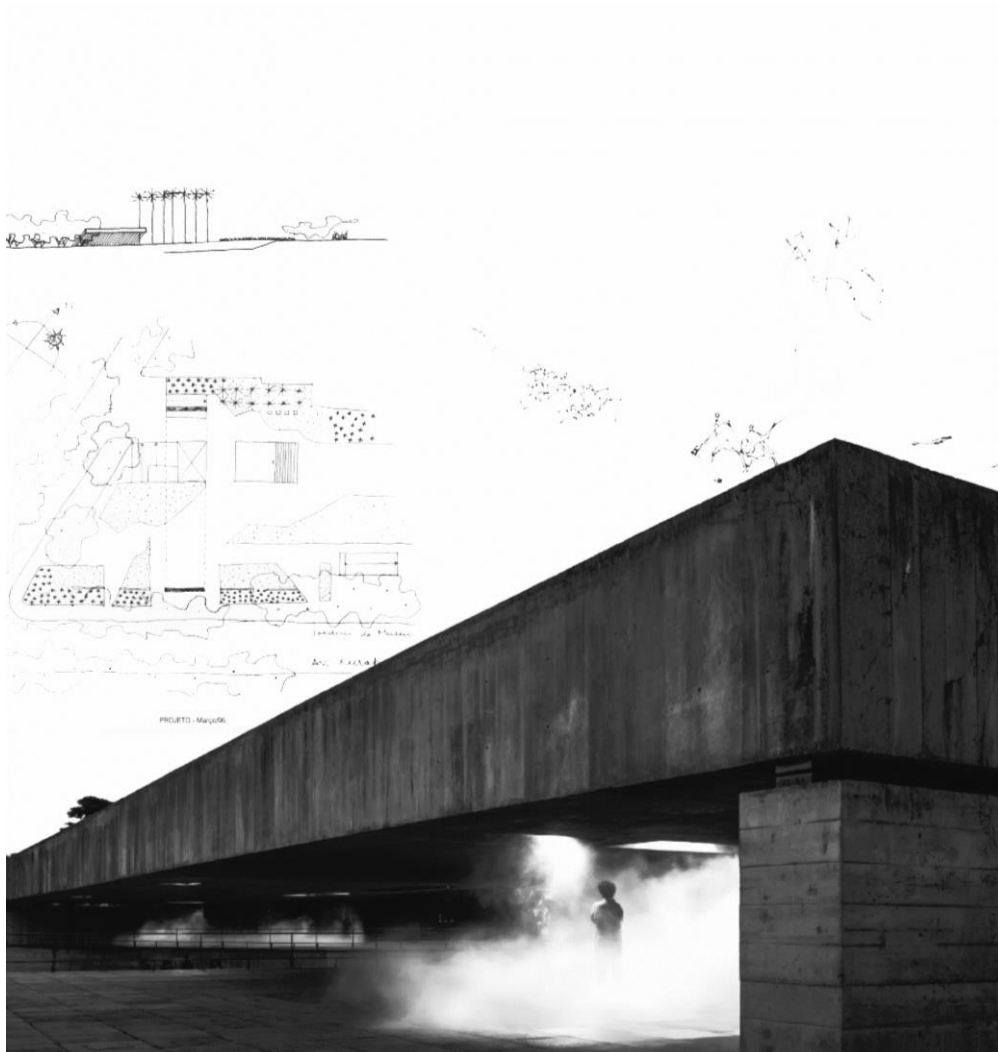
Em contraponto com os dias atuais, cada vez mais o espaço público é colocado como secundário. Partindo do pressuposto de Hannah Arendt, remetendo às Ágoras gregas, as quais possuíam, tais espaços coletivos, valores de liberdade, um lugar de encontro da pluralidade humana. Sua construção seira o produto de uma consciência coletiva e social. A ideia de ser um museu – praça ou uma praça – museu é encontrada, no caso da praça externa é remetida ao ideal de tal Ágora de Arendt (2001), a praça desempenha várias funções urbanas (Sperling, 2001).

A viga protendida serve como um marco geométrico que estabelece o referencial para o declive topográfico ao longo do terreno. Ela é ainda a porta de entrada. Com

---

<sup>32</sup> David Sperlingo complementa. “O museu reforçando o caráter urbanístico da área. Para projetar, o arquiteto a todo instante se referênciava à cidade, ao urbano e sua morfologia; o museu pretende ser antes de tudo didático e como tal disponibiliza instrumentos para a leitura do espaço urbano. O museu se implanta então em um lote triangular em declive, esquina em ângulo qualquer entre uma rua e uma avenida importante no traçado da cidade que a atravessa do seu centro até o rio Pinheiros, um dos vales importantes na geomorfologia da capital. Segundo o arquiteto, o projeto já nasceu como uma resposta ao urbano: uma praça com um marco, sendo ela mesma e seu subsolo o referido museu” (Sperling, 2001).

Coser o tecido fragmentado.



**18.** MuBE. Paulo Mendes da Rocha, 1986 (Autora, 2022).

o intuito de aproveitar o espaço para ocultar o trânsito intenso, as margens da praça foram cercadas, criando assim um espaço livre e protegido. Desta forma, a praça torna-se um destaque importante na paisagem, criando um espaço de respiro e instaurando um diálogo entre a obra e o entorno (Artigas, 2002).

Uma análise interessante é o fato da comparação entre uma Casa e a obra, quanto ao MuBE partindo de um gesto antigo que permanece até hoje, a ideia de abrigo, de pórtico, de uma primeira construção, uma cave, uma grande viga suportada por dois grandes pilares laterais que se encaixa num terreno que explora a arquitetura e escultura (da Rocha, 2018). Segundo Bachelard (2008), os limites do abrigo são mutáveis e são sensibilizados pelo ser e sua imaginação e por meio dela é possível encontrar um “abrigo na cidade”.

Atualmente, vivemos em uma sociedade cada vez mais individualista, o que torna mais difícil para as pessoas se relacionarem umas com as outras. Sennett argumenta que isso é um problema, pois as pessoas precisam de um senso de comunidade para serem felizes e realizadas. Richard Sennett, sociólogo norte americano, define a cidade como um assentamento humano em que há a possibilidade de estranhos se encontrarem. Para ele, encontrar estranhos é um dever cívico, onde em seu livro, *Construir e Habitar. Éticas para a cidade*, 2018, aborda suas opiniões sobre como o desenho urbano mantem o caráter de como nos relacionamos nas cidades (Sennett, 2018).

O grande desafio de Sennett, exposto em seu livro, é saber se existe a possibilidade de planejar uma cidade maximizando estes encontros. Sennett em suas obras realiza uma discussão sobre as formas de sociabilidade e suas relações entre cidadãos situados nas cidades, abordando desde o século XVIII até os dias de hoje. Em uma de suas obras, *O Declínio do Homem Público*, 1977, ele discorre sobre o esgotamento do espaço público no passar do tempo (Figura 19). Dentro da cultura, ele caracteriza a sociedade de narcisista se interiorizando no coletivo, onde o motivo para tal ação é para se estar de acordo com as normas sociais, e o esvaziamento do espaço público é causado devido ao processo excessivo da privacidade e o isolamento dela (Sennett, 2015).

O sociólogo crê que durante o período de altas taxas de migração da população, que antes, viviam no campo para as cidades foram um dos principais motivos para como um dos principais condicionantes para tal configuração da sociedade individualista, se “protegendo” diante a esses “estrangeiros”. Os quais lhes causavam estranhamento por suas formas culturais e pelo “caos” que causavam ao chegar, causando um temor de quem já morava nos

Coser o tecido fragmentado.



**19.** O esgotamento do espaço público. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

centros urbanos, e assim, começaram a se retrair no interior, nas “esferas privadas”(Sennett, 2015).

Dessa forma, a sociedade passou a ser mais individualista, com cada indivíduo se preocupando mais com seus próprios interesses e necessidades do que com o bem-estar coletivo (Figura 20) <sup>33</sup>. Isso gerou um afastamento entre as pessoas, que passaram a ter menos contato e interação entre si, o que contribuiu para o aumento da desigualdade social e da falta de solidariedade. Além disso, a falta de diálogo e de compreensão entre as pessoas também contribuiu para o aumento da intolerância e do preconceito. E como uma ação de proteção, o espaço público foi trocado pelo espaço privado com suas próprias famílias (Sennett, 2015).

Sennett (2015) argumenta que essas “comunidades destrutivas” são criadas quando as pessoas se sentem ameaçadas por mudanças sociais, econômicas ou culturais. Elas se fecham em si mesmas, criando um ambiente de medo e desconfiança, onde as pessoas não se sentem seguras para se relacionar com outras pessoas. Isso leva a um sentimento de isolamento e solidão, que por sua vez, leva a um sentimento de desesperança e desamparo. Essas comunidades também podem levar ao aumento da violência, pois as pessoas se sentem ameaçadas e não têm meios de expressar suas preocupações.

De forma a compreenderem as pessoas de fora como ameaças e inimigos, tais comunidades geraram alguns problemas atualmente, impedindo de entender a real função de uma cidade em promover locais de encontros de pessoas diferentes culturalmente e socialmente (Sennett, 2015). O autor, destaca sua descoberta para o homem público do século XIX, dividindo-o entre ator e espectador, onde prefere realizar a segunda opção, gerando a ausência das relações sociais e conseqüentemente a cultura do espaço público (Sennett, 2015).

Richard Sennett discorreu sobre a relação da sociedade e a arquitetura, dizendo uma vez que muitos projetos de arquitetura dos séculos XIX e XX são, em sua maioria, provedores a criarem “refúgios íntimos” voltados a esfera privada, ao individualismo. Quanto maior a intimidade, menor a sociabilidade (Sennett, 2015). Na obra *Construir e Habitar*, 2018, é apontado alguns problemas nas cidades com as pessoas e isso se passa devido a maneira na qual foi construída, gerando assim, ambientes de má qualidade. Ao abordar os conceitos *ville* e *city*, o segundo seria

---

<sup>33</sup> Magritte apresenta uma nova compreensão sobre o ser em uma sociedade cada vez mais individualista. A indiferença e o anonimato diante da sociedade.

Coser o tecido fragmentado.



**20.** *Le fils de l'homme*. René Magritte, 1964 (Autora, 2023).

uma consequência coletiva e sua relação do pensar político. Leva a questionar se o urbanismo deve representar a sociedade tal como é ou tentar modificá-la.

A vivência que Richard Sennett absorveu por meio de viagens e como pesquisador, ajudou-o também a entender como o diálogo da cidade com as vivências, com o tempo e com as apropriações é realizado. Os espaços entendem-se como ambientes sociais próprios que admitem várias formas influenciadas por significados de quem os usa. Sennett (2015), por meio de uma análise temporal, conclui diversas formas urbanas, continuidades e descontinuidades que influenciam os usos e a maneira como as pessoas se apropriam da cidade.

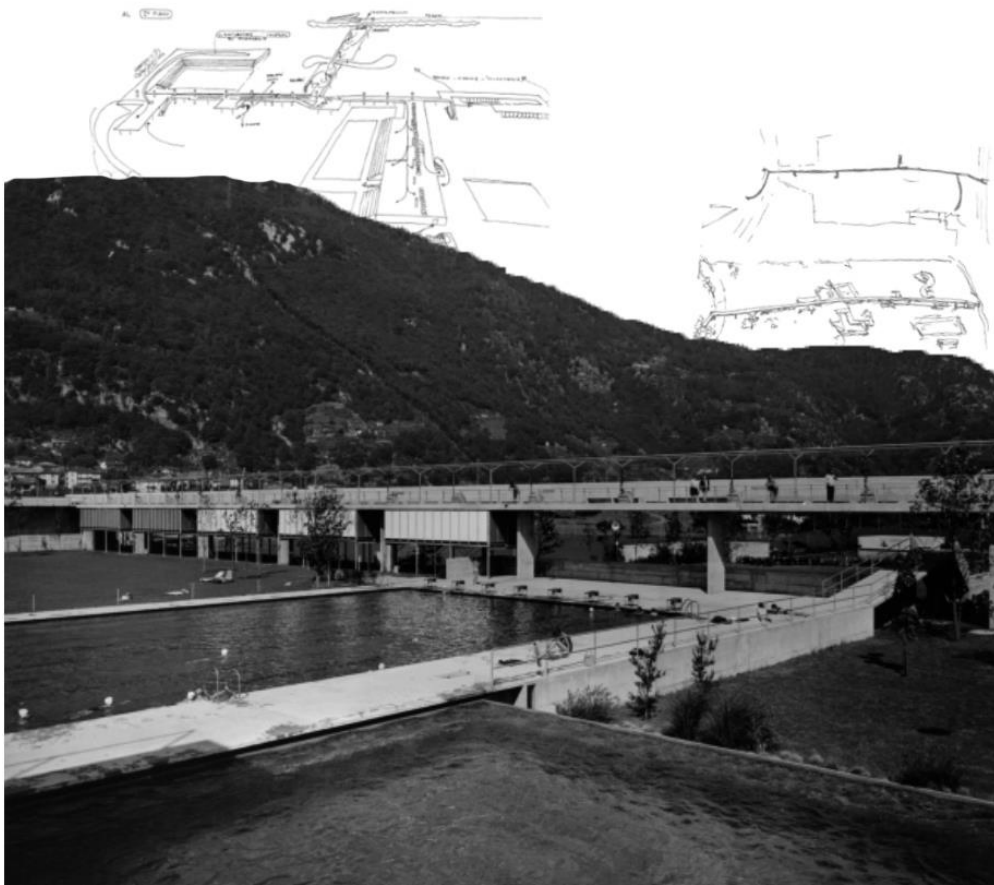
Por detrás da organização espacial da cidade existe toda uma lógica espacial e temporal que procura entender a ética de uma cidade, sendo esta muitas vezes interligada com a evolução da morfologia urbana e a apropriação das pessoas. Ao analisar o individualismo e uma abordagem atual relacionando com a tecnologia, resulta em uma cidade fechada, ou seja, um espaço onde são difíceis encontros entre os diferentes pensamentos e culturas, denominando este tipo de ambiente de “*gueto*”. Portanto, para ele a solução seria tornar as cidades abertas e inteligentes, propondo um projeto de cidades na escala humana, com a prioridade do caminhar.

*Balneário de Bellinzona, 1970*, o arranjo territorial criado por Galfetti em seu projeto consiste em conectar as extremidades da cidade por meio de uma grande estrutura de concreto, construindo um caminho com seis metros acima do nível do terreno, a separar o rio e a cidade, permitindo uma possível conexão entre as diferentes funções da cidade. A contemplar a paisagem do Vale do Ticino (Marcelo, 2016).

A estrutura seria uma extensão da cidade (Figura 21). A partir da passarela a grande mancha verde existente converteu-se em um espaço público aberto, permitindo o acesso a um lago artificial com piscinas. Desta forma, Galfetti materializou um novo território, conectando a cidade ao seu entorno, aproveitando ao máximo os espaços disponíveis para criar uma paisagem única. O arquiteto consegue concretizar uma cidade aberta e materializar os espaços sem a criação de barreiras (Marcelo, 2016).

Em suma, as atmosferas criadas diante as esferas da vida pública, e suas relações, intensificam e valorizam o seu uso e , ainda, é produtora de novas dinâmicas na cidade. O espaço público deve ser pensado de maneira criteriosa, além do âmbito do desenho, nas ações políticas diante o território.

Coser o tecido fragmentado.



**21.** Balneário de Bellinzona. Aurélio Galfetti, 1970 (Autora, 2022).

## 02. O Bairro das Nogueiras e suas dissonâncias

Neste capítulo, pretende-se realizar uma abordagem histórica, social e urbana da freguesia do Teixoso e o Bairro das Nogueiras, o que se deseja, num primeiro momento, é fornecer uma noção do contexto urbano, do Bairro com o Teixoso, sua disposição no tecido urbano, a realizar um percurso ao longo do eixo e sua relação com a cidade da Covilhã.

### 2.1 O desdobramento do Bairro no contexto da Cidade

*Cidadezinha qualquer*

*Casas entre bananeiras*

*mulheres entre laranjeiras*

*pomar amor cantar.*

*Um homem vai devagar.*

*Um cachorro vai devagar.*

*Devagar... as janelas olham* (Drummond, 2018, p. 59).

Uma cidade é o espelho das ações de quem a habita. É o resultado de conexões entre os espaços e as vivências do passado e presente, sendo redutivo resumi-la em descrições somente de detalhes arquitetônicos. Sua identidade é manifestada a partir da significação que os espaços possuem para cada indivíduo, ao mesmo tempo, é fruto de uma memória coletiva.

A falar de cidades e memórias, *La città e la memoria*, nos contos de Calvino no livro *As cidades invisíveis* convida à reflexão sobre a relação entre ambas e como a memória influencia a manutenção e a percepção sobre a cidade. Zaira, Zora, Maurília são arquétipos das muitas cidades existentes, como Covilhã, suas freguesias, Teixoso e suas relações. No caso de *la città e la memoria*, o encantamento prossegue no encontro com o passado como se ele fosse sempre melhor que o presente e uma inspiração para o futuro. O arдил está na decepção de que o passado não permanece melhor ou nunca foi, e no seu esquecimento.

Teixoso a quinta maior freguesia do concelho, transversalmente atravessada pelo rio Zêzere nas beiras da Serra da Estrela, ocupa cerca de 6,4% da área total da Covilhã. A nível populacional é a terceira freguesia mais populosas, aqui se concentrando 8,4% da população covilhanense. Entre os anos 2001 e 2011 a

Coser o tecido fragmentado.



**22. Extensão Covilhã – Teixoso (Autora, 2022).**

aptidão de crescimento registada na década anterior inverteu-se, pois entre 1991 e 2001 a população aumentou 18% (de 3742 passou para 4415), ao inverso que entre 2001 e 2011 diminuiu 1,2%, passando a residir na freguesia 4360 pessoas (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019).

A nível do edificado continuou na última década a ter sinal positivo, tendo o número de edifícios aumentado 9,1% e o número de alojamentos 16,5%, sendo considerável a forma como o aglomerado foi sendo ocupado ao longo dos tempos. A vila do Teixoso, constitui o extremo norte do eixo Tortosendo-Covilhã-Teixoso, o núcleo original situa-se na zona norte da vila, no qual desenvolveu-se em redor da igreja e do seu largo, observando-se uma malha urbana densa e com arruamentos estreitos (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019). Com o passar dos anos a envolvente foi ocupada progressivamente, sobretudo no sentido sul, ao longo do eixo viário que atravessa a vila de Teixoso, erguer-se novos arruamentos sustentados neste eixo e a nova edificação desenvolveu-se lentamente para a periferia do centro do Teixoso, onde atualmente a ocupação ainda é um pouco residual.

Teixoso adota uma dimensão e importância no contexto urbano à Covilhã, relativamente ao comércio verifica-se que a vila possui cafés, minimercados e serviços básicos e equipamentos como escolas básicas de 1º, 2º e 3º ciclo, piscinas, campo de jogos, centro social. A nível urbanístico e populacional é um dos aglomerados urbanos com maiores dinâmicas, ele não sucedeu com o surgimento de novos residentes, que aparente estar estagnado nos últimos anos (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019).

O complexo Habitacional das Nogueiras, o bairro social localizado na periferia da Vila do Teixoso. Cujo projeto foi ordenado pela Câmara Municipal da Covilhã e entregue em duas fases, a primeira em 2002 e a segunda em 2003 e tinha como objetivo a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos dessa área. Na primeira fase do projeto foram concluídos 64 fogos e na segunda foram concluídos e entregues 71 fogos, como na primeira fase ainda havia habitações inacabadas, estas só passaram a ser habitadas no início de 2003 próximo da conclusão da segunda fase. Totalizando, portanto, 135 habitações distribuídas em 16 blocos (Beira Serra) .

Coser o tecido fragmentado.



23. Gráficos estatísticos sobre bairro das Nogueiras de 2021 (Autora, 2022).

No ano de 2013, foi efetivada uma recolha de dados no âmbito da realização da dissertação de Mestrado em Sociologia, realizado por Anabela Pereira Campos e orientado pelo Professor Doutor João Dias das Neves, que teve como tema as habitações sociais no concelho da Covilhã, focando nos casos dos bairros sociais do Cabeço e das Nogueiras. Desta coleta surgem informações importantes relativas à pesquisa proposta, como a origem dos residentes, onde 37,2% dos residentes do bairro das Nogueiras neste momento, residiam anteriormente na Covilhã e 41,1% já residiam na Freguesia do Teixoso (Campos, 2013).

Quanto à tipologia dos fogos e sua ocupação, existem 56 T2, onde 51 estariam ocupados e 79 T3 com ocupação de 77 fogos, os agregados em sua maioria são compostos por uma pessoa, correspondente a 35,7%, seguidos pelos agregados de duas pessoas com 33,3%, podendo variar até um agregado de 6 pessoas. Sobre as profissões dos residentes, os destaques são: 41,9% de aposentados, 33,3% de desempregados, 4,6% de empregados de limpeza e 12 3,1% de operários fabris (Campos, 2013). Em comparação com os dados de 2021 oferecidos pela Beira Serra, nota-se, em maior parte dos dados, sua semelhança mesmo ao passar do tempo (Figura 23).

Segundo a candidatura do complexo ao programa Bairros Saudáveis 2020, as condições do bairro continuam precárias, com espaços urbanos de pouca qualidade e escassez equipamentos comunitários, possuindo os mesmos problemas sociais reportados na época de sua construção, como o desemprego, a baixa escolaridade e a dependência dos apoios do sistema de segurança social. Elevando os estigmas e preconceitos e instalando a insegurança no bairro, por esses motivos propõem uma requalificação urbana a partir do projeto *Pontes* com o intuito de integrar esses moradores com os outros residentes do Teixoso, implementar uma melhoria nas condições de vida e ampliar as oportunidades dos residentes do bairro das Nogueiras (Bairros Saudáveis, 2020).

A função e público-alvo do bairro das Nogueiras não foram modificados, desde sua construção até os dias de hoje procurou promover a melhoria da qualidade de vida de uma parte menos favorecida da população da Covilhã, com a construção de um bairro habitacional social municipal. Apesar de ter sido construído com esta intenção, o isolamento do bairro e a falta de qualidade dos espaços urbanos e equipamentos necessários levaram a alheamento desses residentes em relação à população ao seu redor (Figura 24). Esta, gerou preconceitos e inseguranças que atualmente.

Coser o tecido fragmentado.



**24.** Planta de Teixoso (Autora, 2022).

## 2.2 Reflexões nas inflexões de Teixoso e Nogueiras

*Eu vivo neste trajecto. A rua da Estrada é uma coisa mal-amada pela mesma razão de muitas outras coisas cuja identidade é flutuante, não encontrando estabilidade por aquilo que é mais pelo que deixou de ser ou ainda não é. É como um híbrido com a sua identidade cruzada e manipulada, ou ainda pior, como um transgénico que incomoda pelo simples facto de transgredir aquilo que o originou, no limite, a obra do próprio Criador (Domingues, 2009, p. 13).*

*A vivenciar o início de um percurso.*

Ao longo do eixo, até a chegada ao bairro, percebe-se o embaraço entre a paisagem rural e urbana (Figura 25.1). Criou-se algo híbrido, no qual, uma nova identidade surgiu. Onde antes só existiam quintas, predominaria o agrícola, surgiram novas habitações oferecendo um ar mais urbano, onde escolas, prédios envolvem as ruas. O espaço público se mistura com o privado.

A ideia de uma cidade linear<sup>34</sup> foi atropelada por anseios de quem a moldava. A ocupação de algumas áreas fora feita de forma desordenada e sem coesão, fragmentou a população dificultando a acessibilidade, mobilidade entre Teixoso e o bairro. O eixo dialoga em alguns momentos com a paisagem das serras, sendo que elas aludem às memórias, em outros, com as habitações. As edificações não obedecem a um plano concreto, pois percebe-se muito mais um planejamento cultural e uma diversidade funcional, que se aplica a algum momento de especulação e falta de plano.

Sua infraestrutura, a facilidade em ter um automóvel contribuiu para priorizar a mobilidade a favor de seu uso, a deixar de lado, os passeios mais largos para quem a vivência, mais segurança às crianças da escola à frente (Figuras 25.2). Na rua não há placidez, há um duelo incessante. A miopia, muitas vezes, verificada nas gestões, acarreta a não prioridade de recursos a um bom planejamento do espaço público, deixando-se à mercê o direito de ir e vir da população, a mobilidade urbana falha, verifica-se no fato que a escola foi erguida nas convergências de ruas, onde sua estreita calçada a dialogar com os edifícios criam um afastamento entre a experiência do percurso de quem o faz (Figura 25.4).

---

<sup>34</sup> Segundo Arturo Soria y Mata, desenvolveu o conceito de cidade linear como sendo formada por uma espinha dorsal em forma de via urbana de comprimento ilimitado a ligar um ponto ao outro cortada por vias perpendiculares oferecendo acessos secundários. Em sua centralidade é disposta de todas as infraestruturas (Feferman, 2007).

Coser o tecido fragmentado.



**25.** A vivenciar o início de um percurso (Autora, 2022).

*Uma casa logo ali. A desavir realidades distintas.*

A paisagem urbana <sup>35</sup> vai aos poucos a se consolidar, sendo ela definida como o conjunto de elementos presentes na cidade, tais como edifícios, ruas, parques, espaços públicos, monumentos e outros. Estes elementos são organizados de forma a criar um ambiente urbano harmonioso e coerente. A paisagem urbana não é apenas o visual das cidades, mas também o sentimento que ela transmite aos seus habitantes, bem como o impacto que ela tem na vida destes.

A casa edificada em uma bifurcação (Figura 26.1), serve como referência a se fazer uma parada à esquerda na praça (Figura 26.2), seguir em frente com o destino ao interior do bairro das Nogueiras, ou, se busca à direita um acesso aos percursos secundários, às ruelas históricas de Teixoso (Figura 26.3).

Ao percorrer, o seu ponto central encontra-se e elevado e deslocado em relação à via (Figura 26.1). Na praça, seu centro histórico reunindo igrejas e casas antigas. É nesse local que as pessoas mais se reúnem, um ponto de encontro e trocas de memórias já vividas. A cidade de Zirma em, *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino é uma cidade onde as memórias são o que dão forma ao seu espaço. É uma cidade onde as pessoas criam suas próprias memórias o que dão forma ao seu presente e ao seu futuro. Muito do que se é vivenciado em Teixoso acontece nesse ponto.

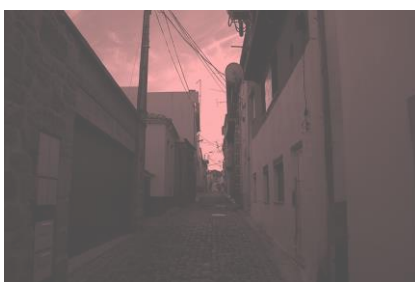
Zaira é caracterizada como uma cidade ainda ligada ao seu passado. É uma cidade narrativa, pois é possível ouvir conversas nas suas ruas, as casas antigas guardam histórias dos seus antepassados e das memórias compartilhadas entre gerações. Os visitantes chegam, e é aí que se pode observar a maior parte da cidade. Embora a arquitetura e os monumentos sejam interessantes, o melhor é observar as pessoas e ouvir as suas histórias. É através dessas histórias que a cidade é realmente conhecida. Há um sentimento de conexão com o passado e de preservação das memórias das pessoas, e isso torna Zaira única, assim como Teixoso tende a criar.

Em suma, tais arquiteturas das cidades não podem ser descritas apenas como um conjunto de edifícios e ruas, mas sim como um lugar onde as pessoas vivem, trabalham e se relacionam. É a história dos seus habitantes, as suas memórias e as suas experiências que dão forma à cidade.

---

<sup>35</sup> Para Cullen, definir o conceito de paisagem urbana, seria, ao identificar um edifício diria que é arquitetura, mas dois seriam paisagem urbana, pois a relação entre os dois edifícios próximos é suficiente para “libertar a arte da paisagem urbana” (Cullen, 2008, p. 135).

Coser o tecido fragmentado.



**26.** Uma casa logo ali. A desavir realidades distintas (Autora, 2022).

*O mundo urbano e rural.*

A construção do eixo foi de grande importância, pois proporcionou o desenvolvimento do comércio ao longo de seu trajeto e a apresentar uma mudança arquitetônica na paisagem e, com isso, o aumento do fluxo de pessoas e automóveis em seu trajeto. Formaram-se escolas, conjuntos habitacionais com comércio em sua parte inferior, materializando-se a cultura ainda enraizada da sociedade e sua diversidade (Figuras 27.1).

O urbano é apreciado ao fundo com os traços das paisagens serranas, onde, à medida que se locomove e aproxima-se delas, vê-se a dissolução das habitações (Figura 27.3). Em um momento do percurso avistasse uma singela abertura, uma entrada para uma quinta, a referenciar uma resistência do rural em meio ao desenvolvimento urbano. Um entroncamento nos apresenta em sua direita o desenrolar da rodovia e seu lado contrário, a continuação do eixo.

Mas ao olhar para isso, apesar da paisagem presente, fica a impressão de que não há nenhuma referência e traz uma confusão, um ambiente insólito. Percorrendo mais a frente, o portão, e ao fundo a paisagem, esse cenário remete a muitas histórias vivenciadas ao longo de anos (Figura 27.4). Nesse momento os dois lados do passeio desaparecem ficando em evidência à esquerda um muro de contenção, um monólito.

De repente não há mais ligação entre edificações e a paisagem, por causa do muro, a conexão visual e física com a malha histórica de Teixoso se perde e o percurso vira um registro para os andantes, aventureiros que podem apreciar as serras e o vazio, extraindo memórias em seus capítulos da vida.

Coser o tecido fragmentado.



**27. O mundo urbano e rural (Autora, 2022).**

*Percurso, road movies e memórias.*

Ao longo da via marca-se em uma altura o contraste de um lado potencializado pelo rural, onde observa-se a quinta, a qual, por ser propriedade privada possui uma área ampla e orgânica, sem traçados definidos, nos priva de se conectar com o percurso, com os andantes que passam curiosos para serem surpreendidos com o que está guardado. E no outro o espaço urbano consolidado. Não há comunicação entre eles. É um espaço híbrido (Figura 28.1).

O lado urbano é marcado por traçados de ruas mais ordenadas, loteamentos definidos e casas edificadas seguindo uma mesma lógica, a Arquitetura popular portuguesa, nada requintado, casas “simples”, sendo sua maioria dois pisos, onde, grande parte delas caracterizam-se pela existência, em sua parte posterior, de quintais, nos quais florescem ervas, hortaliças. Uma nostalgia ao passado, uma herança. Raul Lino caracterizava a simpatia das casas à beira da estrada, ou entre os campos, a nos revelar melhor o seu sentido português.

O muro de contenção marca os olhares pela sua solidez, presença, materialidade e de uma certa forma, monumentalidade. Porém, nos retira o foco da paisagem, enrijecendo a visão durante o percurso. Por um instante esse percurso remete a um paralelo às cenas vivenciadas no passado ao assistir filmes, *road movies*. Paisagens que tocam os andantes e condutores às recordações de histórias as quais marcaram momentos vividos, panoramas semelhantes que ficam registrados em suas memórias. E que ainda percutem durante o desenrolar de seus cotidianos.

*La strada* (1975) de Fellini, o cenário do interior da Itália com ruas e paisagens rurais que remetem ao imaginário do espaço urbano não consolidado, com caminhos de terra, revivendo passagens que outrora já existiram (Figura 28.2). Trazendo esperança de um amanhã, talvez esquecido, fazendo com que o olhar se referenciasse em personagens que serviram como bússolas, desbravando coragem de prosseguir, muitas vezes em uma realidade que se não aspirava alto.

Na continuidade do percurso e visto, a transmutar, um morador em sua bicicleta em direção ao bairro, surgiu então, uma recordação ao filme, *O carteiro e o poeta* (1994), no qual, era de imaginar a maior liberdade de quem andava sem conflito e sem a hegemonia dos automóveis (Figuras 28.4). Agora para se locomover em sua bicicleta é preciso habilidade e cautela, não há espaço suficiente para abrigar tais aventureiros e contempladores.

Coser o tecido fragmentado.



**28.** Percurso, road movies e memórias (Autora, 2022).

*Ao imaginário rural. E ao devir.*

A presença de uma quinta em um espaço que se expande para o urbano remete ao imaginário de uma ruralidade que atualmente restrita à expansão, ao mesmo tempo conserva a memória cultural de uma época. Mesmo atuando com uma função de produção agrícola, acaba não conversando com a extensão urbana (Figura 29.1).

O portão e o seu gradil (Figura 29.2), logo na entrada serve como elemento limitador dessa aproximação onde seria possível adaptar uma nova função a esse espaço, proporcionando assim, à população local partilhar as belezas e funcionalidades desse ambiente e com sua paisagem reviver memórias coletivas.

No percurso avista-se uma abundância de um arranjo de fios desordenados pendurados a contrastar ao fundo de uma paisagem que não os contempla. A percorrer ela direita, o muro da quinta, guia um caminho quase sem chão, o pedestre, agora, divide o asfalto e luta com o veículo a chegar. A virtude da paisagem e sua contemplação se desvanece pela falta de segurança, acessibilidade, conforto (Figura 29.1).

As edificações nas margens da rua são recorrentes tanto dentro das cidades quanto em seus percursos, nos remete ao passado que tivera um olhar corrompido de que um dia o espaço iria se expandir, que seria importante o transitar de pedestres, a contribuir para as interações sociais e a metamorfose contínua nas cidades.

Coser o tecido fragmentado.



**29.** Ao imaginário rural. E ao devir (Autora, 2022).

*Finalmente a chega ao bairro.*

O percurso ao do eixo de Teixoso e do bairro das Nogueiras é tomado por curvas. Com isso, há diversas percepções no decurso desse trajeto. Gordon Cullen já descrevia que em uma rua em linha reta, cuja perspectiva visual seja assimilada rapidamente, torna-se monótona <sup>36</sup>. Tudo está em movimento e, quando se vira à direita o vento, a trama da vegetação, o som dos pássaros faz com que o corpo reaja diferentemente à surpresa e ao inesperado que encontramos após a curva (Figura 30.1).

Existe ao longo da paisagem a interferência das mãos do Homem ao se observar após a primeira curva as habitações vistas ao alto com os “penduricalhos” de fios e a rigidez dos muros, os quais aos poucos vão se decompondo, que distorcem e impactam sobre a beleza do natural.

À esquerda talvez se desvie o olhar para algo que aciona a memória, que trouxe novamente ao presente algo vivenciado no passado. Não há como ser monótono um percurso assim, que balanceia o corpo de um lado para o outro, com o bailar das curvas. Esse dançar de árvores e pássaros a cantar favorece apenas a alguns e poucos segundos de apreciação.

Mais próximo ao bairro o natural se evidencia sobre a via rodeada dos dois lados por árvores que refrescam o olha e aludem a um momento acolhedor diferente do que muitos imaginam encontrar no percurso. Apesar de afável e eficaz para quem conduz um veículo pela via, aos transeuntes ainda não há sossego, a existência cada vez menor do passeio e sua estreiteza (Figura 30.4).

No processo de criação e continuação da via muito ficou ausente, interesses pessoais e comerciais dos órgãos públicos passaram por cima do servir para a grande parte da população, com o que se poderia realizar e com que o espaço oferecia.

A recordar de Álvaro Domingues, inquire-se a via, o percurso que quase por acabar é de todos e de cada um. Afirma que (Domingues, 2009, p. 244) : “nem toda a estrada pode ser uma rua”, seria esse percurso, eixo, essa estrada ser e a vir a formalizar uma *Rua da Estrada* para Teixoso e Nogueiras?

---

<sup>36</sup> Para Cullen a ondulação das ruas cria um desvio obrigatório a um eixo, a proporcionar o prazer de coisas elementares e vitais como luz e sombra, revelando todas as gamas de possibilidades contidas no trajeto (Cullen, 2008, p. 48)

Coser o tecido fragmentado.



**30.** Finalmente a chega ao bairro (Autora, 2022).

### *Vista do bairro.*

Concreto e ferragens gastas, uma escada que praticamente não é utilizada, mais uma barreira arquitetônica (Figura 31.1). É simplesmente uma qualquer escada colocada entre uma cota mais alta para possibilitar um acesso às habitações, algo que desconsidera a segurança o bem-estar de quem habita e faz com que eles preferiam desviar e percorrer um caminho mais distante. Talvez quem a projetou não tenha pensado no descer e subir com as mãos cheias de sacolas, mãos que guiam crianças, idosos. Eram outros tempos.

Quando o bairro é avistado, não são apenas os edifícios que chamam atenção, mas a função que suas janelas indicam (Figura 31.2). Fios pendurados a segurar as roupas coloridas que tremulam como bandeiras no danças dos ventos. Servem também como elemento de interação entre as pessoas, que aproveitam sua abertura para se comunicarem, como se estivessem em uma praça, trocam histórias, queixas, segredos. Possuem uma função que, a priori, quando a projetaram, não a imaginaram.

São janelas vivas, que resgatam memórias, servem de observatórios, são como *os olhos na rua* de Jane Jacobs<sup>37</sup>, e são de todos igualmente. Quiçá, aqui, alcançou-se o princípio da sonhada igualdade. A olhar ao bairro é visto um rio de veículos parados, a ocupar em espaço relevante, que poderia servir ao lazer e interação entre os moradores, um espaço fluido (Figura 31.3). Cada espaço da rua é disputado e sobram as janelas a fazerem a sua função.

O bairro das Nogueiras, encontra-se em uma cota abaixo da via que liga à Teixoso, um bairro onde a arquitetura expõe seu isolamento em relação a cidade, diminuto, aproveitado para abrigar uma população às margens da sociedade, deixadas de lado, por partes, como se aquele local fosse ideal para quem o habita, um isolamento para os isolados (Figura 31.5).

---

<sup>37</sup> Ela afirma que a presença atenta dos olhos da rua é fundamental para manter a segurança e a tranquilidade de um bairro e, ao mesmo tempo, criar um ambiente agradável. Os olhos da rua contribuem para que as pessoas se sintam seguras e confortáveis, pois se sentem vigiadas e protetoras, e isso torna os espaços públicos mais amigáveis (Jacobs, 2011).

Coser o tecido fragmentado.



**31.** Vista do bairro (Autora, 2022).

## 2.3 A Identidade sociocultural na construção arquitetônica e urbana

*De fato, a identificação mística de uma nacionalidade com uma espécie de ideia platônica da língua, existindo atrás e acima de todas suas variantes e versões imperfeitas, é muito mais uma criação ideológica de intelectuais nacionalistas, dos quais Herder é o profeta, do que uma característica dos reais praticantes comuns do idioma. É um conceito erudito e não vivido (Hobsbawm, 1991,p.74).*

As pessoas escolhem um lugar para sua moradia ou são escolhidas pelo lugar?

No caso da grande parte da população, historicamente é remanejada para um local que não possui identificação, o que causa na maioria das vezes rejeição ou abandono (Cavalcante et al., 2011).

O deslocamento da população menos favorecida para a periferia, traz como consequência uma expansão desordenada de seus habitantes, em que o planejamento da infraestrutura chega tardiamente e, acabam não usufruindo de um espaço urbano, ocasionando resistência e falta de pertencimento, isso espelha a situação dos habitantes do bairro de Nogueiras (Figura 32). A convergência de pessoas para um mesmo local gera um processo de enraizar o que elas trouxeram culturalmente.

Definir cultura, como conceito é muito amplo e, as vezes perderia o foco. Ao se interpretar cultura é possível perceber que esse processo se deu desde o momento em que o ser humano se distinguiu dos demais, pois quando percebeu alguns caminhos para uma melhor comunicação entre eles, definido seu espaço, percebendo como se dava as trocas com os outros, o processo da construção da cultura se iniciou (Lima, 2011).

Segundo Geertz (1978), um trabalho elaborado com um olhar para a percepção cultural de uma população e desafiado por ter a sua frente inúmeras estruturas conceituais complexas, relacionadas umas com as outras, porém sem padrões e referenciais que levam quem está trabalhando a ter que perceber, primeiramente, esse sistema para depois colocá-lo em prática (Geertz, 1978). Perceber o dia a dia de uma população, atendo-se aos menores detalhes é um caminho para o entendimento de uma cultura local, olhar como essas pessoas se comportam e praticam suas ações (Lima, 2011).

Coser o tecido fragmentado.



**32.** Bairro das Nogueiras, Teixoso (Autora, 2022).

A comunicação originou-se por meio dos símbolos e o significado de cada um deles, através do tempo, define como se construiu uma ideologia comum, a moral da maioria do grupo, como se determinaram normas, a memória artística de um povo e, em que se firmou sua fé. Assim perceber a cultura de um povo é mergulhar em suas histórias, crenças e ações culturais (Lima, 2011).

O filósofo Pierre Bourdieu, relaciona a cultura em dois pilares. Um baseado nas ideias de Kant, o qual aborda que o significado de cultura se estrutura em sua simbologia cultural, como a arte (Lima, 2011). O segundo, baseado na ideia das correntes Marxistas e de Weber, que acreditam na simbologia cultural como um instrumento de poder. Ambas analisam a simbologia cultural da população onde percebem as ações no dia a dia desses habitantes e as consequências que resultam dessa vivência da sociedade. Segundo o conceito utilizado por Bourdieu de *habitus*, em uma população age inconscientemente percepções e padrões, que geram ações e delas se consolidam estruturas ideológicas e práticas desses habitantes (Lima, 2011).

Para que as pessoas se sintam pertencentes a uma categoria urbana levam-se em conta os valores trazidos pelos seus membros, como elas cotidianamente se comportam com o que possuem, como que o grupo reage emocionalmente a situações comuns e, como é construída a interação nessa categoria (Cavalcante et al., 2011). Pertencer a algum lugar os conecta a querer preservá-lo, funciona como uma conexão entre habitantes e o ambiente, despertando o sentimento de cidadania.

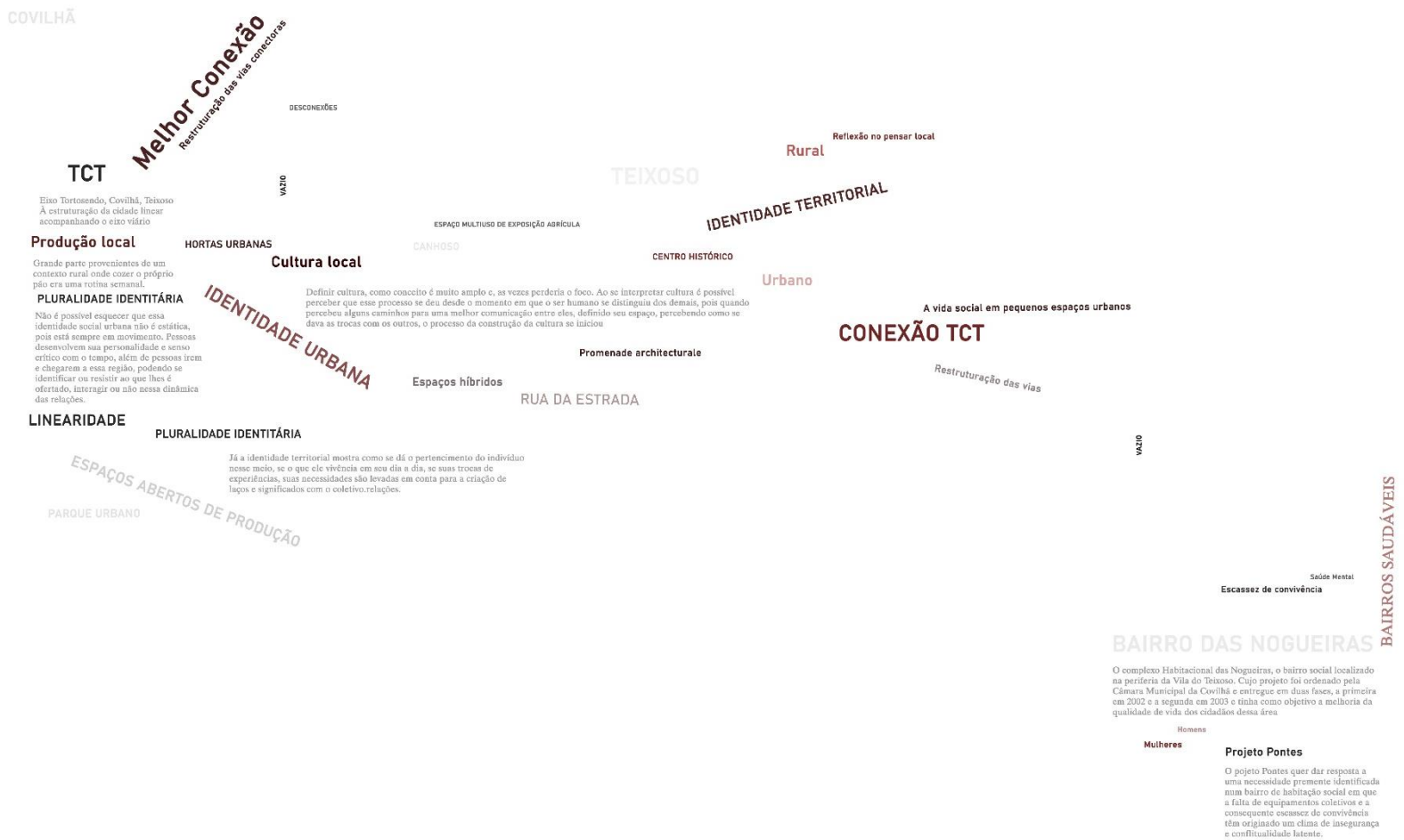
Cria-se uma identidade social quando, da interação com o outro, adequamos características que nos direcionam suas origens, sua localização, assim nos serve como parâmetro de identificação em relação a nossas vivências, se são afins ou não. Portanto estar agregado a um grupo movimenta uma sensação de proteção, de segurança, ou seja, de coletividade (Cavalcante et al., 2011).

A identidade urbana remete a um espaço que traz significado ao habitante, porém é preciso pensar em torno do conceito de *place identity*<sup>38</sup>, onde só o espaço não traz pertencimento as pessoas, mas o conjunto de ideias sobre o ambiente, sua localização, suas funções, sua estrutura, a interação entre as pessoas, dentre outras

---

<sup>38</sup> Teoria geral da identidade de lugar. “Place Identity – Proshansky, Fabian e Kaminoff 1976,1983. Interessante analisar a cidade de Barcelona ao lançar projetos-piloto em seis bairros com intervalos adequados para refinar melhor o processo de participação pública. O objetivo é incentivar a coesão social e a colaboração. Por exemplo, na Fase 2 do projeto ‘Superilles’ (Ajuntament de Barcelona).

Coser o tecido fragmentado.



33. Mapa Teixoso – Nogueiras e suas necessidades, “Map of Desires of the public of Hong Kong, OMA”(Autora, 2022).

(Figura 33). Assim, movimenta-se esse sentir coletivo, remetendo a um significado comum e por meio dessa conscientização desperta-se o interesse de preservação desse local (Cavalcante et al., 2011).

Entende-se por identidade coletiva o processo de significados, onde por meio das lembranças e histórias de cada indivíduo, de uma determinada população, convergem para um mesmo sentir coletivo. Assim, os significados são reorganizados “em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como sua visão tempo/espço”. Mas a identidade também se transforma com o tempo, pois as necessidades da população modificam-se com as demandas que surgem e, fazem com que haja uma fragmentação de identidades (Lima, 2011). As influências de outros locais contribuem bastante nesse processo de mudanças, assim a identidade cultural de um local diversifica-se em várias formas, mas nunca findam.

É preciso não somente considerar o levantamento do ambiente em que habitam, mas o que essas pessoas sentem em ocupar esse lugar. O pertencimento da identidade ao local que se habita estimula trocas e a busca para cuidar para não deixar de ter (Muxí & Borja, 2003). Existem categorias dentro de uma estrutura psicossocial que rotulam seus habitantes por pertencerem a determinada área, ou região, valorizando-os ou diminuindo seu valor por residir em um bairro mais afastado (Cavalcante et al., 2011).

Por meio, de limites geográficos, enquadrados em sua dimensão territorial, um coletivo é formado tomando-se por base o fator de identificação dos indivíduos dentro desse universo. Observa-se, então, como essa categoria de pessoas praticam suas ações no seu dia a dia e assim, a sua comunidade é composta pelo conjunto de compatibilidades de valores, expressões, desejos. Forma-se então um coletivo local, o qual agrega padrões e repetições de histórias e destinos (Cavalcante et al., 2011).

Jorge Peligro, artista espanhol em sua obra intitulada *La Ciudad Imposible*, 2022<sup>39</sup> (Figura 34), usa a colagem com fotografia para atentar e provocar o pensar, por meio de utopias imagética, e tudo isso com ironia, onde era especialmente importante gerar

---

<sup>39</sup> “*La Ciudad Imposible*” es una reflexión de las diferentes percepciones ante una misma realidad, múltiples puntos de vista de diversas ciudades, que dan lugar a diferentes interpretaciones. Entonces Lisboa ¿es romántica o decadente? Y Nápoles ¿es caótica o una ciudad viva? El proyecto permite reflexionar sobre temas de candente actualidad como la información y la desinformación o el fenómeno de la gentrificación o de cómo cambia el uso de ciertas partes de la ciudad para sus distintos ocupantes, convirtiéndose en ocasiones en parques temáticos. «Todo fluye, todo cambia, nada permanece» como decía Heráclito, nada es lo mismo un segundo Después” (Peligro, 2022) .

Coser o tecido fragmentado.



**34.** *La Ciudad Imposible*, 2022 (Peligro, 2022).

dúvidas sobre o que era verdadeiro ou falso. De tal modo, a obra sugere estarmos diante de um recurso irônico destinado a fazer o espectador se perguntar se as cidades que mostra são tão impossíveis. Essa ideia é reforçada antes da peça intitulada, assim como este, Jorge articula uma cidade imaginária, densa e saturada, que se constrói por meio de fragmentos desconexos de diferentes origens, em oposição ao sonho de ordem que o racionalismo propunha para a cidade contemporânea. Ele usa os grandes ícones arquitetônicos junto com outros elementos menos óbvios, para sugerir um imaginário coletivo em torno da ideia de cidade.

Não é possível esquecer que essa identidade social urbana não é estática, pois está sempre em movimento. Pessoas desenvolvem sua personalidade e senso crítico com o tempo, além de pessoas irem e chegarem a essa região, podendo se identificar ou resistir ao que lhes é ofertado, interagir ou não nessa dinâmica das relações. E isso diz respeito, também, como é colocada a contribuição de cada um que faz parte, às decisões a serem tomadas para o desenvolvimento desse ambiente, pois quando são colocadas a opinarem sobre como o seu meio pode evoluir, sentem-se vivas e desejam o melhor para o coletivo. Esse sentimento de pertencimento só aparece com o tempo, quando o que foi definido para o coletivo se desenvolve nessa comunidade (Cavalcante et al., 2011).

Preservar o meio em que vivem é manter seus vínculos e histórias que foram construídas em suas ruas, que definiram suas rotas. Nas praças que se tornam pontos de convivência, onde surgem acontecimentos, onde indivíduos manifestam sua arte, sua vida. É um espaço onde o natural, o verde está presente e convida à sociedade as suas práticas cotidianas. Dar ênfase a identidade de um espaço é permitir a interação entre seus habitantes e seus gestores, onde essa gestão ofereça traçados com percursos interessantes, seu perímetro urbano se apresente de forma contínua e, onde espaços públicos ofereçam e concedam várias formas de uso (Figura 35).

Para traçar um desenho urbanístico de um local e, entregá-lo a uma população, e este ter um significado aos seus habitantes é necessário haver um sentimento em relação a esse local, primeiramente, ele ser único, ser identitário de valores locais, além disso, permitir que esses habitantes se sintam possuidores desse espaço e, se reconheçam pertencentes a ele. Com isso esse lugar se conceitualiza, apresentando suas particularidades, valores culturais, costumes, tradições, que foram levados em conta para a sua construção e que trouxeram um significado a quem o habita (Lima, 2011).

Coser o tecido fragmentado.



**35.** Vivência do espaço construído. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

Assim todo o processo do desenho urbano deve levar em conta a análise de como será sua apropriação, o sentido de responsabilidade, a capacidade de inserir sua identidade territorial, construindo então uma identidade urbanística. A apropriação desempenha um papel fundamental na construção do espaço, pois permite que ocorram trocas entre a sociedade local, levando-se em conta alguns acordos entre os interesses afins ou não dos habitantes (Lima, 2011).

Com isso, definem-se as particularidades que trazem significados às pessoas que habitam esse local, tornando-o diferente de qualquer outro. Quando se olha sobre o prisma da responsabilidade, pode-se relacionar o quanto essa população apropria o desejo de reivindicar seus direitos e cumprir com os deveres estabelecidos para que haja uma troca justa com as demais pessoas. Assim quando um indivíduo se sente identificado com o lugar e convive respeitando seus deveres, a construção do espaço se dá de uma forma mais justa (Lima, 2011).

Já a identidade territorial mostra como se dá o pertencimento do indivíduo nesse meio, se o que ele vivência em seu dia a dia, se suas trocas de experiências, suas necessidades são levadas em conta para a criação de laços e significados com o coletivo. Isso dá a população uma maior qualidade de vida e vontade de querer pertencer. Assim a construção da identidade urbanística traz a capacidade de um local se tornar ímpar, por meio de um conjunto de fatores como, seu espaço geográfico, suas simbologias, suas crenças, seus valores, as histórias e memórias que ocorreram entre seus habitantes e a cultura que se desenvolveu com o passar dos anos (Lima, 2011). As populações locais passam a se identificar com esse coletivo, que com o passar do tempo vão se transformando e trazendo novos significados para aquele lugar.

Portanto interagir o ambiente, com o sentir das pessoas, com a localização do espaço, com o "como" projetar e distribuir pessoas e edificações, formam um conjunto de ferramentas que constroem a identidade de uma certa localidade e assim deixa-se de lado o urbanizar engessado, estruturado somente nas edificações sem funções e atribuições significativas para a população. É possível projetar espaços onde a comunidade participe por meio de seus valores, cultura e capacidade de criação e se reconheçam como parte desse todo, despertando o sentir de ser um cidadão e construindo um lugar com a justa medida de um olhar para as pessoas com o do "criador" (Figura 36) (Cavalcante et al., 2011).

Coser o tecido fragmentado.



36. Bairro da Malagueira. Álvaro Siza, SAAL, 1977 (Guerra, 2017).

## 03. Caracterização urbana

Neste capítulo, pretende-se realizar uma análise urbana do Bairro das Nogueiras, o que se deseja, num primeiro momento, é fornecer uma abordagem teórica sobre o espaço público, uma noção do contexto urbano do bairro com o Teixoso e a relação com Teixoso, sua disposição no tecido urbano, explorar a metodologia de análise, em seguida, caracterizar os espaços.

### 3.1 O espaço público e suas ambiências

*Por favor, observe com cuidado as cidades reais. Enquanto você está olhando, pode também ouvir, demorar-se e pensar no que está vendo (Jacobs, 2011, p.90).*

Percebemos, atualmente, a necessidade de colaboração entre os indivíduos para um fim comum e, ser solidário para ações que movimentem pessoas a pensarem como servir por meio do processo de comunização.

Quando pensamos em um local para muitos é preciso lançar mão da aplicação de uma organização nas relações entre as pessoas em uma comunidade. Essas podem se dar como um sistema fechado, ou seja, delimita-se um espaço e forma-se um local particular, ou, como uma rede aberta onde diversas comunidades realizam trocas, partilham experiências, se abrem para a vinda de novos habitantes e, as novas formas de vivências, abrindo caminho entre o ir e vir entre essas culturas diversas (Figura 37) (Stavrídes, 2021).

Dessa forma há de se notar que a comunidade se apresenta sempre em movimento e para que isso seja contínuo é necessário que dentro dela cada um execute uma função, ou seja, desempenhe seu papel, a fim de que com a cooperação de um grupo de indivíduos se executem projetos com a participação coletiva, que sirvam a um todo. Assim, desenvolve os habitantes a pensar sempre no coletivo, executando um espaço comum que se transforma através das demandas de quem o habita e serve de elemento transformador da sociedade (Stavrídes, 2021).

A partir do movimento modernista na arquitetura, deu-se um novo olhar aos projetos de habitação, onde o espaço urbano seria concebido como único, de uma comunidade, e partilhado de forma igualitária entre seus indivíduos. Porém há uma dificuldade de se projetar algo se levando em conta como vivenciaria a

Coser o tecido fragmentado.



37. Bairro da Bouça. Álvaro Siza, SAAL, 1970(Autora, 2022).

população nesse espaço, considerando seus valores, sua cultura, seu modo de troca e sua estrutura organizacional (Stavrídes, 2021)

A sabedoria que se oculta na experiência do limiar reside na consciência de que apenas nos podemos aproximar da alteridade através da abertura das fronteiras da identidade, formando - por assim dizer- zonas intermédias de dúvida, ambivalência, hibridismo, zonas de valores negociáveis”

(Stavrídes, 2021, p.18)

O espaço comum tem como função servir aos que habitam e esses, em contrapartida, servirem, também, ao espaço, ou seja, deve haver essa relação de troca entre o dar e receber. Um, então, recebe do local algo, que lhe dá uma ação de troca, ofertando, também, algo que acrescente a esse lugar. Assim se constitui, basicamente, por se moldar de forma coletiva. Diferentemente um espaço público se constitui por normas e acordos estabelecidos apenas por uma das partes e sob uma forma de hierarquia e poder (Stavrídes, 2021).

Havia despertado, em alguns, um movimento a busca de planejar e executar habitações sociais, que visava apresentar um novo conceito de viver em sociedade. Porém, em conjunto, se não houvesse políticas voltadas para a população de baixa renda, o projeto não atenderia a todos. A ideia em países como Alemanha, Áustria e Rússia era construir, lançando mão dessa nova arquitetura, planejar edifícios e locais tendo como referência esse novo jeito de viver, com ideias inovadoras, que diferenciassem a vida que existia em um espaço rural e, nas cidades moldadas em um conceito mais tradicional (Stavrídes, 2021).

Uma onda de arquitetos, que possuíam uma linha de pensamento utópicos, vanguardistas, buscavam que os indivíduos inseridos nessa nova sociedade pudessem se colocar de modo orgânico nesse novo conceito de comunidade, dentre eles Bruno Taut, Walter Gropius e Ernst May (Figura 38). Essas novas edificações eram executadas em bairros periféricos e bastante influenciadas por um movimento britânico denominado Cidades-Jardins (Urban, 2012, p. 11), que por um viés um tanto utópico, conceitualizavam uma nova comunidade planejada em uma escala reduzida, onde abrangesse edificações, espaços comunitários, escolas, áreas industriais e agrícolas e funcionariam em núcleos semiautônomos, onde o local seria rodeado por cercas verdes as quais conteriam seu crescimento.

Coser o tecido fragmentado.



**38.** Weissenhofsiedlung, Stuttgart, 1927 (Autora, 2022).

Com isso, buscavam áreas sem habitações para executar edificações novas (Stavrídes, 2021).

Na época houve grande escassez de casa de baixo valor, o que impulsionou um pensar inventivo para construção de novas habitações. Houve então, por causa de demandas da época, a necessidade de reduzir custos, diminuir tempo de construção, se adequar à uma população de renda limitada, oferecendo espaços para servir em conjunto à comunidade e, assim convergir através do conceito modernista de habitação social, para o planejamento e execução de uma habitação mínima (Stavrídes, 2021).

Esse conceito baseava-se no trabalho de arquitetos padronizarem construções e diminuir o seu tamanho, assim conseguiam produzir com um custo mais baixo, onde se mantinha um espaço mínimo que suprisse as necessidades básicas dos moradores, além de oferecer segurança e bem-estar. Em contrapartida se lançaria mão de espaços coletivos que supriam o espaço individual de cada habitação em determinada função como, lavadeira, área de refeições, espaço destinado às crianças e cuidados à saúde (Stavrídes, 2021).

O conceito de habitação social sugeria aos habitantes realizar tarefas de forma organizada, tendendo à construção de um novo hábito coletivo. Porém seus habitantes já possuíam seus valores, hábitos familiares, um modo de funcionar em suas habitações anteriores, dificultando com isso perceber o quanto essa nova tendência organizaria seu dia a dia (Stavrídes, 2021).

Portanto, a grande questão de proporcionar um novo jeito de viver desenvolvendo hábitos de cooperação entre os habitantes de uma comunidade, fazendo com que os conceitos arquitetônicos criem um processo de despertar e garantir a mudança de espaços comuns, através da colaboração dos indivíduos de forma mais organizada, encontra o desafio desses habitantes acolherem para si a necessidade de serem pessoas mais ativas na comunidade. Assim, pensar em inovar conceitos na arquitetura proporciona um grande ganho na formação de uma comunidade organizada, transformando o espaço comum, oferecendo uma maior qualidade de vida, bem-estar e trocas saudáveis entre seus habitantes e o meio (Stavrídes, 2021).

Coser o tecido fragmentado.



UM FILME DE JOÃO DIAS

# AS OPERAÇÕES SAAL

39. Documentário sobre o SAAL (Dias, 2007).

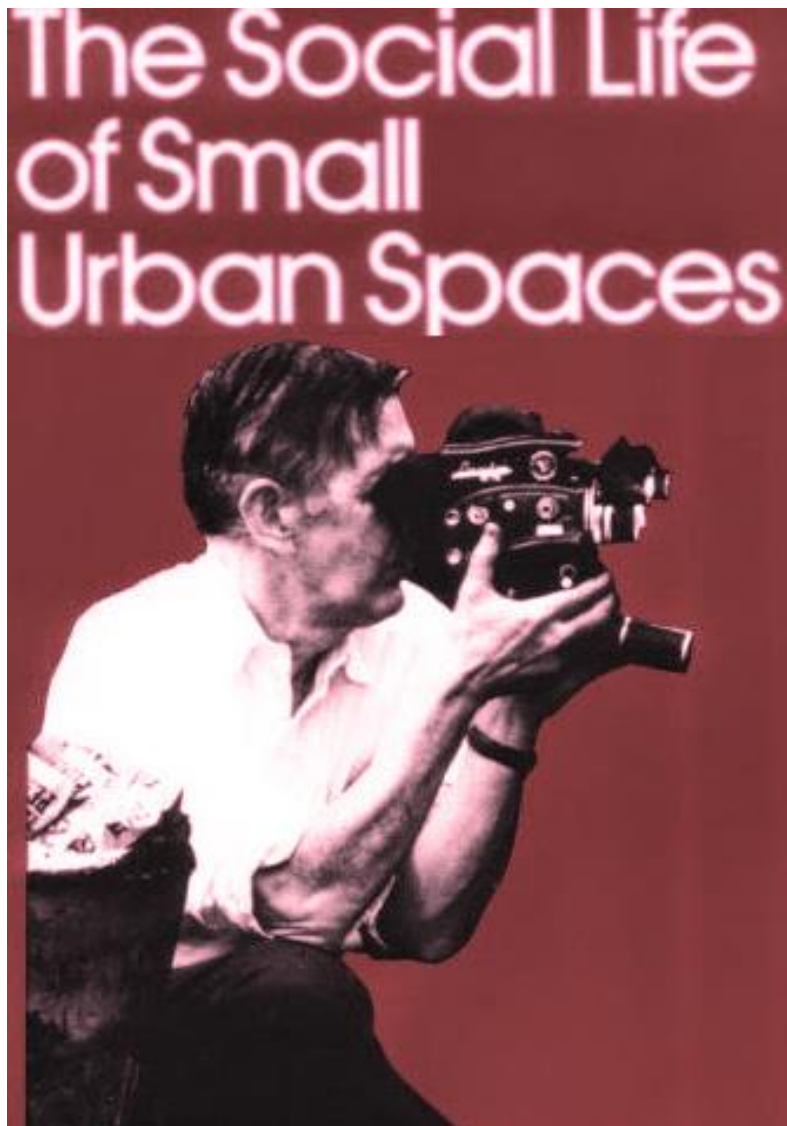
A função de estar em um espaço público, muitas vezes, não está clara às pessoas que o utilizam. A maioria das vezes estão condicionados a “padrões de atividades” realizadas durante o percurso até o local e dentro dele. Observou-se que a ação de levar as pessoas a esse espaço não é simplesmente o fato dela realizar algo lá, mas sim estar lá e se mostrar presente (Gehl & Svarre, 2018). Assim é importante assegurar que o espaço público disponha de algo mais essencial aos anseios de quem o procura. Nada direcionado ao soberbo, mais qualquer coisa que cria vida naquele local e, que faça a pessoa interagir e apreciar o espaço e as outras pessoas que possam ser encontradas por lá, ou seja, uma experiência para o coletivo (Gehl & Svarre, 2018).

No fim da década de sessenta a cidade de Nova York abriu-se para diversas novas edificações, onde para serem erguidos edifícios com torres altas, foi necessário desenvolver ao nível da rua diversos espaços públicos novos. Porém não ficou acordado sobre em qual nível se embasaria o padrão de qualidade da construção, tampouco como ele seria utilizado (Gehl & Svarre, 2018). Com essa demanda Willian H. White (Figura 40) desenvolveu um projeto “Street Life Project- que foi descrita em sua obra *The Social life of small Urban Space*, 1980 (Whyte, 2001).

Esse projeto teve como objetivo perceber como se mostrava a vida no cotidiano da cidade e, como suas ações atuavam com o espaço público. Por meio de suas observações foi possível identificar fatores que faziam as pessoas se identificarem e serem atraídas ou não com um determinado espaço público, além de contrapor alguns pontos relacionados a como nos posicionamos em um espaço público e em relação aos outros. Esse projeto lançou mão do uso de fotografia tiradas em intervalos de tempo, onde utilizava a rotina durante o dia como parâmetro (Gehl & Svarre, 2018).

Deste modo, na sequência do mesmo capítulo, a adotar as abordagens metodológicas apontadas anteriormente, pretende-se explorar, reportar, identificar aspectos e as características dos usos dos espaços, dentro de um período, no Bairro das Nogueiras, Teixoso.

Coser o tecido fragmentado.



40. The social life of small urban spaces. William Whyte, 1980 (Whyte, 2001).

### *Espaços no eixo principal*

Através do olhar da lente é possível demonstrar como é acolhido um espaço público. O foco é olhar as pessoas nesse espaço e perceber como ele traz a ação de ser prezado ou não por meio <de suas funções e edificações. Por meio da imagem colhida pela câmera é possível perceber não os detalhes arquitetônicos do que foi projetado, mas como o indivíduo experiencia o espaço.

Na foto abaixo (Figuras 41 e 42), designada como principal acesso, há esta e outra via, paralela, mas sem tantas funções. O rolar da bola nos pés da criança disfarça a grande monotonia do espaço onde os grandes edifícios, inseridos em um espaço amplo, mas frio e impessoal, causam a sensação de não acolhimento, mas, ao fundo, dando um contraponto, a vista da serra refresca o olhar com seu verde envolvente.

Ao focar na via percebe-se uma certa delimitação do espaço onde o passeio confunde-se com a rua, por ser tão estreito. Há de se notar qual, em uma de tantas funções, a rua representa, quando não há fluxo de carros, tornando-se quase um espaço pedonal, além de servir de espaço de lazer para as crianças e além de abrigar as festividades da comunidade.

Na segunda foto, o imprevisto do espaço exterior, onde por necessidade dos moradores e falta de um local próprio para sua utilização, a comunidade compartilha o uso nos recintos exteriores. A “*gambiarra*” projetada para servir como espaço de café, um espaço externo que tomou conta do local e compete com uma vaga de carro e a transmutação do pedestre.

Aqui a relação entre as janelas, a rua e o café nos remetem à função que um espaço público oferece, mas as pessoas por causa de suas demandas o utilizam de uma outra maneira. Do café ouve-se chamamentos de quem está na janela, para subir e partilhar os momentos do dia. Quem está na rua gesticula a quem está no café, porém dependendo da distância é difícil enxergar para quem é a conversa.

Assim o essencial para os moradores foi esquecido nesse projeto, as trocas se dão entre janelas, no imprevisto de uma calçada com uma vaga de garagem e, a rua já não mais cumprindo a sua função.

Coser o tecido fragmentado.



**41 e 42** . Diluição do espaço público. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

### *Os limites*

Essas fotos ilustram um espaço (Figuras 43 e 44), localizado a poente, único inserido no bairro, que foi projetado para ser um espaço para o usufruto das pessoas, onde ali aconteceriam as trocas. O olhar para esse local pode sugerir o que foi projetado, porém se explorarmos mais profundamente percebemos um outro cenário, onde pessoas e espaço se interagem, se relacionam.

Vemos que o local não convida a uma experiência humana mais profunda, onde além de não dar uma sensação de segurança não há uma continuidade de peças do projeto a chamarem o interesse de quem utiliza o lugar, parece monótono. Ao fundo do espaço entre o muro e o prédio, caracteriza-se um beco, que durante a noite, com baixa presença de luz é um lugar pouco acolhedor e seguro.

Nota-se algo improvisado durante a execução do projeto, onde parece que essa área sobrou e o espaço foi adaptado para ser destinado ao lazer, com um pensar bem limitado. A falta de espaços para a interação das crianças se reflete nessas fotos. O muro de arrimo virou uma *parede de escalada*, sem segurança, mas um elemento que a comunidade lançou mão para criar algo mais desafiador, criando um espaço delas e para elas.

Kevin Lynch observou que os limites <sup>40</sup> não se apresentam só fisicamente, mas quando há uma quebra de continuidade em um espaço e dessa forma atuam com maior intensidade, em um local, quando não são percebidas visualmente. Assim quando aprofundamos a percepção do local ele nos faz perceber as barreiras do interagir entre pessoas e espaço.

Esse espaço é materializado com chão em pavê cinza, com suposto espaço ajardinado, não planejado e agora degradado. Há uma grande necessidade de espaços para sentar-se, pois possui mobiliário inadequado e não convidativo na interação de pais e crianças com o espaço.

---

<sup>40</sup> Os limites funcionam como forma de referência, revelando uma característica que mostra uma organização estabelecida. Quando trabalhados bem podem gerar ao espaço uma continuação, uma união com o restante (Lynch, 1999, p. 58).

Coser o tecido fragmentado.



**43 e 44** . O imprevisto no espaço. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

### *Usos dos espaços restantes*

As fotos a seguir alertam para como um ambiente pode causar estímulo ou não às pessoas usufruírem do espaço público, local esse aproveitado à margem do estacionamento de vagas para carros, como se fosse um passeio alargado, que não proporciona sensação de conforto, saúde física e mental. Apesar da presença de árvores, a falta de um projeto urbanístico, com uma área projetada com plantas ornamentais, também, favoreceria o controle de temperatura no ambiente, além de proporcionar um aumento do bem-estar dos indivíduos e a sua autoestima ao usufruir desse espaço (Figuras 45 e 46).

A arborização contribui, além das sombras, a valorização do local. Esses fatores auxiliam a reestabelecer a relação do ser com o meio ambiente. Próximo ao local de lazer, à esquerda, foram dispostas grandes lixeiras, sem uma separação e setorização dessa área, onde bem próximo existe uma central elétrica, desprotegida, e no seu entorno foram dispostos bancos que as crianças utilizam em suas interações, proporcionando uma situação de extrema insegurança.

Ao fundo e colorido, está um espaço com mobiliários improvisados, uma churrasqueira e bancos executados em desproporcionalidade, ou seja, projetados ergonomicamente errados pelos moradores, eximindo a eles próprios o conforto nas horas de descanso. Nesse espaço quando há bom tempo costumam se reunir para partilharem comidas, conversas e histórias.

Esse espaço foi moldado de acordo com as necessidades que a comunidade apresentava. Sabiam o que executar, mas o como ficou a desejar por um saber mais técnico, o qual deveria ter sido planejado e executado dentro do projeto do bairro porque o idealizou. Aqui percebemos, novamente, a percepção do limite, além do que está aos nossos olhos, o cercear de uma integração sadia. É um ambiente, que quando se olha profundamente, percebe-se cercado de limites.

Esse espaço público caracteriza-se por uma completa desorganização onde, não existe uma separação específica de cada setor. A sensação é que o descaso pelas necessidades de seus moradores ocasionou, por partes deles, uma ação desordenada a fim de suprir o que desejavam para seu bem-estar. Quase no fim do bairro, uma horta, um espaço a suplicar sua expansão, ação realizada pela cooperação da comunidade também para suprir e auxiliar na subsistência de seus moradores.

Coser o tecido fragmentado.



**45 e 46.** Espaços moldados. Bairro das Nogueiras (Autora, 2022).

### *Uso cotidiano*

As fotos mostram a mesma rua e o seu redor, só que, em meses diferentes, horas diferentes e estações do ano diferentes. A sequência de fotos demonstra que através dessa cronologia é possível perceber a movimentação e interação das pessoas com o bairro, ao longo de períodos distintos (Figura 47).

Segundo Willian Whyte, essa percepção mais profunda focada, em que, as pessoas são a parte mais significativa e com maior visibilidade no planejamento de um projeto, para que o local se apresente com qualidade, faz com que se crie e execute espaços físicos que atraiam e conduzam o indivíduo a interagir com o local e trocar mais dentro da comunidade.

De acordo com seus estudos o fator que mais atrai pessoas a um espaço é o ambiente estar com outras pessoas. Assim, um espaço com boa qualidade fica convidativo e a sua ocupação ocorre espontaneamente. Com esse conjunto de fatores, requalificar um espaço lançando mão da demanda da comunidade, organizando-o e, proporcionando uma melhor qualidade de vida e fortalecendo a identidade local.

A destacar alguns períodos. A primeira foto é em julho verão em Portugal. É a primeira visita ao bairro. Durante o período da manhã, o fluxo na rua não era intenso, nem por criança e nem por carros. Há uma presença de sombras junto as fachadas das habitações (a oeste), devido a orientação solar. Com isso, com pode notar o espaço oposto, apesar do não uso nesse horário é visto a colocação de mesas e cadeiras. Em março, com a temperatura mais amena, nesse horário, nota-se um fluxo maior de carros na via, apesar do bairro estar mais parado. Pelo horário o sol se pondo – mais sombra – gerando um desconforto de ficar nos espaços de fora.

Coser o tecido fragmentado.



15.07.21  
10h-11h



20.11.22  
18h



05.03.22  
16h-17h



05.03.22  
16h-17h



14.04.22  
14h-15h



14.04.22  
14h-15h

47. O estudo do espaço (Autora, 2022).

### *Vivências no bairro*

Os espaços públicos constroem alianças entre as pessoas dentro de uma comunidade. Lá se dão encontros, estimulam ações conjuntas que beneficiam em muito a saúde mental da população.

Algumas imagens foram feitas durante a Atividade *Brin-Criar no Bairro de Nogueiras* <sup>41</sup>. Elas foram executadas para uma análise e posterior diagnóstico da relação das crianças <sup>42</sup> do bairro, com os espaços nele oferecidos, de acordo com o método de pesquisa realizado por Gehl (Figura 48).

Quando projetado e executado, quem o idealizou atribuiu às áreas, vias e edificações determinadas funções, porém elas não supriram a demanda das pessoas dessa comunidade e, assim as pessoas começaram a interagir nos diversos locais, com funções antagônicas das propostas.

Essa falta de setorização fez com que o espaço se desenvolvesse de forma desorganizada, normalmente desempenhando as áreas e objetos funções distintas. Como no caso da primeira foto onde um grupo de moradoras reuniram-se na entrada do bairro, no antigo parque infantil. A mulher ao encontro da árvore, como assento, e em uma roda de conversa, onde se interagem enquanto as crianças brincavam.

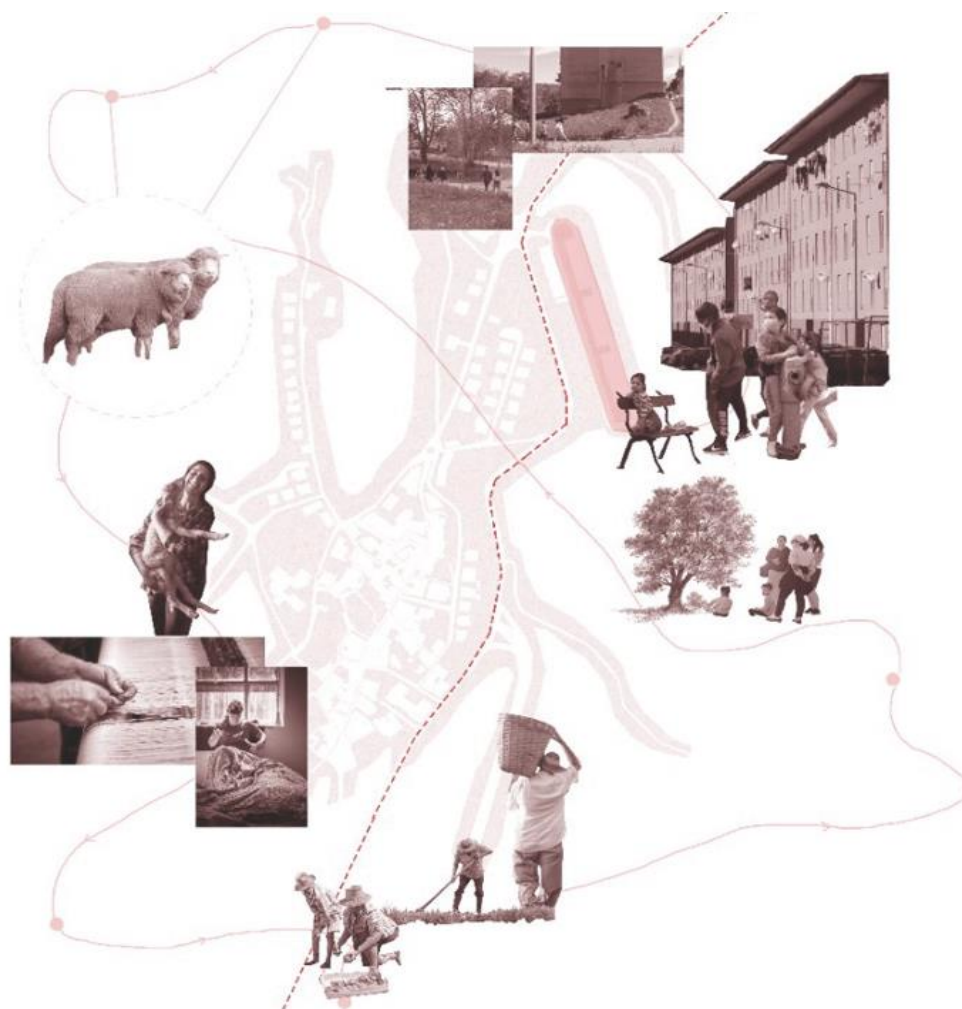
Isso demonstra que muitas vezes o espaço serve para que a pessoa se coloque como vista, ela acaba lançando mão de um pretexto para estar nesse espaço. Com isso, o local serve à comunidade como algo ambíguo, pois nem sempre as pessoas buscam estar ali para realizar algo relativo à sua função, a ação se dá mais para que ela seja vista pela comunidade.

---

<sup>41</sup> Acompanhamento da atividade *Brin-Criar no Bairro* elaborada pela aluna Sofia Silva durante o mês de abril no ano de 2022.

<sup>42</sup> Como refere Jacobs, “*As crianças precisam de uma boa qualidade de locais onde possam brincar e aprender (...) onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções do mundo*”(Jacobs, 2011, p. 88).

Coser o tecido fragmentado.



**48.** A função do bairro para as pessoas (Autora, 2022).

### **3.2 Eixos estruturadores – Eixo TCT**

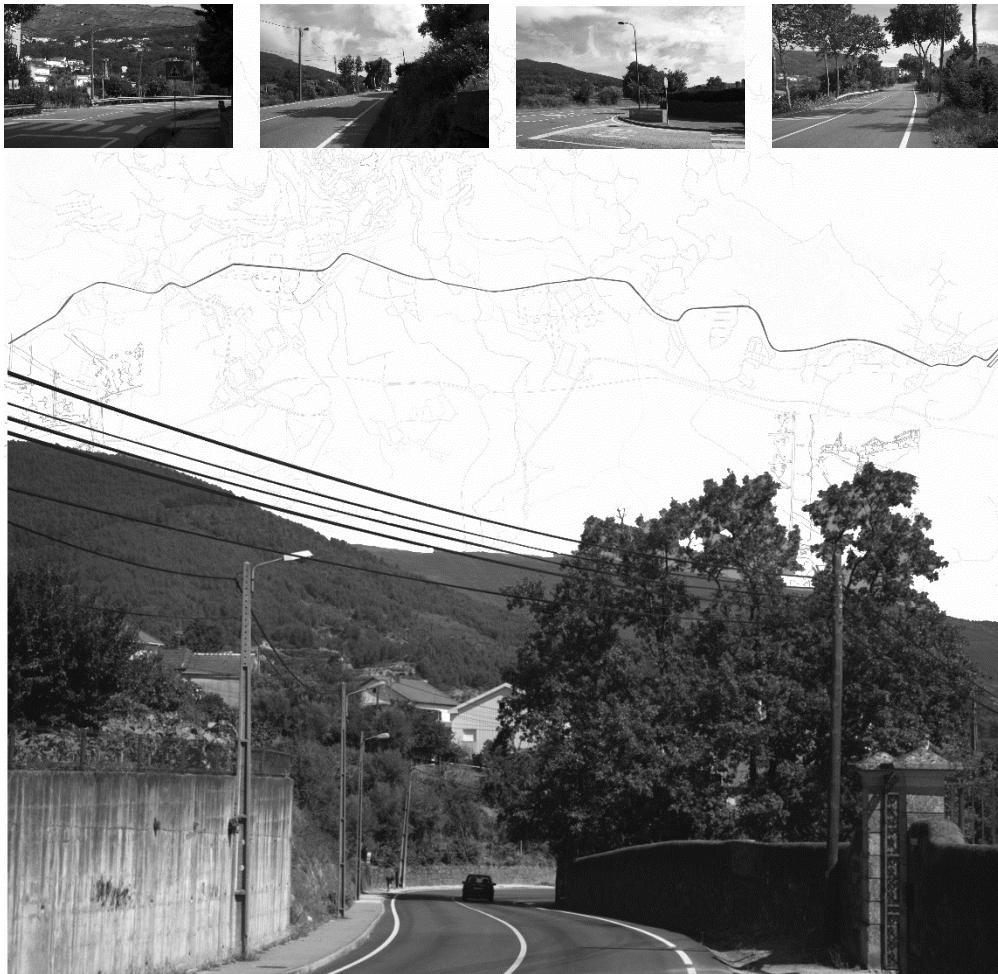
*São canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas de ferro (Lynch, 1999, p.47).*

A ocupação dispersa do território português em parte é consequência associada à regulamentação do PDM em vigor. O mercado imobiliário na cidade da Covilhã procura áreas para construção destinada a usos habitacionais nas freguesias rurais situadas na envolvente próxima da cidade, algumas das quais passaram a integrar a chamada Grande Covilhã, que encerra já um contínuo urbano que se desenvolve em torno de um eixo. Implementação do conceito de cidade linear, com a potenciação do eixo TCT (Tortosendo -Canhoso - Teixoso), permitindo assegurar a coesão do tecido urbano (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019)(Figura 49).

O projeto de execução do eixo se estendeu ao longo de 9,5 km. A proposta teve a finalidade de possibilitar a conexão de três localidades, que tem grande relevância para o concelho da Covilhã, sendo, Teixoso, Covilhã e Tortosendo. Essa ligação traz grande importância, pois atinge oitenta por cento da população local, onde a grande parte dela representa a produção industrial, e que, o principal benefício, é a rentabilidade que se obtém com a convergência desses três núcleos. Ao longo desse eixo encontram-se grandes indústrias e empresas que absorvem quase vinte por cento da mão de obra local e sediam o Parque Industrial, Zona industrial e o Parque TIR («Boletim da Câmara Municipal da Covilhã», 1992).

Existiu uma demanda para a instalação, a curto e médio prazo, de novas empresas atraídas pela facilidade logística e, que serão de grande relevância para o desenvolvimento da região. Foi também um projeto de grande importância para a continuidade da expansão industrial da região. Dividido em fases, a primeira fase beneficiará trinta e duas empresas, onde o tempo do percurso se encurtará, ajudando no aumento da produtividade e acesso em menor número de tempo as matérias primas («Boletim da Câmara Municipal da Covilhã», 1992).

Coser o tecido fragmentado.

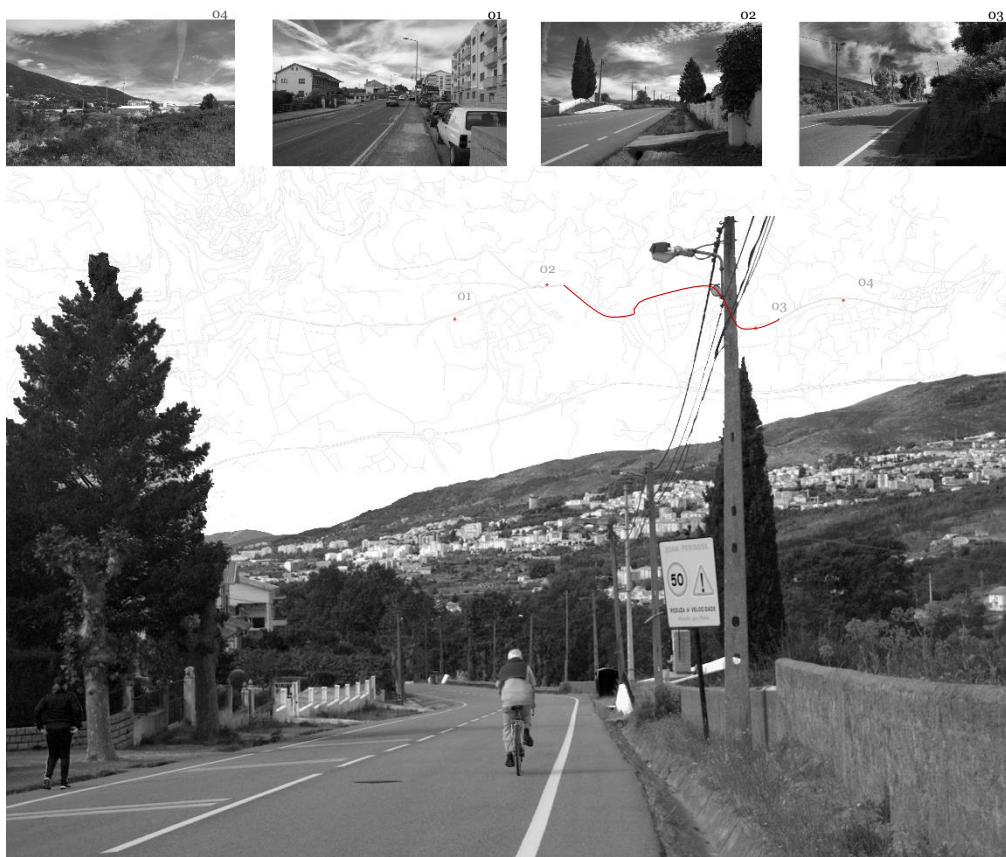


**49** . Estruturação do Eixo TCT (Autora, 2022).

Os produtos são, também, transportados em maior volume, diminuindo gastos com combustíveis e peças. Sobre a mobilidade, beneficiará o acesso em menor tempo a Delegação Aduaneira, Parque TIR, Parque TIF e produtos destinados à exportação. Como consequência de sua implantação haverá um aumento das vagas de trabalho na Cova da Beira, além do aumento de produção das indústrias já existentes e, melhora nos acessos complementares ao eixo TCT. Para sua realização contou-se com a mão de obra de engenheiros civis com suas equipas. A Câmara da região foi responsável por trinta por cento do valor aportado na obra («Boletim da Câmara Municipal da Covilhã», 1992).

Segundo o plano diretor apresentado anteriormente, houve necessidade de adequações por não obedecer a certas normativas, sendo assim, foi alterado pelo aviso 7902/2018 e estabelece novas normas e regras que precisam ser respeitadas para o uso e transformação do solo. A área em que o plano deve ser efetivado contém cerca de 2980 ha e engloba além da cidade da Covilhã, as vilas de Teixoso e do Tortosendo, além dos núcleos de Boidobra, Canhoso, Cantar-Galo e Vila do Carvalho (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019).

Coser o tecido fragmentado.



50. Relação do eixo com o tecido urbano (Autora, 2023).

### **3.3 Espacialidades urbanas - Formas e usos no Eixo**

*Construção de um território para ser habitado no modo humano, no conforto com o espanto inaugural da nossa presença no universo revelada na consciência e na linguagem. A cidade, que não é fenômeno, é premeditada ação, projeto (da Rocha, 2018, p.183).*

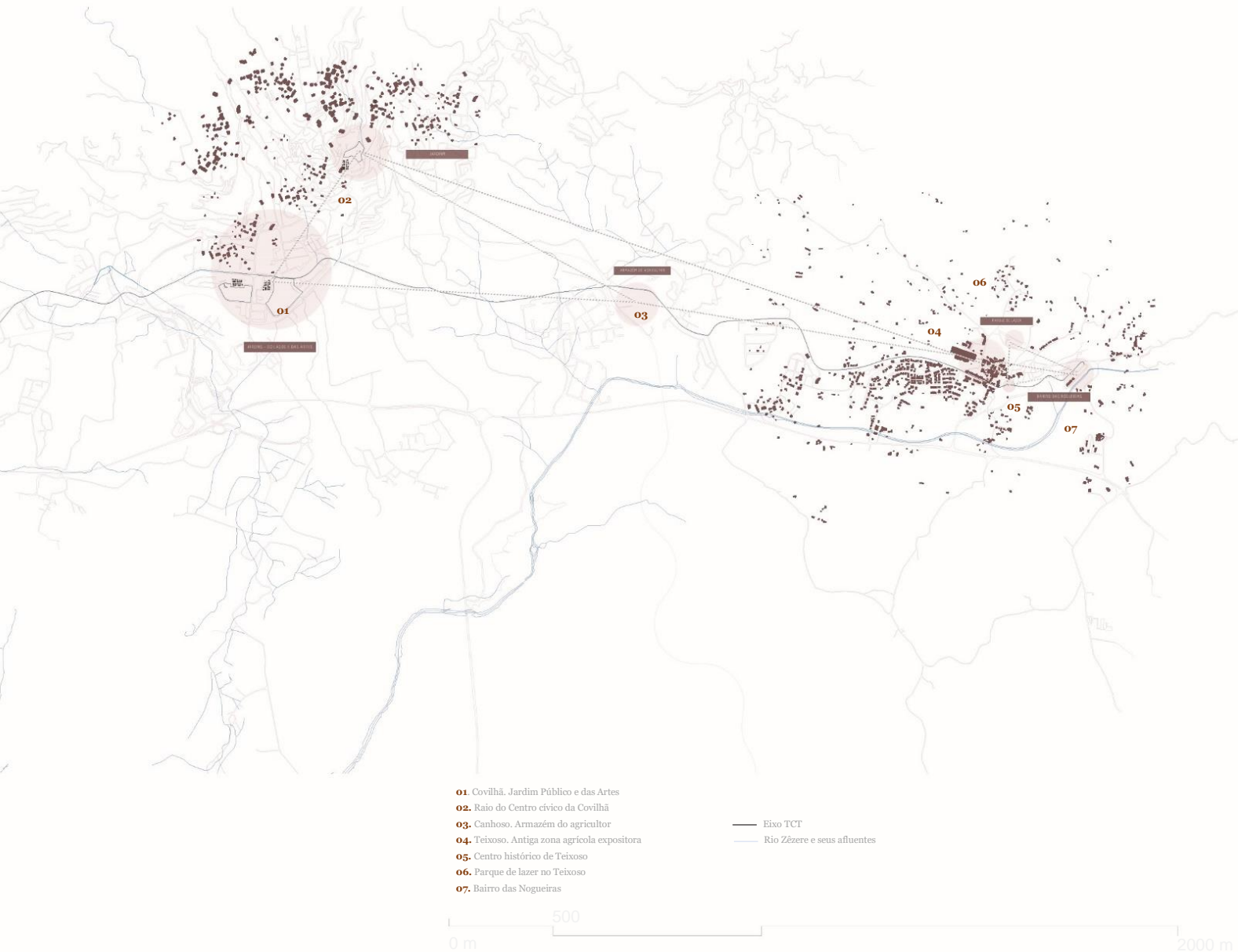
Tomando-se por base que foi herdado da constituição sobre as formas urbanas e como está se relacionava com os territórios não urbanos fica clara a percepção das rupturas morfológicas a tradição urbana no ocidente, onde sua trama não apresentava conectividade entre os elementos urbanos, muito menos não se dava atenção ao potencial que poderia se alcançar se houvesse o relacionamento com o todo, sendo assim, denominou-se, pela falta de conectividade, as áreas como periféricas, suburbanas (Portas et al., 2012).

Hoje vemos que áreas que se encontram mais afastadas e, que se tornaram mais obsoletas e insustentáveis, mesmo em áreas urbanas estabelecidas, há investimentos imobiliários que geralmente estão ligados à construção de novas estradas ou ao abandono de áreas obsoletas, resultando em novos bairros residenciais que se assemelham mais aos desenvolvimentos urbanos periódicos em termos de configuração, exceto pelos preços cometidos. Com isso, percebemos que existem fatores que podem diferenciar essas ligações no grau de consolidação, coerência e tempo de execução dos elementos que podem propiciar coerência ou incoerências nesses espaços (Portas et al., 2012).

Por isso, a reabilitação, atualmente, tanto de espaços públicos como para a edificação do tecido urbano, apresenta-se como uma solução assertiva para a ampliação dos espaços. Porém, reabilitar muitas moradias herdadas, traz como consequência um alto custo e efeitos na sociedade local, gerando nos dias de hoje a segregação socioespacial, forçando a saída de antigos habitantes, em função do aumento em determinadas áreas do custo de vida, ou seja, a grande tendência à gentrificação (Grande, 2012).

Os espaços públicos se apresentam como elementos estáveis da estrutura urbana e, isso se dá pelo modo como se relacionam com o seu entorno, os meios da infraestrutura urbana, como se colocam suas edificações e como se inserem na paisagem local. Os traçados desempenham um papel muito importante, pois, proporcionam uma atividade mais ordenada (Portas et al., 2012).

Coser o tecido fragmentado.



**51.** Espaços públicos no Concelho da Covilhã e suas relações (Autora, 2022).

Quando do início de um processo de urbanização, conhecido como canônico, sua constituição acontecia pelo que a administração possuía de demanda. Assim, os lotes tinham medidas regulares, tipologia e morfologia aceitas, restrições técnicas e regulamentação de ocupação de solo. Tudo que era iniciado espelhava-se em algo já pré-definido (Grande, 2012).

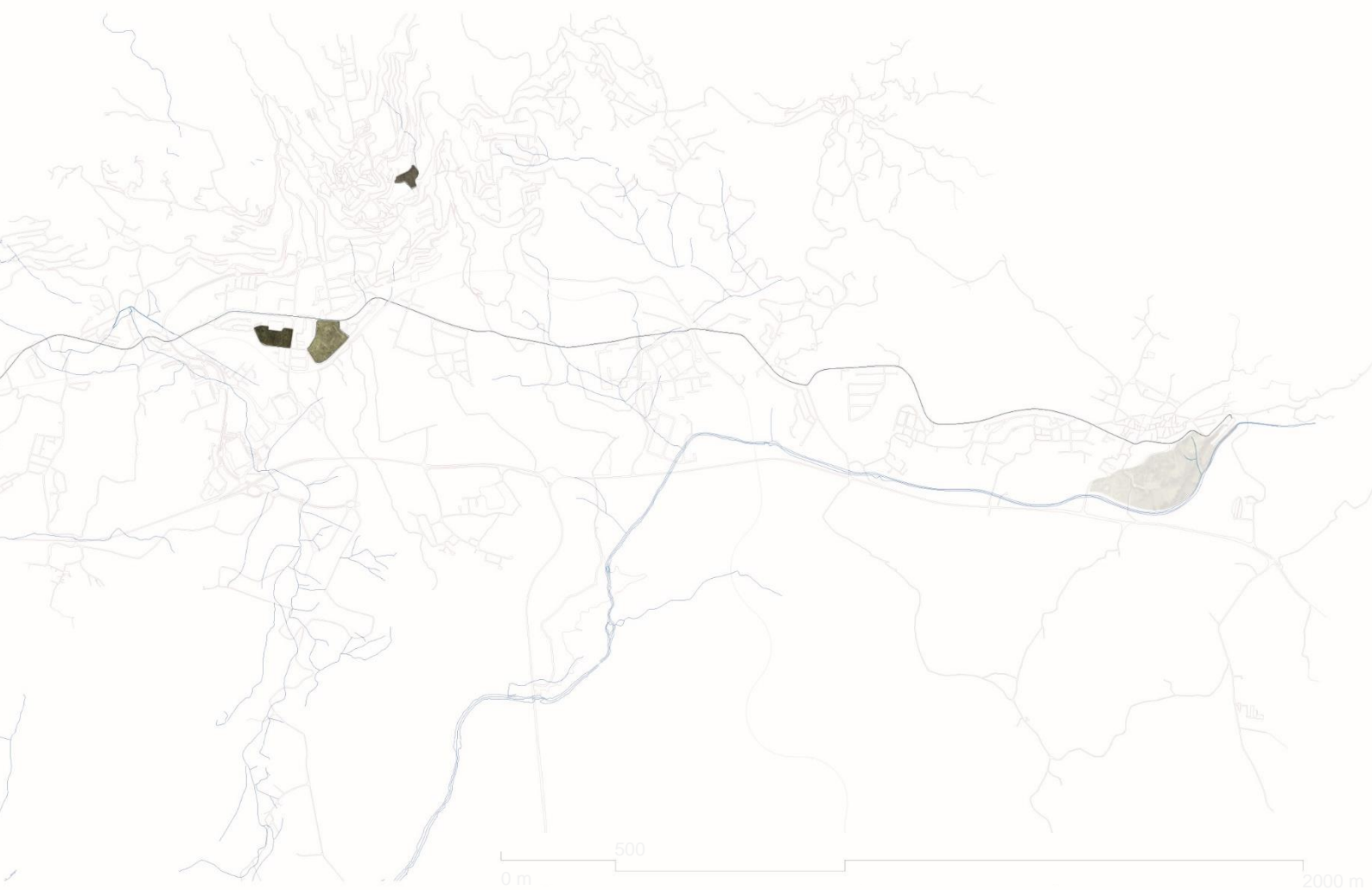
Hoje o local e as edificações resultam de uma percepção e demanda que o indivíduo faz do momento em que vive. O olhar advém como *peças soltas de múltiplos puzzles*. Não há uma mesma maneira de se ver as coisas, cada um tem sua perspectiva. Essa nova perspectiva traz um modelo que se aproxima da lógica do hipertexto, unidades autônomas, conectadas entre si. Por causa dessa tendência, perdeu-se a ideia do todo, o qual permitia uma melhor ordenação e sentido para um espaço. Não há intenção de validar o que seria melhor, cidade canônica e *hiperville*. A extensão da área urbana tornou-se descontínua e dividida na atualidade (Portas et al., 2012).

Assim, Bernard Reichen propõe uma inversão de olhar. Para ele o espaço urbano precisa ser visto por uma outra perspectiva, percebido as ligações como sistemas ao longo de sua extensão. Cada sistema autônomo com lógica e identidade própria, porém interligados. Não há mais limitação e ordenação conforme os moldes tradicionais, mas um espaço onde é imprevisível o que se pode construir, pois cada indivíduo busca seus anseios e não mais é desenhada por parte da administração (Portas et al., 2012).

Portanto, o privado lançou mão, por meio da regulamentação dos loteamentos, não só da construção do edifício em si, mas urbanizando uma área no entorno dessas construções. Áreas antes industriais, agrícolas deram espaço a construção de conjuntos de edifícios residenciais, empresariais e turísticos com toda infraestrutura em seu entorno, loteando as áreas e vendendo em prestações (Portas et al., 2012).

Hoje a urbanização tende a um movimento em uma escala mais abrangente, a qual engloba não só a construção de edifícios, mas incorpora uma rede de espaços coletivos em seu entorno, onde não se associa, somente, com o que já existia, mas passa a ser uma parte da urbanização do espaço. Nesse sentido não há escala relativa ao desenho do espaço urbano. O que é preciso seria direcionar esses projetos em uma escala intermediária (PP, Projetos Urbanos), que se mostrariam como exceção e, seriam limitadas ao local de intervenção. Os processos da condução de urbanizar áreas, atualmente,

Coser o tecido fragmentado.



**52.** Relação entre estruturas viárias, hidrografia e vias rurais na composição do território (Autora, 2022).

fracassam, pois, não há uma integração direta com o que está próximo e o que compõe seu entorno (Portas et al., 2012) .

Com isso, buscam-se processos que se ajustam com a urbanização atual, algo alternativo para que torne possível colocar no dia a dia o que se projetou como sendo factível à realidade, levando-se em conta os objetivos da administração e das partes. Primeiramente, é preciso pensar em uma estrutura que sustente e articule os componentes, proporcionando o acesso ao todo. Seguir essa estrutura possibilita ordenar e facilitar como cada indivíduo deverá fluir dentro do espaço (Portas et al., 2012).

A definição de espaço público é muito complexa, pois muitas vezes, esses espaços não são exatamente públicos e nem sempre possibilitam o acesso à população. O urbano extensivo se mostra fragmentado, espaços isolados fazem parte de um todo e não se relacionam diretamente com as construções e, porque não correspondem a ideia de espaço público (Portas et al., 2012).

Ao observarmos, na atualidade, o urbano extensivo projeta uma aparência de descontinuidade, onde são adicionadas partes, entre elas uma ligação interna, que interrompe a continuidade de malhas com o todo. Mangin fala de uma cidade formada pela justaposição de ambientes protegidos, por onde não se passa e que devemos contornar (Portas et al., 2012).

Assim, formaram-se diversos espaços de interação coletiva, onde se caracterizam por perímetros fechados, em que o acesso por eles fica impedido e, assim não há possibilidade de se atravessar por eles. Nessa lógica, é possível ou não dizer, com certeza, se tal proposta se baseou em tendências do mercado imobiliário, ou se essas ações seriam propostas para operarem em uma estrutura contínua, pois, o que provavelmente nos faz perceber é que elas foram projetadas sem ao menos se levar em conta qualquer plano em conjunto, que atenderiam as demandas de todo aquele espaço urbano (Portas et al., 2012).

Poderá existir uma certa dificuldade em se desenvolver projetos em áreas que se constituíram sem muito planejamento, pois há dúvida do que criar e do que manter, existe esta incerteza. O espaço coletivo urbano extensivo não se caracteriza como um sistema estruturante, porque não proporciona uma identificação, nem um reconhecimento do que já foi realizado, de acordo com sua finalidade (Portas et al., 2012).

Coser o tecido fragmentado.



**53.** Espacialidades urbanas. Formas e usos (Autora, 2023).

O modelo de malha contínua, utilizada durante séculos, utilizava-se de sobreposições de usos e meios de transporte, onde no decorrer dos anos ficou difícil conciliar outros meios de locomoção de acordo com as demandas exigidas a cada novo ciclo.

Assim, lançou-se mão de redes viárias que atendiam a um único uso e meio de transporte, em que seu desenho abrangia grandes vias com velocidades alternadas, com pontos de acessos cada vez mais distantes. Essa estrutura de malha contínua possibilita diversos percursos, através de diferentes pontos a serem percorridos, de diversas maneiras, com vários meios de transporte e de velocidades, abrangendo diversas paragens durante o percurso (Portas et al., 2012).

Coser o tecido fragmentado.



54. Formas e usos ao longo do Eixo (Autora, 2023).

## 04. O coser do espaço

Neste capítulo, pretende-se realizar experiências urbanas e arquitetônicas nos espaços urbanos do concelho da Covilhã, Teixoso e no bairro, o que se deseja, num primeiro momento, é fornecer um ensaio sobre a forma do conjunto, como estudo do território e referências para as intervenções futuras, e em seguida, a elaboração de um manifesto urbano e arquitetônico ao coser no tecido do bairro com a malha de Teixoso e Covilhã. E ao final explanar algumas experiências projetuais.

### 4.1 A escala como experiência

*Como reencontrar a subversão que esse espaço parecia suscitar, tal como ele havia sido desenhado no início? (Jean Baudrillard e Jean Nouvel, *Les objets singuliers - Architecture et philosophie*, Bardi et al., 2013, p.09).*

Ao andar à *deriva*, um ato de percorrer “sem direção”, uma técnica reflexiva e exploratória da *psicogeografia* do movimento Internacional Situacionista (IS) de Debord, pelos caminhos de Teixoso, pelo Eixo e por Nogueiras, tal ação, proporcionou uma aprendizagem sobre o território (Jacques, 2003). Sobres as cidades e o almejo de intervenções, nas mesmas, para além das memórias coletivas e análises diacrônicas, o jogo das escalas pode ser operado de maneira crítica e mediador para o entendimento íntegro da urbe.

Deste modo, com a sobreposição de elementos arquitetônicos no plano de intervenção, cada um com suas escalas específicas, suas articulações são criadoras de uma outra escala, que por sua vez é geradora e evidencia os fenômenos de transformação do território, acercar-se como conclusão à restituição de um cenário mais denso e modificado dos espaços da cidade e da paisagem urbana (Junior, 2011). Um olhar sobre as cidades.

Por conseguinte, a dinâmica com as escalas começa por explorar parte da malha urbana da Covilhã em articulação com a disposição do território de Teixoso (Figura 55). Ao ser posto a “peça” do centro cívico da Covilhã adjacente ao bairro das Nogueiras, nota-se, em primeira vista, um estranhamento diante ao restante da paisagem presente. No entanto, ao prosseguimento da análise, o centro da Covilhã exhibe uma monumentalidade diante dos espaços vazios e de usos cotidianos de Teixoso e do próprio bairro. Leva-se, então, a questionar um imaginário de uma possível formalização de um novo espaço, sendo ele, uma articulação mediante a segregação existente entre Teixoso e o bairro.

Coser o tecido fragmentado.



55. Articulação entre o centro da Covilhã e Teixoso (Autora, 2023).

Como proferido por Mendes da Rocha, o formalizar de um projeto passa pela narrativa de uma parte da história perpétua da cidade e tem como fecho nas hipóteses formais acerca das conjunturas urbanas preexistentes (da Rocha, 2018). Sendo as hipóteses possuintes de arquétipos de ensaios experimentais, tornando-os em objetos críticos para projetos posteriores, oportunidades de aproximações mais justas.

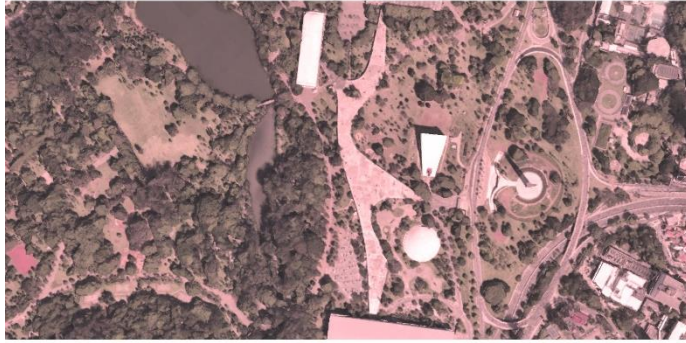
A prosseguir com os ensaios das escalas urbanas sobre o território, o imaginário de modelos arquitetônicos e tipológicos será posto sobre Teixoso. A figuração do parque do Ibirapuera, o imaginar de um parque urbano sobre a malha de Teixoso (Figura 56). Ibirapuera, um marco na cidade de São Paulo, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o mesmo, enuncia e resume a obra como a harmonia entre arquitetura e paisagismo, uma poesia na malha urbana paulista (Niemeyer, 2014).

O projeto de 1954 foi implantado entre eixo viários com o intuito de integrá-los e reajustá-los na cidade. A forma arquitetônica, formadora de um espaço arquitetural, a marquise do Ibirapuera é a grande peça geradora dos espaços e limitadora deles. Possuinte de vinte e sete mil metros quadrados, com pilotis a estruturar e dar ritmo aos espaços, sombreia e conecta os edifícios e ambientes restantes no parque (Niemeyer, 2010).

Ao sobrepor a Teixoso, cria-se uma imagem utópica, da conjuntura do parque e extensão da marquise, uma grande peça escultórica a quase se prolongar pela vila de Teixoso por inteira. A servir como lição de uma *unidade urbana* dita por Niemeyer, a relação entre edifício e o ambiente no qual é inserido, com sua devida medida e proporção adequadas (Niemeyer, 2010).

Para além da forma e sua implantação é interessante analisar a pluralidade programática desenvolvida pelo arquiteto. Uma proposta que abriga um conjunto de edifícios de característica artística e cultural, entre museus, auditório e pavilhões. O arranjo dos edificadados com o desenho do parque, a integração entre a intervenção do desenho urbano com a formalização de estruturas, proporcionou à cidade uma ressignificação na envolvente e o valor à urbe no seu desenvolver cultural.

Coser o tecido fragmentado.



**56.** Articulação entre o parque do Ibirapuera, 1954 e Teixoso (Autora, 2023).

Como visto anteriormente, os eixos ou ruas ou linhas de deslocação são o cerne da cidade, constituam-se das várias formas e significados. Uma rua além de ser um meio para o deslocar é ainda capaz de formalizar, requalificar, ressignificar espaços públicos ao longo dela. A experiência com a escala para a dimensão e formalização dos eixos viários de Teixoso.

A propor uma devaneadora transposição de um eixo presente em Nova York para o eixo TCT ao decorrer do território da Covilhã ao bairro. *High Line City Walk*, uma intervenção feita entre os anos de 2003 e 2019. Fora projetado pelo ateliê *Diller Scorfidio*, constitui de um parque urbano linear com a dimensão de dois quilômetros (Renfro, 2023).

Ao contrário de Teixoso, a obra constituiu no reabilitar de uma antiga linha férrea elevada, presente na cidade. A importância dessa infraestrutura em Nova York levou ao enseio da formalização de um novo conceito reabilitação de uma estrutura viária, a requalificação dos espaços urbanos existentes ao longo da antiga linha férrea (Renfro, 2023).

Uma analogia delirante à paisagem de Teixoso, tal intervenção sobreposta ao longo do eixo se forma. A *High Line* flutuaria por além do limite territorial de Teixoso. Curioso analisar, mais ainda, comparar a caracterização da paisagem e do uso do solo ao longo do eixo TCT, com uma das estratégias de Diller e Scorfidio. Usam o neologismo, *Agri-tecture*, um alinhamento entre a arquitetura e as práticas da agricultura (Renfro, 2023). A estrutura foi capaz de gerar e um só gestos, o coser dos espaços públicos, manifestar a biodiversidade, os microclimas urbanos ao longo, a promover espaços de estar, lazer, cultivo e promover a junção entre o íntimo com público.

Coser o tecido fragmentado.



57. Articulação entre High Line, NY, 2003 e Teixoso (Autora, 2023).

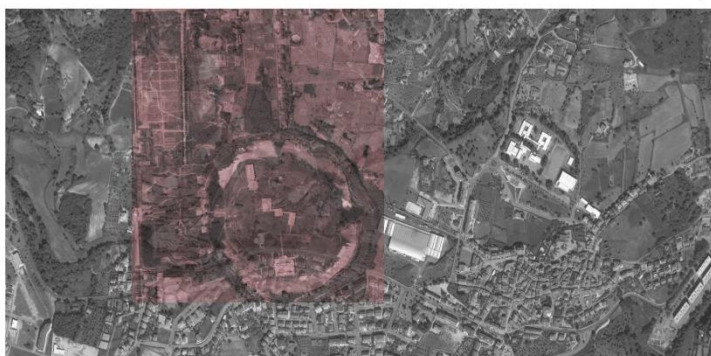
A articulação, agora, é gerada entre as duas urbanidades, entre Canhoso e Teixoso, na conexão entre as duas concentrações urbanas. A experiência das escalas apresenta um imaginário de intervenção na paisagem urbana. O jogo de escalas articula um intervir na paisagem peculiar chinesa, localizada em uma região maioritariamente rural. Sendo assim, a justaposição se encaixa e dialoga com região interior portuguesa, entre Canhoso e Teixoso e suas características.

O projeto, do parque arqueológico de Chengtoushande, de autoria do ateliê Turenscape, em 2016, resultou no diálogo entre a autenticidade e a proteção da integridade do antigo patrimônio da paisagem. A obra arquitetônica e paisagística buscou dar uma nova dinâmica entre as paisagens e ruínas, dos antigos cultivos de arroz, nas áreas longínquas e empobrecidas chinesa. Possuinte de dois hectares de extensão, a obra desenvolve-se nas estratégias em transformar o cenário com intervenções pontuais (Turenscape, 2023).

Fora mantido com pequenas alterações, com a exceção do percurso pedonais, a permitir que, quem o visita, caminhar e interagir com o ambiente. O percurso molda a paisagem agrícola, a articula as diferentes cotas, usa o desenho do solo e estruturas articuladoras, pontes, com mais de quatro metros de altura, e rampas. Cria-se uma atmosfera quase teatral, o silêncio local estimula o imaginário por quem o percorre (Turenscape, 2023).

Em suma, a antiga e desconhecida região, após a intervenção, teve como consequência um aumento na consciência diante do território, seus recursos hídricos e ambientais, ao mesmo tempo, o despertar da curiosidade de outras pessoas a visitar e para aprender sobre a prática milenar. Ademais, permitiu à região e ao bairro um benefício na qualidade espacial, econômica, desenvolvendo-a e a valorizar uma identidade antes esquecida (Turenscape, 2023).

Coser o tecido fragmentado.



**58.** Articulação entre parque arqueológico de Chengtoushan, 2016 e Teixoso (Autora, 2023).

O último ensaio com as escalas volta para a dimensão da paisagem do bairro das Nogueiras em diálogo com o tecido restante de Teixoso. As idas e vindas, as trocas de escalas fazem parte e são essenciais no processo de construção de um projeto. O imaginário de um modelo tipológico é apresentado na sobreposição entre o terreno adjacente ao bairro com os limites construídos do conjunto cultural, ou o “centro de lazer” como a arquiteta preferia referi-lo, o Sesc Pompéia, São Paulo.

De acordo com Debord e os Internacionais Situacionistas, a Cidade é várias cidades dentro da própria Cidade. Não é à toa que a “Cidadela da liberdade” é o nome dado para o projeto de Lina Bo Bardi (Bardi et al., 2013). A arquiteta foi chamada para idealizar um centro comunitário de lazer cultural e esportivo, numa zona antiga industrial paulista, o bairro da Pompéia que durante décadas fora destino de imigrantes. Até hoje é capaz de exibir uma arquitetura fabril e, ainda, encontrar antigos operários (Bardi et al., 2013).

Segundo Acayaba (1986) em seu artigo para a revista Projeto, 1986, cita: “o projeto de Lina é o modelo para a cidade que quero e merecemos. Do diálogo entre fábricas e o novo edifício nasce o espaço da multidão: da criança à terceira idade”. O novo elemento, composto por dois monolitos de concreto ligados por passarelas a tecer ao ar, entre quatro lajes, criam-se espaços livres e singelos. Preservara a imagem da fábrica, sua arqueologia estrutural de Hennebique, para depois subverte-la (de Oliveira, 2018).

Lina não exaltava uma arquitetura delimitada, mas potencializava os espaços criados, permitindo-os a uma flexibilização a partir de cada gesto individual que o percorresse. Os espaços produzidos são a perfeita representação das *dobras* deleuzianas e da canalização dos desejos e sua materialização de Guattari. Com a pluralidade e a complexidade em sua arquitetura promove tal obra a uma escala da cidade (Almeida, 2012).

Na simultaneidade do bairro das Nogueiras, Teixoso, Covilhã e o bairro da Pompéia, São Paulo, entre fábricas e paisagens urbanas, diante das necessidades nos territórios, a articulação entre as duas realidades é de um devaneio fantásticos. Bo Bardi procurou na compleição da obra criar um ponto de reunião, que não fosse uma imposição, mas um reencontro que, atualmente, está perdido.

Coser o tecido fragmentado.



59. Articulação entre SESC Pompéia, 1986 e Teixoso (Autora, 2023).

## 4.2 O manifesto para Nogueiras

*How to write a manifesto-on a form of urbanism for what remains of the 20th century - in an age disgusted with them? The fatal weakness of manifestos is their inherent lack of evidence. Manhattan's problem is the opposite: it is a mountain range of evidence without manifesto (Koolhaas, 1994, p.09).*

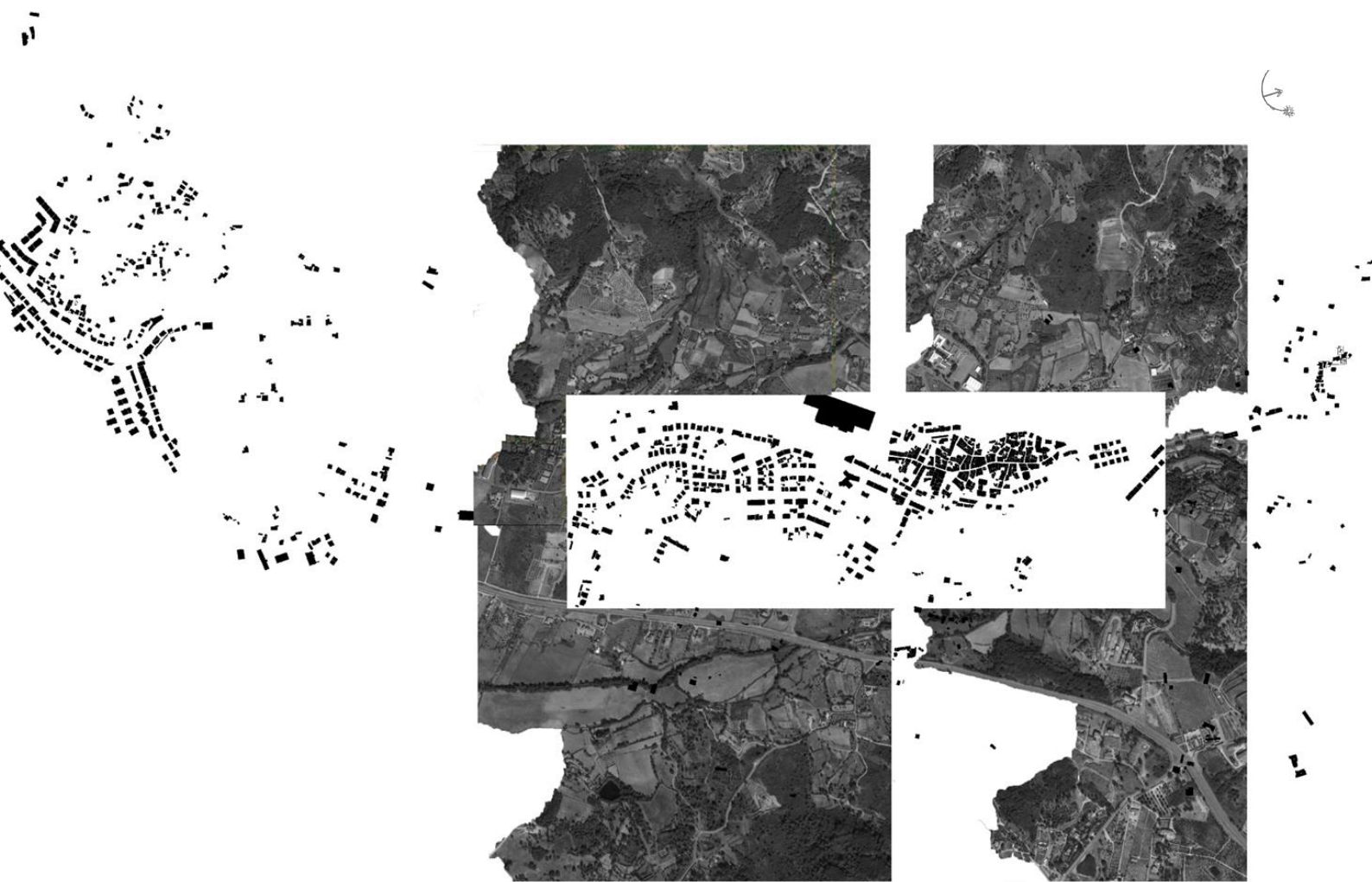
A relação entre manifesto e arquitetura sempre esteve presente ao longo do tempo até no século vigente. Le Corbusier com *Ville Radieuse, 1924-1933*, e os cinco pontos de uma arquitetura nova, 1927, Lloyd Right com *Broadacre city, 1932*, Warchavchik com *Futurismo, 1925*, Rino Levi com *A arquitetura e a estética das cidades, 1925*, Koolhaas com *Nova York delirante, 1978*, e até mesmo o ateliê Artéria a propor o *Edifício Manifesto, 2012*, um manifesto em forma de edifício. Afinal, o exercício da arquitetura já é em si um manifesto, já proferia Paulo Mendes da Rocha (2018, p.32): “uma forma peculiar de mobilizar conhecimento”.

Koolhaas (1994) no excerto acima questiona o como escrever um manifesto sobre arquitetura e urbanismo atualmente, sendo que, tais são mal compreendidos devido as suas fragilidades mediante a falta de coerência nas evidências apresentadas. No entanto, assim como a Manhattan de Koolhaas, o bairro das Nogueiras e o conjunto territorial de Teixoso, no qual se insere, revelam os cenários de vulnerabilidades, entretanto, sem um manifesto postulado.

Assim, após todos os pressupostos apresentados ao longo da monografia, a autora desta dissertação questiona a necessidade e a coerência na dedicação de um extrato Manifesto, até mesmo pelo título atribuído, à *Nogueiras*, sendo que a totalidade do documento escrito até agora ou, até mesmo, de maneira provocatória, somente a peça gráfica *A Cidade Antítese* (Figura 5) fosse posta, encaixaria a tal linguagem de um manifesto.

Seria então mais correto recorrer para o jogo de escalas e chegar à dimensão nacional do território português, o Manifesto à *arquitetura* territorial de Portugal? Ao analisar a organização espacial do país, segundo Távora (2015), o nexos e a desconexão dos espaços tiveram o fim na conclusão do século XVIII, a provocar, por consequência, crises no território presente, ainda, no cenário atual. A partir de 1934 é postulado um decreto que apontaria as bases para os primeiros trabalhos relacionados ao urbanismo. Deste modo, levantamentos e os planos, ainda que inexistentes em quase todo território, seriam efetivados (Távora, 2015).

Coser o tecido fragmentado.



60. A inexistência do Eixo (Autora, 2023).

Ao longo do tempo a desarmonia e o desequilíbrio são apontados no desenvolvimento irregular e a polarização no atrativo urbano, em certas áreas do país, onde verificam-se zonas com um grande desenvolvimento e outras em paralisia. PNPOT, PROT, PDM, PU,PP. O Estado é prepotente e preguiçoso, assim referia Nuno Portas, constatam-se dificuldades longe de serem resolvidas, apesar da consolidação dos *Planos* vigentes, em muitos casos, por vezes, da imperícia e pela incompetência, encontram-se ultrapassados e aquém à realidade contemporânea (Grande, 2012).

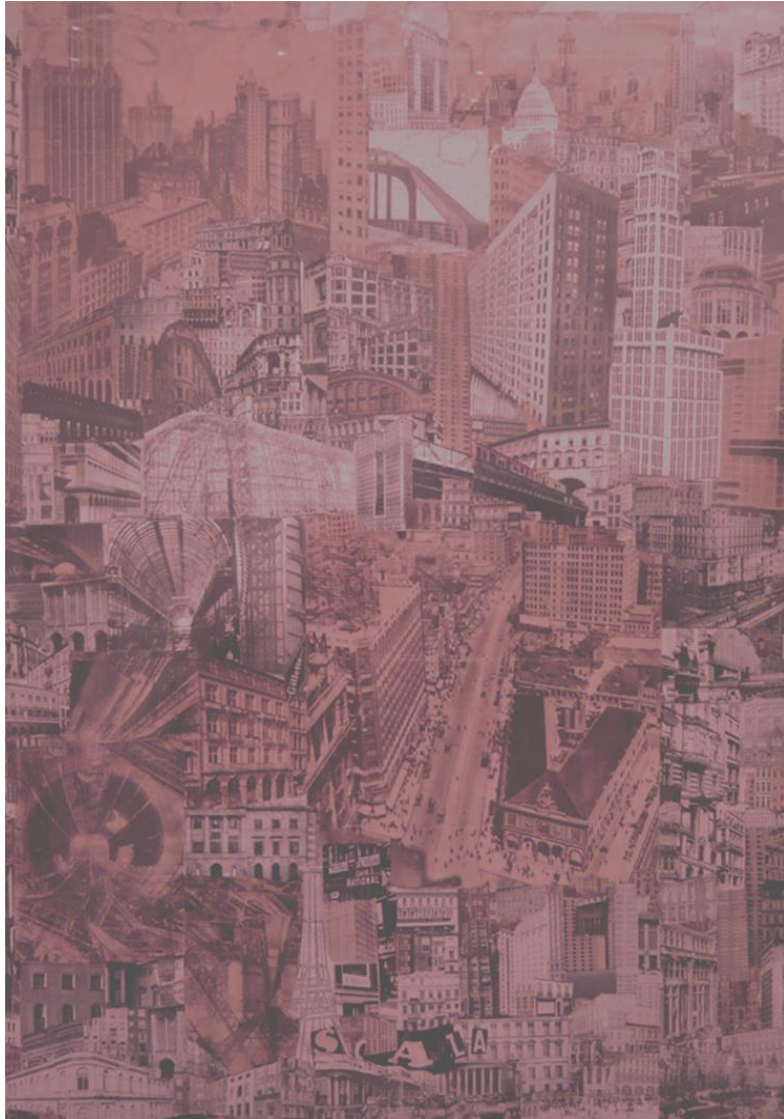
Na lógica de Távora, a razão pelo qual o estado físico e o planeamento do território estarem a seguir um retrocesso é devido ao trabalho voltado do geral ao particular (Távora, 2015). Neste sentido, o enfoque desta discussão voltará à Nogueiras, Teixoso e Covilhã. O Manifesto à coesão e a arquitetura territorial, “*idealis*”, para Nogueiras. As cidades antimoniais, as *Cidades Antíteses*, a cidade em avesso, a cidade de contradições, a cidade de contrastes.

Há de dizer, o advento ao manifesto é dado pela formalização da peça gráfica *A Cidade Antítese* (Figura 04). Uma síntese reflexiva diante das plurais visões diante a urbe, a manifestação do desejo existente de quem a vive em sua materialização de espaços e de si próprio. Covilhã é reflexo de quem a vive e é refletora de quem os seus espaços a produz. Entre dois extremos Covilhã fora desenhada. Em sua cota mais alta, um cenário de paralisa, parasitas, em gestos impositor sobre sua arquitetura remota. À cota mais baixa, a maquinaria a “consolidar” seu espaço sem conexão. Canhoso, Teixoso, bairro das Nogueiras.

E no seu “interior”, assim como sua situação geográfica, encontram-se características que, tal qual Covilhã, poderia ser qualquer outra cidade interiorana do país. O envelhecimento e atenuação da população, a debilidade em sua estrutura urbana, periferizações, estorvo em sua expansão, declínio das atividades agrícolas tradicionais, descaso com o ambiente, suas riquezas e negligência diante de suas paisagens e seus patrimônios culturais e arquitetônicos (Grande, 2012). Ainda sobre a peça, em sua mediana, encontra-se “a” inflexão deleuziana, a *dobra*, as possibilidades de ressignificações arquitetônicas e urbanas.

Uma utopia imagética, assim como, Paul Citroën com sua fotomontagem *Metropolis*, 1923 (Figura 61), a representar a cidade imaginada e sua dualidade, Jorge Peligro com a sua *Ciudad imposable*, 2022. Uma utopia política com a *República de Platão*, influência direta a Thomas More, de modo a comparar e criticar a realidade

Coser o tecido fragmentado.



**61.** Paul Citroën, Metrópolis, 1923 (Citroën, 1923).

da cidade de Londres, cria sua ilha cujo nome *Utopia* consolidara seu conceito. Mas utopia pode ser mais do que o seu significado original, como, de forma ilustrativa, no poema *Das utopias* de Mario Quintana, 1951, “Se as coisas são inatingíveis...ora! Não é motivo para não querê-las...que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas”(Quintana, 2005), ou até mesmo o pensamento de Galeano (1976 – 2015) como uma linha no horizonte. A utopia pode ser uma ferramenta para o transforma e redesenho das cidades por concreto. O *devenir*. Em seu sentido de inconstância e mudança em fluxo, o não se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira (Deleuze, 1969).

### *A Pólis*

Após reconhecer a deficiência histórica diante da realidade econômica do país, tal como ela vivida no concelho da Covilhã, pelo anseio da tentativa em corrigir e reverter o estado maioritariamente agrícola e o tardio da expansão industrial e da própria urbe, optou-se na construção de polos industriais a ocupar implantações incoerentes (Grande, 2012). A criar assim um arranjo desarmônico em seu desenho e paisagem, além de, suscitar consequências no deslocar, a traçar infraestruturas viárias, como o eixo TCT, sem estruturas, a dispersão caótica e sem coesão de conjuntos habitacionais em sua envolvente, a produzir espaços obsoletos, inclusive, a criação de periferias como consequência.

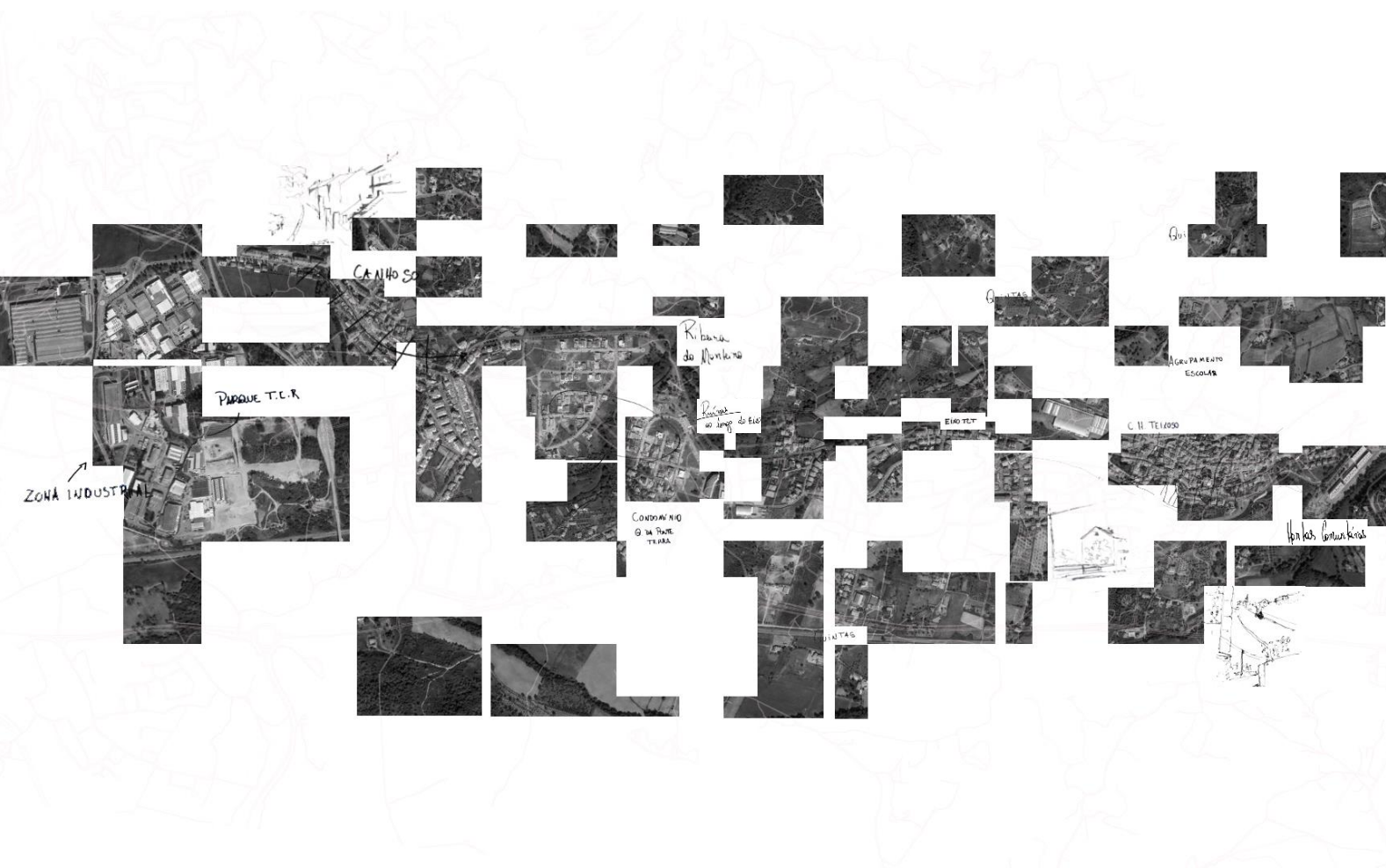
### *Broadacre City*

É um conceito de planejamento urbano desenvolvido pelo arquiteto americano Frank Lloyd Wright. Assim, o manifesto de Wright nasce da crítica à realidade existente, de uma cidade imprópria, uma utopias do século XX. Foi projetado como um modelo para uma cidade, com muito espaço aberto e projetada para acomodar uma ampla gama de atividades, incluindo agricultura, a resgatar o valor da terra enquanto direito do Homem (Manna, 2008).

### *“Meta(Pólis)” A malha. O traço. O eixo*

O neologismo posto por François Ascher (1946-2009) – *Metápolis* – uma cidade plural, a urbe a incluir diferentes formas e respostas urbanísticas e sociais mais condizentes. Cidades feitas de cidades (Grande, 2012). É necessário introduzir uma malha, antes não “consolidada” como “*Malha*”. Materializar as dinâmicas da transmutação viária e pedonal, reconstruir ao longo, vazios e “não vazios” a dialogar com novos públicos e privados (Grande, 2012).

Coser o tecido fragmentado.



62. Formalização da urbe (Autora,2023).

Admitir que, “o traço urbano, em sua totalidade, é o adequar e o moldar aos “regionalismo”, e aos tipos de segmentos (...), se tornará um símbolo de integração e de continuidade do urbano no imaginário coletivo” (Grande, 2012, p. 537). Assim defendia Portas, *a cidade como arquitetura*, moldar e remoldar no espaço, das transformações urbanas, nos tempos (Grande, 2012).

### *O bairro. O Bairro.*

O desígnio do Manifesto chega à Nogueiras. O Bairro dentre os bairros. Bairros sociais, bairros de caráter social. Uma interpretação que constitui tais construções como uma resultante de um movimento não formulado. O Bairro. Onde sua arquitetura evidencia seu isolamento em relação a cidade, insignificante, um isolamento para os isolados. O que faltou fazer? O que falta fazer?

No imaginário fantasioso do possível arquitetar, como uma maneira provocatória, o transmutar de Nogueiras à Malagueira (Figura 34). Entre dissimilaridades geográficas, Sul-Centro, culturais e populacionais, há fatores comuns a destacar. O conjunto habitacional da Malagueira foi desenvolvido como uma “nova cidade” na periferia de Évora, prolongá-la, reintegrá-la (Dias, 1996).

Na subversão, na adoção do conceito de habitação social, Siza, ultrapassa os limites do plano. Utiliza a rede de percursos, ruas existentes no território, reforça-as, pelo fato da preexistência urbana. Ao aproveitar um monumento, um antigo depósito de água, assim com, o aqueduto de concreto como marcos, um *Marco* de Lynch, na paisagem, e sua importância para o seu partir no desenvolvimento da cidade (Dias, 1996). Assim como Malagueira, Nogueiras não há só marcas e marcos, mas há pessoas.

Sendo a ideia a ocupação diante a uma preexistência, os desenhos das vias, articulam-se ao existente, é um elemento de conexão e definição limiar do bairro. Um eixo *Leste-Oeste*. Usa as formas topográficas a seu favor ao apoiar caminho ligante, como sendo o prolongamento, uma rota d’água e criar espaços e urbanos, um ponto de encontro comum, integrantes à malha (Dias, 1996).

Assim, fazer de Nogueiras à *Cidadela de liberdade* de Lina, *fazer cidade*, é o realizar críticas às ideias e aos resultados, assimilar com os “acertos” e “erros”, emendar, tirar, ter uma ligação sucessiva, compreendê-la e acrescentá-la. valorizá-la e a ressignificar (Dias, 1996). “A arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos”(Bardi et al., 2013, p.146).

# Coser o tecido fragmentado.

Coser o tecido fragmentado.  
Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura.

Hannah Figueirino Mendes  
Universidade de Beira Interior, ano de 2023

## manifesto à coesão e à arquitetura territorial

O designio do **Manifesto** chega à **Nogueiras**. O Bairro dentro os bairros. Bairros sociais, bairros de caráter social. Uma interpretação que constitui tais construções como uma resultante de um movimento não formulado. **O Bairro**. Onde sua arquitetura evidencia seu isolamento em relação a cidade, **insignificante**, um isolamento para os isolados. O que faltou fazer? O que falta fazer?

“ **O Bairro**. No imaginário fantasioso do possível arquitetar, como uma maneira provocatória, o transmutar de Nogueiras à Malagueira (Figura 34). Entre dissimilitudes geográficas, Sul-Centro, culturais e populacionais, há fatores comuns a destacar. O conjunto habitacional da Malagueira foi desenvolvido como uma ‘nova cidade’ na periferia de Évora, prolongá-la, reintegrá-la (Dias, 1996).

Na subversão, na adoção do conceito de habitação social. Siza, ultrapassa os limites do plano. Utiliza a rede de percursos, ruas existentes no território, reforça-as, pelo fato da preexistência urbana. Ao aproveitar um monumento, um antigo depósito de água, assim com, o aquedutos de concreto como marcos, um Marco de Lynch, na paisagem, e sua importância para o seu partir no desenvolvimento da cidade (Dias, 1996). Assim como Malagueira, Nogueiras não há só marcas e marcos, mas há pessoas.

Sendo a ideia a ocupação diante a uma preexistência, os desenhos das vias, articulam-se ao existente, é um elemento de conexão e definição limiar do bairro. Um eixo Leste-Oeste. Usa as formas topográficas a seu favor ao apolar caminho ligante, como sendo o prolongamento, uma rota d’água e criar espaços e urbanos, um ponto de encontro comum, integrantes à malha (Dias, 1996).

Assim, fazer de Nogueiras à Cidadela de liberdade de Lina, fazer cidade, é o realizar críticas às ideias e aos resultados, assimilar com os ‘acertos’ e ‘erros’, emendar, tirar uma ligação sucessiva, compreendê-la e acrescentá-la, valorizá-la e a ressignificar (Dias, 1996). “A arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos (Bardi et al., 2013, p.146).

XXXXXXXXXXXX XXX XXX  
XXXXX XXXXXXX XXX XXXXX

E no seu “interior”, assim como sua situação geográfica, encontram-se características que, tal qual Covilhã, poderia ser qualquer outra atenuação da população, a debilidade em sua estrutura urbana, penférias, estão em sua sua expansão, declínio das atividades agrícolas tradicionais, descaço com o ambiente, suas agens e seus patrimônios culturais e ar-quitetónicos (Grande, 2012). Ainda sobre a peça, em sua mediana, encontra-se “a” inflexão deleuziana, a dobra, as possibilidades de res-significações arquitetónicas e urbanas.

XXXXXXXXXXXXXXXXX A Pólis  
XXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXX

Após reconhecer a deficiência histórica diante da realidade econômica do país, tal como ela vivida no concelho da Covilhã, pelo anseio da tentativa em corrigir e reverter o estado maioritariamente agrícola e o tardio da expansão industrial e da própria urbe, optou-se na construção de polos industriais a ocupar implantações incoerentes (Grande, 2012). A criar assim um arranjo desarmónico em seu desenho e paisagem, além de, suscitar consequências no deslocar, a trazer infraestruturas viárias, como o eixo TGT, sem estruturas, a dispersão caótica e sem coesão de conjuntos habitacionais em sua envolvente, a produzir espaços obsoletos, inclusive, a criação de penférias como consequência

Usa as formas topográficas a seu favor ao apolar caminho ligante, como sendo o prolongamento, uma rota d’água e criar espaços e urbanos, um ponto de encontro comum, integrantes a malha (Dias, 1996). Assim, fazer de Nogueiras à Cidadela de liberdade de Lina, fazer cidade, é o realizar críticas às ideias e aos resultados, assimilar com os ‘acertos’ e ‘erros’, emendar, tirar uma ligação sucessiva, compreendê-la e acrescentá-la, valorizá-la e a ressignificar (Dias, 1996). “A arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos (Bardi et al., 2013, p.146).

(0)

### 4.3 Do novo Eixo ao Bairro

*Su questa strada anche l'architettura può costrulre un progetto del future e immaginarselo contro colore che hanno paura del future; accettando per esempio le condizioni in parte cambiate o mlgllorate, almeno nelle speranze, per le nostre citta per proporre e accelerare lo sviluppo. Tra passato e presente, realta e immaginazione, la citta analoga è forse sempllcemente la citta da progettare giorno per giorno, affrontando i problemi, superandoli, con una discreta certezza che alla fine le cose saranno migliori (Rossi, 1976, p. 08).*

Na secção apêndice, do livro Nova York Delirante, 1978, é proposto à essa dissertação, como a colocação do Koolhaas, o desfecho e as propostas constituírem como uma conclusão *ficcional*.

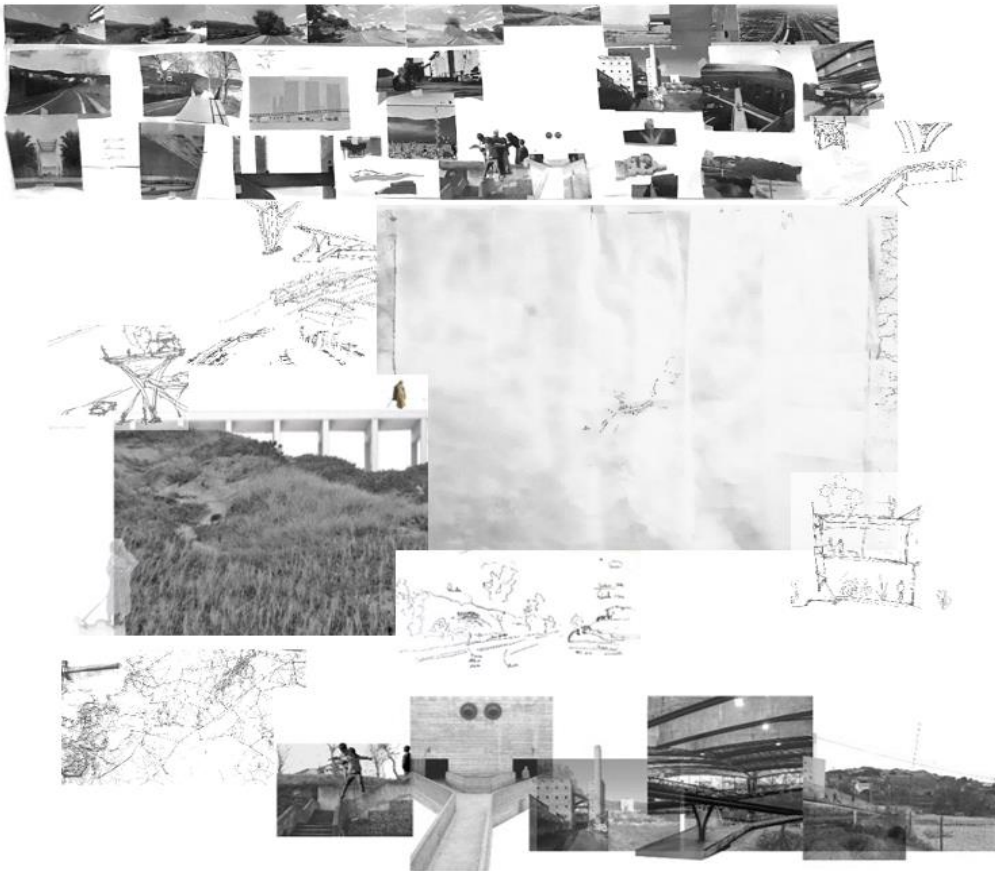
(...) a fictional conclusion, an interpretation of the same material, not through words, but in a series of architectural projects. These proposals are the provisional product of Manhaltanism as a conscious doctrine whose pertinence is no longer limited to the Island of Its Invention.

(Koolhaas, 1994, p. 293)

No sentido da cidade e a arquitetura como *obra aberta*, entre Nuno Portas (1934- ) e Umberto Eco (1932-2016), a ideia como *corpo aberto* à formalização e ao estudo (Grande, 2012). Assim, ao propor um manifesto e ao trabalhar diante da diversidade arquitetônica, urbana e cultural em Covilhã, Teixoso e Nogueiras, tenciona-se explorar o redesenhar do eixo, depois de analisar as características apresentadas as secção 3.3 desta dissertação, o seu imaginar de uma nova configuração territorial e a formalização dos espaços adjacentes ao Bairro. Assim com Vilanova Artigas (1915-1985) em seu projeto, por meio do eixo, reconheceu ao longo dele seus pontos de maior interesse e os exaltaram.

O manifesto continua agora em sua forma mais concreta. Uma consequência de todas as análises, estudos do território. Como referido ao início do documento, por meio deste manifesto, apresenta-se as inquietações diante a configuração territorial, a maneira na qual foram feitas a cidades, e propor por meio dele, peças projetuais, as quais são mais do que possíveis soluções, mas são formas de alertar e possibilitar um viável debate sobre as Cidades, a posteriori. É mais uma forma de criticar, pensar e refletir como o território português, Covilhã, Teixoso foram feitos e como eles ainda são.

Coser o tecido fragmentado.



**64.** Reinventar e organizar os espaços ao redor (Autora, 2023).

*Requalificar, monumentalizar, resignificar.*

Três conceitos bases para as intervenções. A *requalificação urbana* incide em uma atividade de renovação, reorganização ou regeneração urbana, onde a melhoria do ambiente e a melhoria do funcionamento da estrutura urbana são os principais objetivos da medida. Valorizar o ambiente e melhorar a qualidade do espaço urbano. Geralmente, é tratado sob duas perspectivas: a resolução de problemas ambientais e funcionais e a criação de fatores que promovam a identidade, a habitabilidade, a atratividade e a competitividade das cidades ou de determinadas áreas urbanas (DGOTDU, 1998). *Monumentalizar*, como referido por Bohigas (1986), é atribuir qualidade arquitetônica às margens das cidades, por meio de intervenções pontuais, dar aos espaços uma qualidade urbana, que antes, nunca tiveram. É a busca pela *resignificação* arquitetônica e urbana de um determinado lugar.

*Periferia da periferia.*

Em um primeiro momento foi pensado em intervir no eixo acima ao Bairro e no espaço contíguo, a sul, referido na subcapítulo 2.2. No entanto, ao analisar em uma perspectiva territorial mais abrangente, ou seja, o Bairro das Nogueiras em relação a escala do território da Covilhã, assim como a configuração do eixo TCT, percebeu-se que a periferização espacial não ocorria apenas ao Bairro, mas também, com a formalização da vila de Teixoso em relação a Cidade.

*Eixo TCT, a Rua da Estrada. Descontinuidade territorial.*

Como referido no subdivisão 3.2, o construção do eixo TCT nos ano 90 foi uma significativa ação para o modificação e formalização do território. De acordo com as próprias palavras dos executores do projeto presente no boletim da Câmara Municipal da Covilhã (1992, p.8-9): “ a construção da via não degrada o ambiente e zonas envolventes, (...) o efeito primário será o desenvolver indústrias diversificadas, uma vez que a indústria principal da Covilhã, a de lanifícios, se encontra em crise”.

No entanto, ao longo dos anos, a sua construção causara consequências de uma descontinuidade e o acontecimento da *desterritorialização* e *reterritorialização*, o território é um espaço estabelecido, organizado e estável, e a *desterritorialização* é uma saída de um território assumido que pressupõe uma *reterritorialização*

Coser o tecido fragmentado.



**65.** Eixo Canhoso Teixoso (Autora, 2023).

simultânea. Conceitos explorados por Deleuze e Guattari (2011). Isto é exemplificado pela formalização do Bairro dos 80 fogos, Boidobra, fruto do realojar dos residentes os quais suas habitações foram demolidas para a construção do eixo TCT (Jornal dos Bairros Saudáveis, 2022). A falha também é exposta no REOT – Covilhã (2019) na alínea 3.2.1 do Plano de Urbanização da Grande Covilhã (PUGC), Unidades Operativas de Planeamento (UOP1), a fim de assegurar a coesão do tecido urbano, sugerem implementar do conceito de cidade linear, como intensificador do eixo, ansiando sua modificação (Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) - Covilhã, 2019).

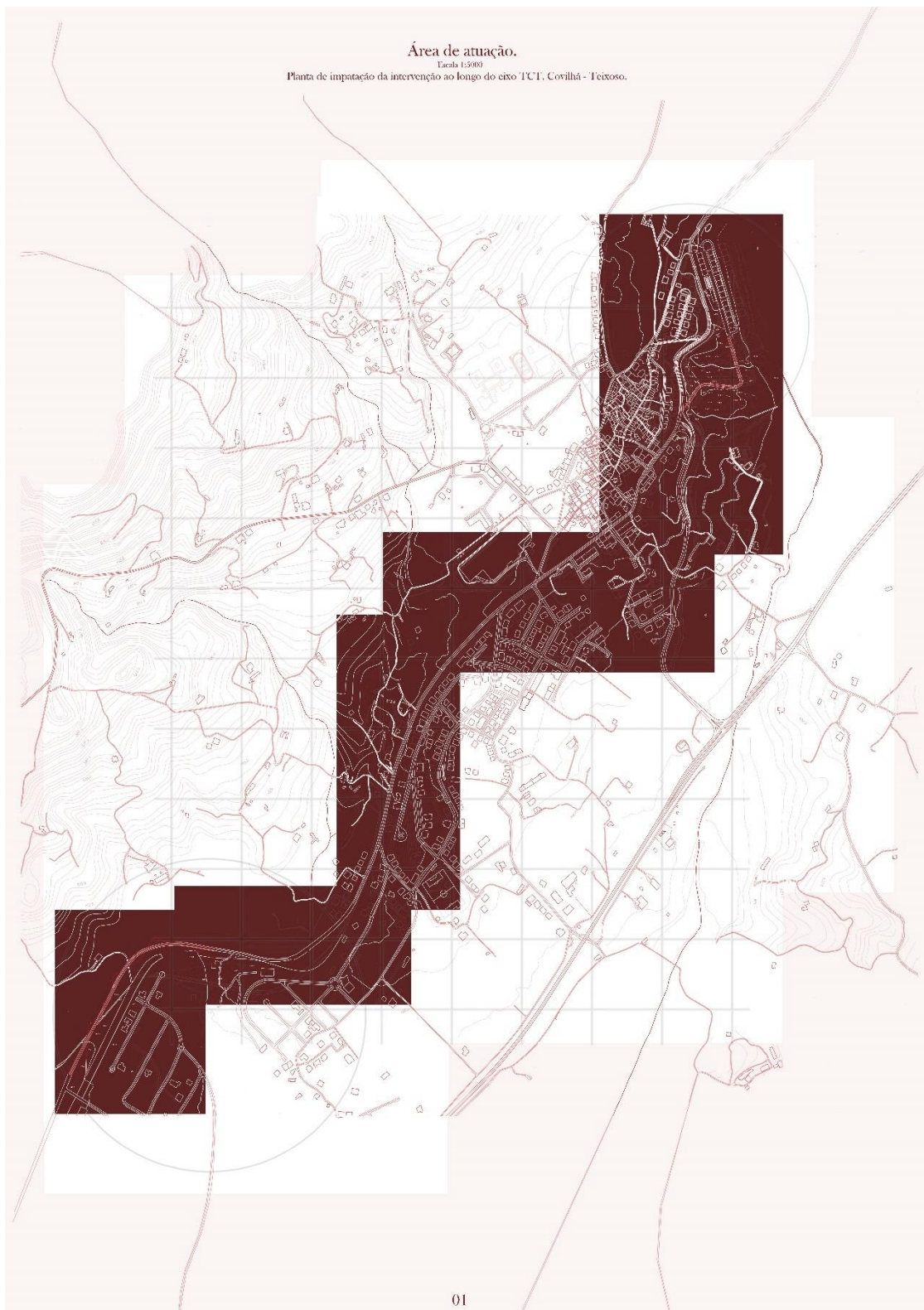
Ademais, a própria morfologia territorial e a paisagem da grande Covilhã manifesta o efeito. Onde a ordenação entre zonas industriais, habitacionais, agrícolas e florestais não é clara e incoerente. Acerca de 1,5km da cidade da Covilhã, encontra-se a Zona Industrial do Canhoso (ZIC), logo após as zonas habitacionais, se desenvolvem ao longo do eixo, depois de Canhoso ao percorrer o restante do eixo, a chegar em Teixoso até o seu findar no Bairro, o cenário do eixo característico ao descrito por Álvaro Domingues, a *Rua da Estrada*, ela surge da perda identitária do “campo” e da “urbe”. Num território povoado, um “interior” fechado, rodeado pelos chamados espaços naturais, florestais ou agrícolas. Visão de mundo e uma identidade forte. É a imagem perfeita da transformação, não é apenas um lugar, mas o resultado de relações, de movimento (Domingues, 2009).

#### *Do novo Eixo ao Bairro.*

As evidências e provocações anteriores são as bases para o desenvolver das intervenções e suas justificativas. Foi feito um raio de 400 metros da praça encontrada em Teixoso, a fim de encontrar uma quadrícula que servisse para o estudo dos limites (Figura 66). O raio de 400 metros é empregue como referência pela UN-HABITAT (2020), de maneira a garantir acesso e qualidade a espaços abertos públicos de grande escala, de maneira prática os pedestres se deslocam do local no tempo médio de caminhada da casa até os espaços públicos em um tempo médio de 5 minutos (ONU-Habitat, 2020).

Ao analisar o território de Teixoso e Bairro das Nogueiras, percebeu-se dois momentos de tensões e fragilidades diante o território, decidiu-se, então intervir nos dois pontos. O primeiro local se referir ao quinto troço do eixo TCT, localizado

Coser o tecido fragmentado.



66. Malha no território (Autora, 2023).

após Canhoso, adentrando o território de Teixoso, a porta de entrada da vila, um trecho de extremos fluxos, onde quem anda encontra o conflito e a hegemonia dos automóveis. O segundo, encontra-se no fim, no Bairro.

*Città analoga e monumento continuo.*

Ao longo do eixo, hoje, o cenário é posto entre duas realidades não interligadas e desarmônicas, solo urbano consolidado e solo agrícola, tal como, em relação ao solo urbano consolidado, o planejamento das zonas habitacionais.

Em 1969, um grupo de arquitetos italianos fundadores do *Superstudio* criaram uma peça gráfica, uma utopia urbana, como crítica a sociedade e ao planejamento da época, cujo seu nome era - *monumento continuo* -, fora concebido como uma estrutura capaz de transcender e circundar os lugares, conquistando lado a lado todos os espaços da cidade e da natureza, criado como uma nova camada que preserva as camadas existentes (Oliveira, 2020).

*A Estrutura. O Monumentalizar.*

Evoca o imaginário passado, de uma memória campestre, agrícola onde o território não era tão áspero apartado. Um delírio fantasioso emerge ao idealizar nesse trecho a não existência do eixo viário, ou, pelo menos ele não estar onde sua configuração original o colocou. Uma troca de hierarquias entre automóveis e os pedestres. Uma súplica pelo direito de andar, pelo direito à cidade.

Surgiu a ideia de uma estrutura capaz de formalizar e integrar os espaços adjacentes ao eixo. Uma combinação entre o ideal do *Superstudio*, uma só estrutura capaz de ditar, delimitar e criar espaços urbanos ao longo do eixo, reconhecendo ao longo dele seus melhores pontos e os enaltecendo, como uma forma de um monumento de Bohigas. E com o arranjo territorial criado por Galfetti em seu projeto a conectar as extremidades da cidade por meio de uma grande estrutura de concreto a contemplar a paisagem do Vale do Ticino (Marcelo, 2016). A estrutura seria uma expansão do território.

*A Estrutura no quinto troço. Pilares “Habitáveis”.*

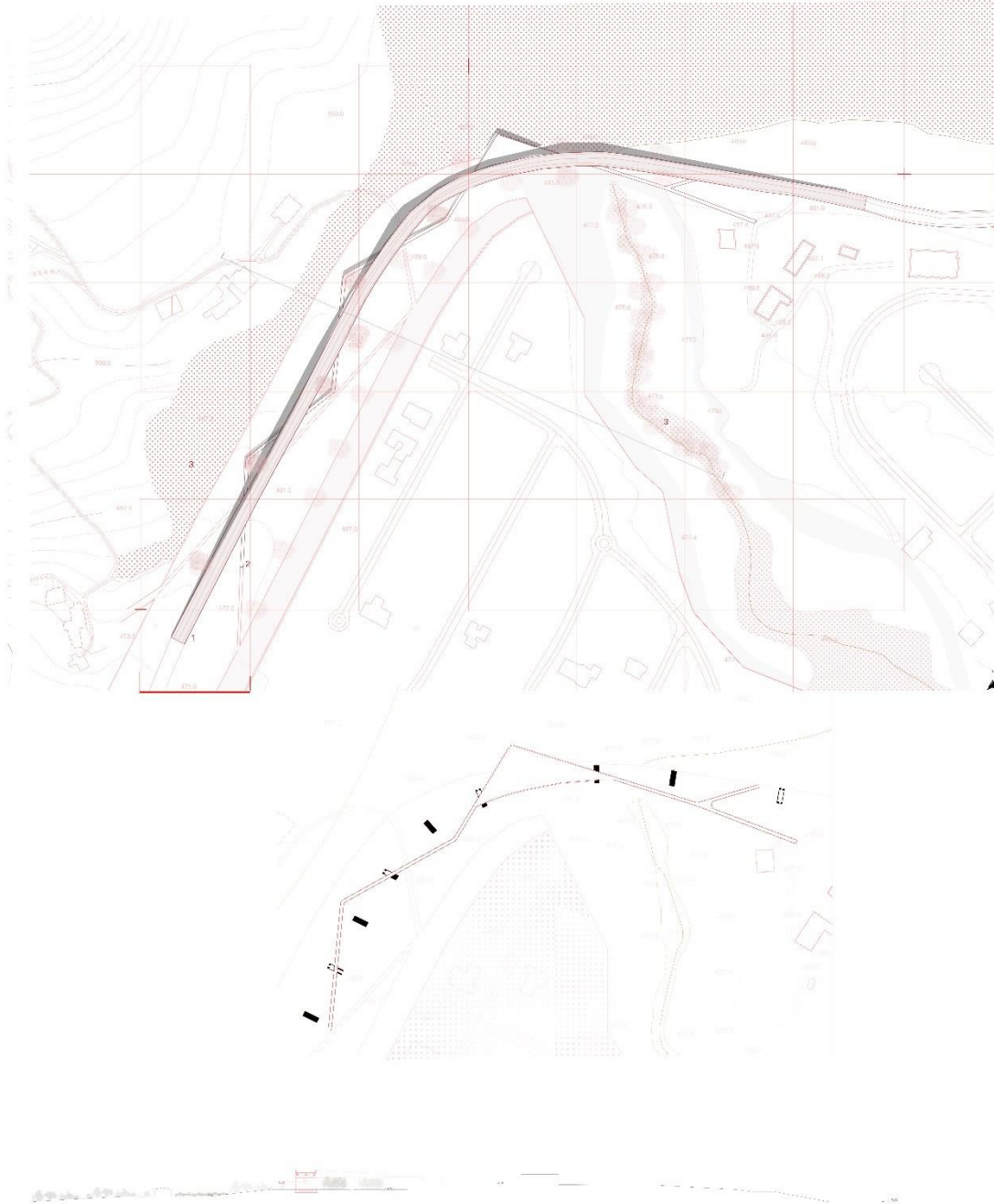
O monumento infra estrutural tem como início após a saída de Canhoso. O quinto troço do eixo já não existe. A estrutura surge, adaptando com topografia existente, dança, por vezes, sua altura (Figura 68). Sua forma é composta por duas cotas e duas

Coser o tecido fragmentado.

### Área de intervenção

Escala 1:1000

Planta de implantação e corte da intervenção ao longo do eixo TCT, Covilhã - Teixoso.



02

67. A estrutura (Autora, 2023).

Coser o tecido fragmentado.



03

**68. A Estrutura no quinto troço (Autora, 2023).**

plataformas a se considerar. A primeira a cerca de nove metros do chão, é destinada somente aos automóveis. A segunda, localizada mais abaixo é destinada aos pedestre. Possuente de uma forma diferente a plataforma acima, como um simbolismo do coser, ela sai e adentra os pilares. Cria-se um percurso, um movimento ao caminhar com uma “ondulação” no percurso proferido por Cullen(2008), um desvio obrigatório a um eixo, a proporcionar o prazer de coisas elementares e vitais como luz e sombra, revelando todas as gamas de possibilidades contidas no trajeto.

Mais abaixo, no “chão” (cota 475) é disposto por uma liberdade ao caminhar. É cadenciado pelos “pilares”, tais, configurados 12 metros em sua largura por 4 metros, em uma distância de quarenta entre eles, apresenta uma estrutura mista, compostos por vigas metálicas e de concreto, desenham novos espaços de encontro e molduram a paisagem, a oeste, de quintas e serras. Para além de uma função meramente estrutural, os pilares servem para serem habitados. Os “Pilares”, dentro dos mesmos, encontram-se uma “casca” envolvente a quatros pilares estruturais. Assim, é possível criar e habitar tais pilares. Os pilares habitáveis (Figura 71), são acessos para as cotas da estrutura, são equipamentos para auxiliar quem a percorre, são armazéns para as ferramentas de trabalho agrícola. Tais deixam a estrutura ser usada com várias escalas e funções. É a materialização do indivíduo, onde ele faz parte do espaço, assim como, o espaço faz parte do indivíduo (Deleuze & Guattari, 2011).

O monumento infra estrutural possui a cerca de um quilômetros em sua extensão. Após 578 metros do seu início é encontrado um espaço onde a ribeira do Monteiro é situada. Tal espaço é um separador de duas urbanidades. Com o desenho do chão e a vegetação posta o integra. Mais um pouco pela frente belas estruturas devolutas, em ruínas são localizadas. Assim, a estrutura se aproxima das ruínas e almeja as suas consolidações em algum futuro. A estrutura termina. O eixo viário se integra às vias municipais de Teixoso.

#### *A Estrutura no Bairro.*

A estrutura ressurgue no terreno a sul do Bairro (Figura 69). Uma projeção ao eixo viário superior (cota 540). A estrutura configura-se da mesma maneira e função, duas plataformas e seus pilares marcando o espaço abaixo. Tenciona-se assim, a criação de uma nova entrada ao Bairro. Iniciando na cota mais alta do terreno, a estrutura vai moldando o solo ao percorrer e bailando com a modulação

Coser o tecido fragmentado.

Área de intervenção

Escala 1:1000

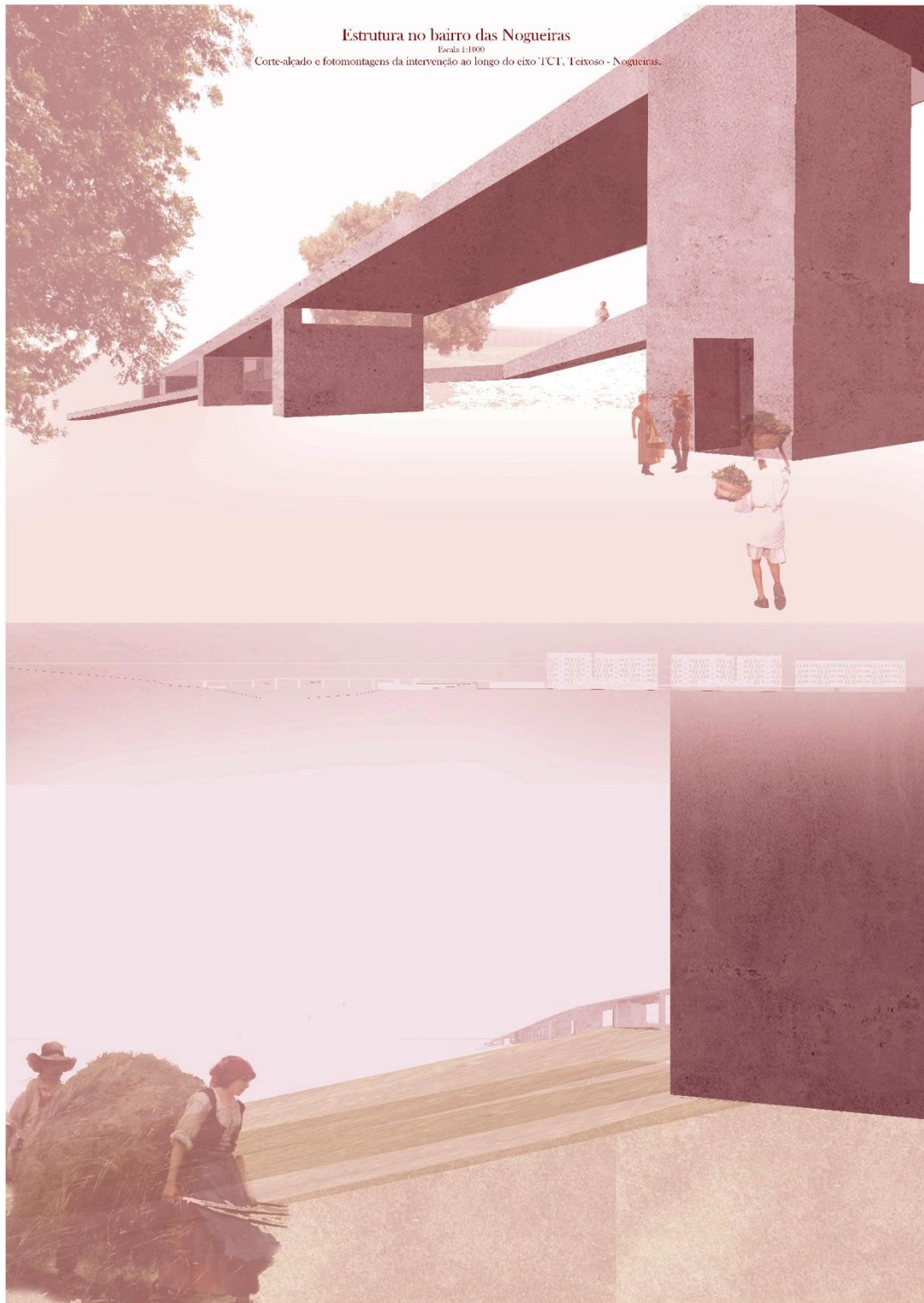
Planta de imputação da intervenção no Bairro das Nogueiras - Teixoso.



04

69. A Estrutura no Bairro (Autora, 2023).

Coser o tecido fragmentado.



05

70. A Estrutura em Nogueiras. Hortas (Autora, 2023).

topográfica. Acaba no final do Bairro, onde se localizavam as antigas hortas produzidas pelos moradores. Adentra-se um pouco do limite. Ela evoca a utilizá-la. É um verdadeiro monumento, um *Marco*, como o de Siza em Malagueira, os aquedutos de concreto a moldar a paisagem. A estrutura molda e cria no terreno a sul um novo espaço, um espaço público não existente no Bairro.

No mesmo sentido em evocar imaginário passado, de uma memória campestre e agrícola, ao visitar o bairro a primeira vez, para além da falta de espaços públicos e suas qualidades, um aspecto a chamar a atenção foi a delicadeza e o cuidado dos moradores em relação a consolidação de sua horta comunitária. Neste sentido, o antigo cultivo agora é multiplicado e difundir-se ao longo do terreno, uma das características interessantes em partes do terreno é a sua topografia e a lembrança e possibilidade de moldá-lo e remetê-lo aos socalcos agrícolas.

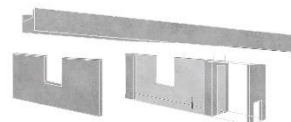
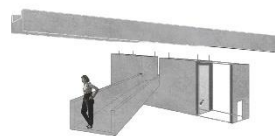
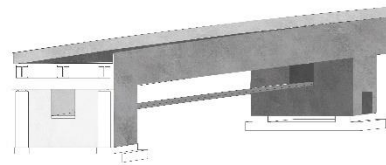
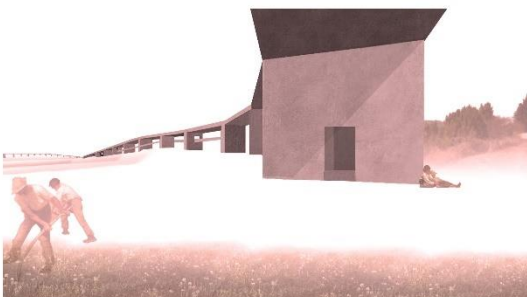
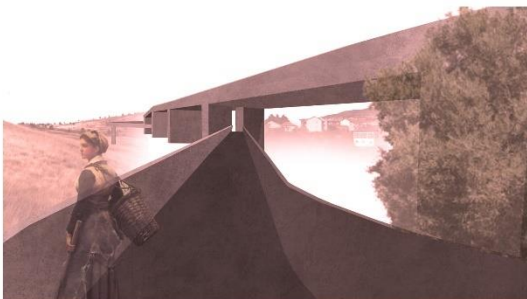
Como isso, as estrutura define um limite a ser explorado, moldando tanto os espaço acima, também, o abaixo com o conforto de suas sombras, os socalcos desenhos, os caminhos e a nova vegetação modelam o novo uso ao espaço, ao mesmo tempo, os pilares ditam o ritmo do percurso, auxiliam e abrigam as funções dos espaços públicos.

A materialização da peça em meio a paisagem urbana do Bairro reinterpreta sua morfologia urbana e a redesenha. O Bairro por meio dessa estrutura, como forma provocativa, suplica um novo olhar diante a sua implantação e a sua desterritorialização em relação a Teixoso. Essa estrutura atua na criação de um novo eixo, sendo não só viário, mas uma infraestrutura para uma nova mobilidade urbana. Ela serve não só para quem quer destinar-se ao Bairro, mas convida a outros explorarem o novo espaço público, não somente para o Bairro, mas para todos de Teixoso. Assim, cria-se a reintegração e a coesão do Bairro com a vila de Teixoso. Resignificando Nogueiras e valorizando-a.

Coser o tecido fragmentado.

### A Estrutura. Pilares habitáveis.

Planta das diferentes configurações dos pilares, fotomontagens e axonometria da Estrutura ao longo do eixo TCI e no Bairro das Nogueiras, Teixeira.



Coser o tecido fragmentado.

A estrutura da cidade

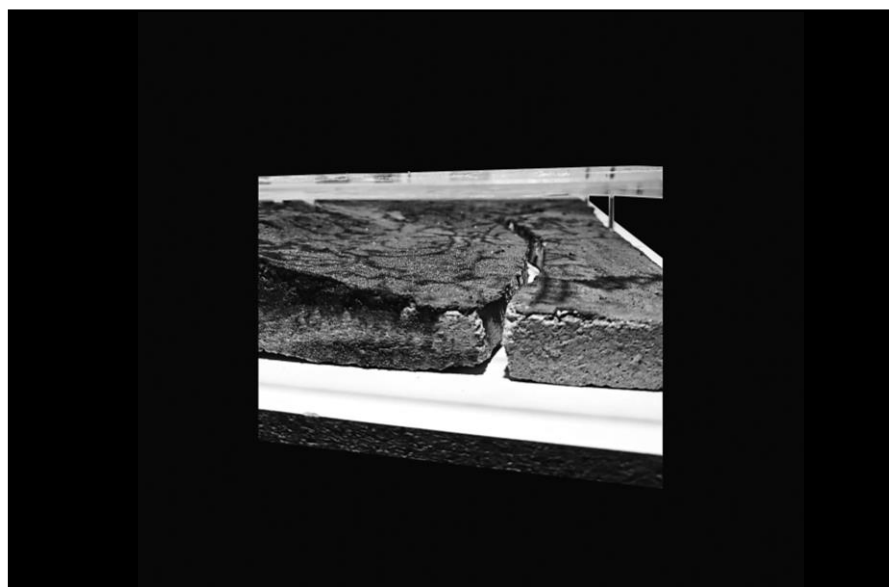
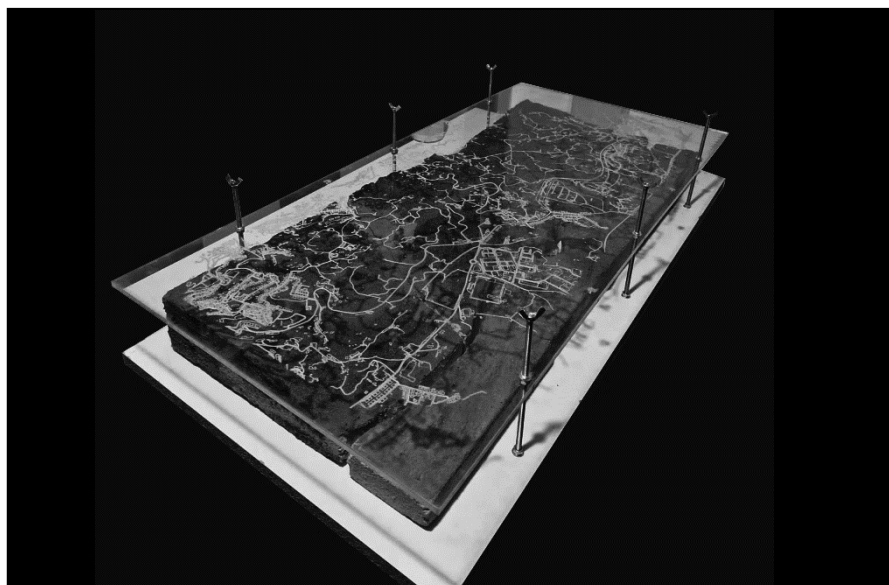
Perspectiva da estrutura do Bairro das Nogueiras.



07

**72.** A Estrutura da Cidade (Autora, 2023).

Coser o tecido fragmentado.



73. Maquete síntese. Eixo TCT .Território da Covilhã ao Bairro (Autora, 2023).

## 05. Considerações Finais

*Como é necessária uma visão um pouco mais além para fazer do que aquilo que parece fantasia, não seja. A vida é muito mais monumental. Enfrentamos a natureza para superá-la, e obrigá-la a desvendar os seus mistérios – Paulo Mendes da Rocha -aula inaugural FAU USP (Rocha, 2014).*

A dissertação apresentada desenvolveu-se ao entorno da questão de como o redesenho, a requalificação, o desenho e a criação de novos espaços públicos e urbanos podem contribuir para a inclusão, a ressignificação e o desenvolvimento de um território, para assim, garantir a sua identidade e valorização? No entanto, a discussão cercou-se , acima de tudo, sobre as cidades e suas formalizações.

Como referido no começo da dissertação a participação da atividade desenvolvida pelo grupo de alunos finalistas do curso de arquitetura da Universidade da Beira Interior no projeto Pátio dos 80, intervenção em um vazio urbano, pelo Programa Nacional Bairros Saudáveis, fora de extrema importância para o desenvolver mais crítico a respeito dos projetos de espaços públicos e a relação da arquitetura como forma de (re) valorizar os espaços quem os habitação.

Diante esta questão, a investigação teve como foco no aprofundar em perspectivas de cunho teórico, cujas temáticas que extrapolam o meio da arquitetura, a buscar reflexões entre o indivíduo e a cidade, a para compreensão dos espaços urbanos e as vivências e usos. Com isso, a dissertação teve como objetivo geral compreender o território urbano onde o bairro das Nogueiras está inserido, perceber sua morfologia, seus eixos e suas articulações e propor intervenções a pensar no requalificar do espaços e da reintegração diante do território.

Nos objetivos traçados:

- Analisar as estruturas e eixos articuladores do território da Covilhã e suas implicações à formação de Teixoso e, conseqüentemente, o Bairro das Nogueiras.

Foi verificado como se dá o fluxo e funcionalidade as pessoas, como ocorria a mobilidade, e como os espaços públicos eram utilizados levando-se em conta suas necessidades, onde o objetivo principal era integrar e ligar as pessoas do bairro com cidade, criando uma via pública para percursos mais atrativos.

Observados os pontos mais críticos e limitantes, foi necessário repensar o eixo, via para pedestres e para aumentar a segurança e qualidade de vida de quem a utiliza, levando-se em consideração a identidade da população.

- Sistematizar e qualificar os percursos e tipos de acessos existentes e suas variedades físicas e visuais.
- Compreender a relação e a dicotomia entre o espaço rural, do campo e o urbano presentes no território de Teixoso e ao longo do eixo.

Transversalmente a investigação com os moradores e um estudo de campo, percorrendo o eixo e observando o que era necessário para suprir várias necessidades dos moradores de Nogueiras sugere-se oferecer, através do eixo, funções mais adequadas por meio de um cenário que ofereça uma nova dinâmica do transitar pelo percurso tornando mais atrativa a troca de experiências entre as pessoas do bairro e cidade. Viabilizando, assim, a integração entre as áreas rurais e urbanas, anteriormente esquecida, por meio de sua paisagem e da nova proposta de mobilidade.

Foi alcançado o objetivo, transversalmente desse trabalho onde por apresentar um olhar mais crítico, focado não só nas necessidades econômicas e imobiliárias, mas muito na participação da sociedade em demonstrar anseios que contribuem para reforçar uma identidade, seu pertencimento e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida para o Bairro de Nogueiras, sendo assim que possa servir de futura aplicação.

- Por meio de um manifesto, apresentar as inquietações e problemáticas vigentes e propor da maneira descritiva e gráfica às soluções.

O desenvolvimento deste trabalho dos problemas analisados diante ao território e áreas espacialmente isoladas e, o potencial da arquitetura para combater esses problemas não visa a resolução totalitária ou a mais correta para tais problemas. Em vez disso, contribua para a discussão e estimule novas questões e o pensar da arquitetura mediante as cidades, territórios e paisagens.

## 06. Bibliografia

- Acayaba, M. (1986, outubro). Revista Projeto. Sesc Pompeia, um soco no estômago, 92.
- Almeida, L. (2012, julho 13). Dobras Deleuzianas, Desdobramentos de Lina Bo Bardi  
Considerações sobre “desejo” e o “papel do arquiteto” no espaço projetado.  
Dobras Deleuzianas, Desdobramentos de Lina Bo Bardi.  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4422>
- Ana Lúcia Gonçalves Maiolino; Deise Mnacebo. (s.d.). *Ana Lúcia Gonçalves Maiolino; Deise Mancebo Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Arendt, H. (2001). A condição humana. (1ª Edição). Relógio d'água.
- Artigas, R. (2002). Paulo Mendes da Rocha. Projetos de 1957 a 1999 (1ª Edição). Cosac.
- Bachelard, G. (2008). A Poética Do Espaço. (2ª Edição) WMF Martins Fontes.
- Bairros Saudáveis*. (agosto de 2022). Fonte: <https://www.bairrossaudaveis.gov.pt/o-programa/o-que-e/index.htm>
- Botton, F. B. (1999). *Sennett, Richard. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*.
- Bardi, L., Garcia, E., Ferraz, M., & Vainer, A. (2013). Cidadela da Liberdade. Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia (1ª Edição). Edições Sesc.
- Bohigas, O. (1986). Reconstrucción de Barcelona. (1ª Edição) MOPU arquitectura.
- Boletim da Câmara Municipal da Covilhã. (1992, março). Covilhã Municipal, 1(Câmara Municipal da Covilhã).
- Bucci, A. (1998). Anhangabaú, o Chá e a Metrópole [Dissertação de Mestre em Arquitetura]. Universidade de São Paulo.
- Buzzar, M. (2011). João Batista Vilanova Artigas. Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira (1ª Edição). Editora Unesp.

- Caballero, J. (2021, dezembro 1). El arquitecto que repensó Barcelona. <https://catalunyaplural.cat/es/oriol-bohigas-el-arquitecto-que-repenso-barcelona/>
- Campos, A. (2013). Habitação Social no Concelho da Covilhã. Inclusão ou Exclusão? [Dissertação para obtenção do Grau de Mestre]. Universidade da Beira Interior.
- Cavalcante, S., Elali, G., Mourão, A., & Bomfim, Z. (2011). Temas básicos em psicologia ambiental—Identidade social urbana (Primeira). Editora vozes.
- Cidade Criativa. (2022). Universidade da Beira Interior.
- Constituição da República Portuguesa, (1976) (testimony of Governo da República Portuguesa). <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/portugal/democracia>
- Cullen, G. (2008). Paisagem Urbana. (1ª Edição). Edições 70.
- Citroen, P. (s.d.). *Metrópolis, 1923*. Museu de Arte Moderna (MoMA), Sotheby's, Londres.
- Desenvolvimento, B. S.-A. (maio de 2022). *BEIRA SERRA - Associação de Desenvolvimento*. Fonte: <https://www.beiraserra.pt/quem-somos>
- da Rocha, P. M. (2018). Futuro desenhado. (1ª Edição) Monade.
- de Oliveira, O. (2018). Lina Bo Bardi. Obra construída. (3ª Edição). Gustavo Gili.
- Deleuze, G. (1969). A lógica do sentido. (4ª Edição). Perspectiva.
- Deleuze, G. (1991). A Dobra—Leibniz E O Barroco. (6ª Edição). Papyrus.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia. (2ª Edição). Editora 34.
- DGOTDU (1998) Vocabulário Urbanístico, DGOTDU. Lisboa.
- Dias, J. (Diretor). (2007). *As operações SAAL* [Filme Cinematográfico].
- Dias, M. (Diretor). (1996, fevereiro 22). Quinta da Malagueira. Em Quinta da Malagueira. RTP 2. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/quinta-da-malagueira/>
- Domingues, Á. (2009). A Rua da Estrada (1ª Edição). Dafne Editora.
- Drummond, C. (2018). Uma Província: Esta—Cidadezinha qualquer. Em Antologia Poética (6ª Edição). Publicações Dom Quixote.

- Feferman, C. (2007). A cidade Linear—Representações de um modelo no início do século XX. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Fellini, F. (Diretor). (1954). La strada [Longa-metragem].
- Foucault, M. (2008). Segurança, Território, População. (2ª Edição). Mantins Fontes.
- Geertz, C. (1978). A Interpretação das Culturas. Zahar Editores.
- Gehl, J. (2018). Cidades para Pessoas. (3ª Edição). Perspectiva.
- Gehl, J., & Svarre, B. (2018). A vida na cidade. Como estudar. (1ª Edição). Perspectiva.
- Grande, N. (2012). O ser urbano. Nos caminhos de Nuno Portas (Primeira). INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Hobsbawm, E. (1991). Nações e Nacionalismo desde 1780 (1ª Edição). Paz e Terra.
- Jacobs, J. (2011). Morte e vida de grandes cidades (3ª Edição). WMF Martins Fontes.
- Jacques, P. (2003). Apologia Da Deriva. Escritos Situacionistas Sobre A Cidade (1ª Edição). Casa da Palavra.
- Jornal dos Bairros Saudáveis*. (maio de 2022). Fonte: *Jornal dos Bairros Saudáveis*.  
Pátio dos 80:  
<https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/00000015/index.htm>
- Junior, A. (2011). Os saltos de escala no estudo (e no projeto) da cidade e do território. Indagações à luz do debate veneziano.  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.132/3897>
- Koolhaas, R. (1994). Delirious New York. A Retroactive Manifesto for Manhattan. (2ª Edição) Monacelli Press.
- Lefebvre, H. (2011). O Direito à Cidade. (2ª Edição) Centauro Editora.
- Lei de bases da habitação, n.o 83/2019 (03 de setembro).  
<https://www.helenaroseira.pt/legislacao/leisconcluidas/000606,000064/index.htm?t=lei-de-bases-da-habitacao>
- Leibniz, G. (2017). Discurso de Metafísica (1ª Edição). Edições 70.
- Lima, V. (2011). A Construção do Conceito de Identidade Urbanística como Contribuição ao Campo do Desenho Urbano.

- Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade* (1ª Edição). Edições 70.
- Manna, E. (2008). *Arquitextos. Broadacre City. Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e ecologia social*, 095.02.  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/148>
- Marcelo, O. (2016, abril 28). *Progetti per la città di Bel-lin-zo-na*. Espazium.  
<https://www.espazium.ch/it/attualita/progetti-la-citta-di-bellinzona>
- Muxí, Z., & Borja, J. (2003). *El espacio público. Ciudad y ciudadanía* (1ª Edição). Electa.
- Muxí, Z., & Montaner, J. (2014). (4ª Edição). *Arquitetura e Política*. Gustavo Gili.
- Niemeyer, O. (2014). *A forma na arquitetura* (1ª Edição). Edições 70.
- Niemeyer, O. (2010). *Conversa de arquiteto* (4ª Edição). Revan.
- Ochoa, R. (2011). *Cidade e frente de água. Papel articulador do espaço público* [Tese para a obtenção do grau de doutor]. Universidade de Barcelona - Faculdade de Belas Artes, Espanha.
- Oliveira, L. (2020). *Percorrendo o monumento contínuo nas fotomontagens do Superstudio. Percorrendo o monumento contínuo nas fotomontagens do Superstudio*, 9(2ª Edição).  
[https://www.researchgate.net/publication/340681533\\_Percorrendo\\_o\\_monumento\\_continuo\\_nas\\_fotomontagens\\_do\\_Superstudio](https://www.researchgate.net/publication/340681533_Percorrendo_o_monumento_continuo_nas_fotomontagens_do_Superstudio)
- Peligro, J. (2022). *La Ciudad Imposible* (Valladolid).
- Quintana, M. (2005). *Das Utopias*. Em *Espelho Mágico* (2ª Edição). Globo.
- Peligro, J. (2022). *La Ciudad Imposible. La Ciudad Imposible*. Valladolid, Espanha.
- Portas, N., Domingues, Á., & Cabral, J. (2012). *Políticas Urbanas ii. Transformações, regulações e projectos* (Primeira). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quintana, M. (2005). *Das Utopias*. Em *Espelho Mágico* (Segunda). Globo.
- Radford, M. (Diretor). (1994). *Il postino* [Longa-metragem].
- Renfro, D. S. (10 de Março de 2023). *Diller Scofidio + Renfro*. Fonte:  
<https://dsrny.com/project/the-high-line?section=projects&index=false&search=high%20line>

- Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT)—Covilhã, (2019) (testimony of Pereira Vitor).
- Rocha, P. M. (março de 2014). Aula inaugural do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU USP com o Prof. Dr. Paulo Mendes da Rocha, março de 2014. (FAUUSP, Entrevistador)
- Rossi, A. (2001). *A arquitetura da Cidade* (Segunda). Cosmos.
- Rossi, A. (1976, dezembro). La cit-tà analoga; tavola. *La citta analoga; tavola*, 13(Lotus).  
[https://monoskop.org/File:Rossi\\_Aldo\\_1976\\_The\\_Analogous\\_City\\_Panel.pdf](https://monoskop.org/File:Rossi_Aldo_1976_The_Analogous_City_Panel.pdf)
- Sanches, R., & McGuirk, J. (2018). As cidades podem nos fazer cidadãos melhores?
- Santos, A. P. (1993). *SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público – As Tiránias da Intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sennett, R. (2015). *O Declínio do Homem Público. As Tiránias da Intimidade*. (2ª Edição) Editora Record.
- Sennett, R. (2018). *Construir E Habitar. Ética Para Uma Cidade Aberta* (2ª Edição). Record.
- Sperling, D. (2001, novembro 2). Museu Brasileiro da Escultura, utopia de um território contínuo. Museu Brasileiro da Escultura, utopia de um território contínuo, 018.02. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/828>
- Stavrídes, S. (2021). *Espaço Comum. A cidade como obra colectiva* (1ª Edição). Orfeu Negro.
- Tarcyła, R. (2018). *Gentrificação: Aspectos conceituais e práticos de sua verificação no brasil*. Gentrificação: Aspectos conceituais e práticos de sua verificação no brasil, 10.
- Távora, F. (2015). *Da organização do Espaço* (9ª Edição). FAUP publicações.

Turenscape. (10 de Abril de 2023). Fonte: Turenscape:

<https://www.turenscape.com/project/detail/4644.html>

UN-HABITAT. United Nations Human Settlements Programme. Public Space Site-Specific Assessment. Guidelines to achieve quality public spaces at neighbourhood level. Public Space Program: Nairobi, KENYA.

[https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/07/final\\_pssa\\_v.1\\_reviewed\\_compressed.pdf](https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/07/final_pssa_v.1_reviewed_compressed.pdf)

Veríssimo, C., & Burnay, D. (2022). Emerging voices on new architectural ecologies.

Trienal de Arquitetura de Lisboa (Primeira, Vol. 1). Circo de ideias.

Whyte, W. (2001). The Social Life of Small Urban Spaces (8ª Edição). Project for Public Spaces.

Coser o tecido fragmentado.